

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

DAVID KURA MINUZZO

LOMBA DO PINHEIRO, MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CIDADANIA:
VOZES, OLHARES E EXPECTATIVAS DE SEUS AGENTES E ATORES SOCIAIS

Porto Alegre
2011

DAVID KURA MINUZZO

**LOMBA DO PINHEIRO, MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CIDADANIA:
VOZES, OLHARES E EXPECTATIVAS DE SEUS AGENTES E ATORES SOCIAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, do Curso de Graduação em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Dalla Zen

Porto Alegre
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice Reitor: Prof. Rui Vicente Opperman

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof. Dr. Ricardo Schneiders da Silva

Vice Diretor: Prof^a. Dr^a. Regina Van der Lann

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe-Substituta: Prof^a. Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Prof^a. Ms. Marlise Maria Govanaz

Coordenadora-Substituta: Prof^a. Ms. Jeniffer Alvez Cuty

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M668l Minuzzo, David Kura
Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania:
vozes, olhares e expectativas de seus agentes e atores sociais
/ David Kura Minuzzo – 2011.

171 f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal do Rio Grande do Sul / Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação / Curso de Museologia, Porto Alegre, 2011.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Dalla Zen

1. Museologia. 2. Nova Museologia. 3. Museu Comunitário.
4. Extensão Universitária. 5. Memória. 6. Informação.
7. Cidadania. I. Dalla Zen, Ana Maria. II. Título.

CDU 069

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, n. 2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3308-5067

Fax: (51) 3308-5435

Email: fabico@ufrgs.br

DAVID KURA MINUZZO

**LOMBA DO PINHEIRO, MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CIDADANIA:
VOZES, OLHARES E EXPECTATIVAS DE SEUS AGENTES E ATORES SOCIAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, do Curso de Graduação em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado pela Banca Examinadora em _____ de _____ de 2011.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador – Prof^a. Dr^a. Ana Maria Dalla Zen

Prof^a. Dr^a. Sandra de Deus

Prof^a. Dr^a. Zita Rosane Possamai

O homem prepara o cavalo para o dia da batalha, mas a vitória vem do Senhor.

Provérbios 21: 30

Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor. Mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser. Mas graças a Deus não somos o que éramos.

Martin Luther King

AGRADECIMENTOS

À Inês, minha esposa, que suportou minhas horas quase intermináveis de estudo, quase sem folgas em finais de semana.

À Matilda, minha filha, companheira que indo e vindo da faculdade, nestes anos todos, soube ser uma colega madura e que muito me ensinou.

Ao Rodolfo e Caetano, meus filhos, que mesmo distantes, torceram por mim.

Às minhas noras e genro, que viam tudo de longe, mas esperavam o melhor.

Aos meus pais, que foram quase deixados de lado durante quatro longos anos.

Aos meus sogros, que contavam comigo para levar a família para mais perto deles durante este tempo, que agora finalmente chegou ao fim.

Aos demais parentes: os irmãos, as cunhadas, o cunhado e os sobrinhos, que me viam indo e vindo como quem estava sempre começando de novo.

À Ana Maria Dalla Zen, minha orientadora, com quem aprendi a ter paciência nas horas difíceis.

Às professoras da Museologia, da Biblioteconomia e da Arquivologia, entre outras faculdades, que sempre buscaram oferecer o melhor. Sem esquecer todas aquelas professoras e professores que permanecem e aquelas que não mais estão na Fabico, que em quatro anos (de)formaram minha vida.

A Prorext, que soube compreender o quanto era importante o Programa Lomba do Pinheiro, tanto para a comunidade do bairro quanto para a acadêmica.

À Cláudia Feijó da Silva que soube ser uma professora e amiga na extensão, que dedicou tempo para coordenar e ensinar aquilo que ainda faltava para desencadear cada projeto. Pela sua capacidade em administrar um museu comunitário, com tantos problemas, poucos estagiários e bolsistas, e pouco dinheiro.

Ao senhor Edeimar Remião, homem dadivoso e sempre atento às necessidades da Lomba do Pinheiro.

Ao Instituto Popular de Arte-Educação, mantenedora da instituição.

Ao Lucas Antonio Morates e Aline Portella Fernandes, com os quais compartilhei a administração do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro em 2011. A Daniela Amaral, a qual a Museologia também só fez sentido ao trabalhar no Museu. A esses e outros colegas que comigo montaram, até quase madrugada, diversas exposições.

Ao amigo Mozart Brasil Gomes Neto pela gentileza nos momentos finais do TCC.

Aos muitos amigos e amigas que fiz no Pinheiro, de cada lado da Estrada João de Oliveira Remião, nas quatro faces do bairro. Aos moradores das tantas vilas, em especial da Vila Recreio da Divisa. Ao cacique José Cirilo, da aldeia M'Bya Guarani, pela abertura que sempre possibilitou ao Lombatur.

À amiga Wanda Gomes Siqueira e toda a sua equipe, que sempre acreditaram na justiça.

Ao Gustavo Victorino, procurando sempre despertar o senso crítico na população desta terra, para que nosso país possa ser melhor.

Aos amigos funcionários da Fabico, desde o pessoal da portaria, secretaria, xerox, biblioteca, Lacre.

Aos bons colegas de aula com os quais convivi e fomos parceiros em tantas atividades em grupo, viagens e apresentações de trabalhos pelo Brasil e exterior.

Muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania na perspectiva dos sujeitos envolvidos, nas categorias de professores e alunos da Universidade e moradores da comunidade que dele participaram. Relata as quatro ações de extensão em andamento: os projetos de Educação para o Patrimônio, Museu de Rua, História Oral e Turismo Comunitário. Discute o processo de criação do Programa, proposto como um programa de extensão, que busca, através da interação entre o curso de Museologia da UFRGS e o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, criar alternativas para promover o desenvolvimento e a mudança social daquela comunidade. Apresenta o processo de realização da investigação, sob abordagem qualitativa, na forma de um estudo de caso, reunindo os depoimentos dos sujeitos da pesquisa através de formulários e entrevistas informais. Apresenta uma reflexão teórica em torno da função social da universidade, do papel da extensão universitária, da função social e inclusiva da Museologia, proposta pela Nova Museologia e os museus comunitários como seus instrumentos de ação. Os depoimentos revelaram o entendimento de moradores e estudantes sobre patrimônio e museu comunitário. Os resultados indicaram que o Programa contribuiu para desenvolver o conceito de patrimônio histórico, cultural e social e elevar a auto-estima dos moradores. Acrescentou conhecimento prático aos alunos do curso de Museologia envolvidos nas ações. Conclui que a continuação do Programa acrescentará maiores ganhos a ambos os parceiros. Sugere-se que no decorrer do Programa as ações sejam ampliadas por meio de projetos que constam na proposta inicial, visando atender outros grupos da comunidade.

Palavras-chave: Museologia. Nova Museologia. Museu Comunitário. Extensão Universitária. Memória. Informação. Cidadania.

ABSTRACT

The following work aims to analyze the program "Lomba do Pinheiro: Memory, Information and Citizenship" from the perspective of the subjects involved in the categories of teachers and students of the University, as well as the community resident members who have participated on its development. It reports and describes the four ongoing extension actions: the projects for Heritage Education, The Street Museum, Oral History and Community Tourism. It discusses the process of creating the program, proposed as an extension program that seeks, through the interaction between the Museology course at UFRGS and the Community Museum of Lomba do Pinheiro, creating alternatives to promote social development on that community. The work presents the process of conducting research, a qualitative approach in the form of a case study, bringing together the testimonies of the research subjects through forms and informal interviews. It presents a theoretical reflection about the university's social function, the role of university extension, the social inclusive function of Museology, proposed by the New Museology, and community museums as its instruments of action. The hearings revealed the understanding of residents and students about the heritage and community museum. The results indicated that the program helped to develop the concept of historical, cultural and social development and raise the self-esteem of residents. It added practical knowledge to the students of Museology involved in the actions. It brings to a conclusion that the maintenance of the program will increase gains to both partners. It is suggested that during the program the actions would be expanded through projects contained in the original proposal, aiming to attend other community groups.

Keywords: Museology. New Museology. Community Museum. University Extension. Memory. Information. Citizenship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A LOMBA DO PINHEIRO E A CIDADE DE PORTO ALEGRE.....	13
3 OS MUSEUS COMUNITÁRIOS: objetivos, funções e perspectivas	21
4 A FUNÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE E O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	46
4.1 O Compromisso Social da Universidade	46
4.2 A Extensão Universitária, uma Aproximação Conceitual.....	50
5 MUSEOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E MUDANÇA SOCIAL.....	61
6 O PROGRAMA LOMBA DO PINHEIRO, MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CIDADANIA	71
6.1 Educação para o Patrimônio.....	76
6.2 História Oral.....	86
6.3 Museu de Rua.....	99
6.4 Turismo Comunitário	111
6.5 O Programa em Números	123
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICE A - Disciplinas do Curso de Museologia.....	143
APÊNDICE B - Professores/Estudantes da UFRGS e equipe do IPDAE e MCLP/MFR	144
APÊNDICE C - Produção de Trabalhos a partir do Programa de Extensão	145
APÊNDICE D - Declaração de Cedência de Direitos	149
APÊNDICE E - Convite Lançamento Museu de Rua.....	150
APÊNDICE F - Convites: Roda de Memória Pinheirense F. C.	151

APÊNDICE G - Convite Lançamento Exposição Rodas de Memória: Pinheirense F. C. e Ervas e Benzeduras.....	152
ANEXO A - Programa de Extensão Universitária 2009	153
ANEXO B - Estatuto Social da ONG: Instituto Popular Arte-Educação, Mantenedora do MCLP/MFR.....	165
ANEXO C - Ata de Proposta de Constituição do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro.....	166
ANEXO D - Ata fundação Associação de Moradores da Vila Recreio da Divisa	168
ANEXO E - Autorização para Fundação José de Paiva Neto/TVBRASIL gravar programa no MCLP/MFR.....	169
ANEXO F - Mapa do Ponto de Memória, Resultado do Inventário Participativo a partir do Itinerário do Projeto de Turismo Comunitário - Lombatur	170

1 INTRODUÇÃO

Em 2009 foi implantado no bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, RS, o Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, conforme ANEXO A¹. Ele é um Programa de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. No ano de 2011 completam-se três anos desde que as ações dos primeiros projetos começaram a ser desenvolvidas. O referido Programa de Extensão Universitária é realizado numa parceria entre o curso de Museologia da UFRGS e o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião - MCLP/MFR.

Neste trabalho veremos a tipologia museu comunitário, que é um instrumento para a construção de sujeitos coletivos, enquanto os moradores se apropriam dele para enriquecer as relações no seu interior, para desenvolver a consciência da própria história, para propiciar a reflexão e a crítica e organizar-se para uma ação coletiva transformadora. Tendo em vista esse conceito, o Programa, cumprindo a missão social da universidade, foi elaborado com o objetivo de promover a interação entre a academia e os diversos segmentos do bairro Lomba do Pinheiro, visando o desenvolvimento e a mudança social.

Nesse contexto, a justificativa deste trabalho de pesquisa é conhecer qual o impacto do Programa sobre aqueles que efetivamente participaram das ações dos projetos realizados: os agentes e os atores sociais do bairro e do curso de Museologia. O objetivo foi identificar situações que deixaram marcas positivas junto aos agentes e atores sociais; analisar possíveis falhas para promover modificações e as correções necessárias a alcançar os objetivos propostos; avaliar a adequação dos projetos para os diferentes agentes e atores sociais, avaliar se o Museu Comunitário e a Mantenedora constataram transformações na comunidade e propor uma eventual reestruturação do Programa, visando atender às demandas da comunidade, bem como produzir conhecimentos sobre a importância dos museus comunitários na sociedade. A avaliação do Programa insinua modificações e/ou implementações, a exposição de resultados divulgará a tipologia e as possibilidades

¹ As Ações do Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, enviadas ao MEC, encontram-se cadastradas no Sistema de Extensão da UFRGS: Ação I/2009, Registro nº 13.184; Ação II/2010, Registro nº 16.092; Ação III/2011, Registro nº 18.449. No ANEXO A, consta a Ação I, cadastrada em 2009.

de um museu comunitário, para que futuros estudantes do curso de Museologia possam prosseguir com as ações dos projetos.

É possível dizer que o Programa Lomba do Pinheiro é o amadurecimento de diversas ações, que, desde 1998 são realizadas pelo Instituto Popular de Arte e Educação - IPDAE, uma Organização Não Governamental - ONG - criada naquele território, com o objetivo de proporcionar acesso à leitura, à música, à arte e à cultura, como instrumentos mediadores na formação do indivíduo, e, dessa forma estabelecer alternativas inclusivas à comunidade. A ONG passou a atuar no bairro, junto a grupos em situação de risco social, por meio da criação da Escola de Música, da Orquestra do IPDAE e da Biblioteca Leverdógil de Freitas. Como uma das estratégias iniciais de ação, o IPDAE promoveu no final daquela década, um mapeamento sócio-cultural, com o objetivo de recuperar e registrar informações sobre a trajetória histórica do bairro, por meio da memória dos moradores, iniciando pelos mais antigos. Uma pesquisa foi realizada com o apoio e participação de moradores da comunidade e de alunos de Ensino Médio, orientados por pesquisadores acadêmicos do Brasil e do exterior. A estratégia evoluiu em 2005, com a fundação do MCLP/MFR, do qual a ONG se tornou mantenedora, conforme Estatuto Social do IPDAE, ANEXO B.

A partir de 2009, com a criação do curso de Museologia na UFRGS, foi firmada uma parceria entre a Universidade e o MCLP/MFR, para implantar o referido Programa de Extensão, alvo desta monografia, o qual realizou ações por meio de quatro projetos que manteve em andamento: Educação para o Patrimônio, História Oral (Rodas de Memória), Museus de Rua e Turismo Comunitário (Lombatur).

A investigação realizada dentro do Programa considerou a existência de uma relação dinâmica na prática de vida dos sujeitos pesquisados, sujeitos que mantêm um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e sua subjetividade, conexão essa, que pode ser traduzida por meio de idéias. A abordagem metodológica da pesquisa foi qualitativa, de cunho etnográfico, realizada durante o segundo semestre do ano de 2011, entre agosto e novembro, e abordou setenta e três sujeitos. Os resultados analisados no decorrer do texto mostram as diversas ideias sobre museu e museu comunitário, que permeiam o entendimento, tanto dos agentes quanto dos atores sociais, sejam do bairro sejam da Universidade. Apresenta também, o resultado da Política de Extensão levada a efeito pela UFRGS, por meio desse Programa e a função do curso de Museologia nas políticas sociais da Universidade.

As entrevistas foram gravadas em áudio e orientadas por um formulário, como proposta para desencadear uma conversa individual com cada agente e ator social. Não foi estabelecido um período de tempo determinado, a fim de ouvir suas considerações sobre a participação nas ações de algum dos projetos. Os dados foram degravados e, após recorte nas falas dos entrevistados, os resultados são apresentados em conexão com as referências teóricas. Os depoentes firmaram uma Declaração de Cedência de Direito para divulgação de sua imagem e entrevista, conforme APÊNDICE D.

Assim, para efetivar uma avaliação da contribuição desse Programa de Extensão para a comunidade do bairro, considerou-se que as relações entre a memória e a identidade, tanto dos agentes quanto dos atores sociais envolvidos, poderiam estabelecer uma resposta ao problema desta pesquisa, ou seja, revelar qual o impacto produzido. As respostas obtidas, durante as entrevistas, proporcionaram conhecer a contribuição das diversas ações do Programa. Portanto, nos capítulos posteriores serão apresentados, discutidos e interpretados os dados obtidos por essa investigação.

No que segue, será feita uma localização espaço/temporal da pesquisa, a partir de uma prospecção histórica do bairro da Lomba do Pinheiro, dentro da cidade de Porto Alegre.

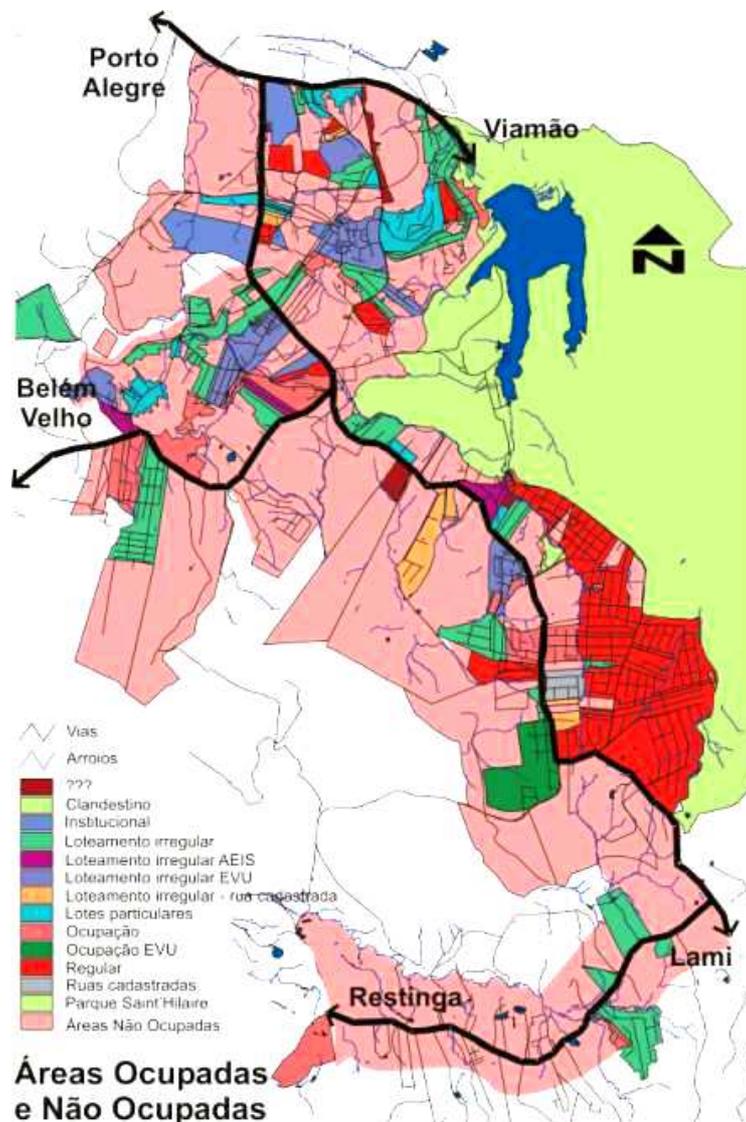
2 A LOMBA DO PINHEIRO E A CIDADE DE PORTO ALEGRE

O bairro Lomba do Pinheiro, ou apenas: “Lomba”, ou ainda, “Pinheiro”, como a maioria dos moradores se refere ao seu território, até meados do século XX se constituía numa área rural, voltada à produção agrícola e à criação de animais. Para identificar a evolução do bairro, é necessário rever um pouco da história da cidade de Porto Alegre, cuja fundação remonta ao século XVIII, mais especificamente ao ano de 1772. Porém, antes da fundação da atual capital gaúcha, a região fazia parte de três Sesmarias, concedidas a: Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcellos, Sebastião Francisco Chaves e Dionísio Rodrigues Mendes (PREFEITURA..., 2011b, *online*). As Sesmarias eram inicialmente grandes estâncias de criação de gado, limitadas entre o arroio Feijó, os rios Gravataí e o Guaíba (SYMANSKI, 1997, p.22), este, hoje reconhecido como lago Guaíba. A estância de Sant’ana, pertencente a Jerônimo de Ornelas, foi erigida nos altos do atual morro Santana, e sua extensão terminava na ponta da península, conhecida mais tarde por Ponta do Arsenal, Ponta da Cadeia ou Ponta do Gasômetro (PREFEITURA..., 2011b, *online*).

A Sesmaria de Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcellos ficou conhecida pelas denominações: Porto do Dorneles ou Porto de Viamão. Em 1739, Jerônimo de Ornelas requereu a posse das terras e recebeu Carta de Posse em 1740 (PREFEITURA..., 2011b, *online*). Doze anos depois, em 1752, um grupo de açorianos chegou à região, com destino aos confins da Capitania do Rio Grande de São Pedro, porém acabaram assentados nas terras de Jerônimo de Ornelas, originando o primeiro grupo urbano: o Passo de Ornelas, atual Passo Dorneles, que hoje integra o município de Viamão. Mais tarde, em 1762, Inácio Francisco de Melo adquiriu a parte restante das terras da Sesmaria, próximo ao Guaíba, e em 1772 o Porto de Viamão foi elevado à Freguesia, data oficial da fundação da cidade de Porto Alegre (SYMANSKI, 1997, p.23).

Durante longo tempo a região da Lomba do Pinheiro permaneceu com grandes extensões de campos e morros, divididos entre as famílias que cultivavam hortifrutigranjeiros: trigo, aipim, mandioca, milho, batata doce, feijão, pêra, laranja etc.; sendo que alguns proprietários criavam animais e produziam, entre outros produtos: carne, banha, leite e ovos. Além de ser comercializada principalmente na região, a produção era levada para o centro de Porto Alegre, conduzida pelas estradas de terra por meio de carroças e carretas de boi.

As atividades rurais de subsistência conservaram as características rurais da região quase sem alteração até meados de 1940. Nesta época as terras passaram novamente a ser divididas em áreas menores e vendidas pelos posseiros e proprietários. A partir da década de 1950 o poder público incentivou na Lomba, e em bairros ainda mais distantes do centro da capital, a instalação de famílias oriundas do êxodo rural, porém a ocupação ocorreu de forma desordenada. Muitos loteamentos eram irregulares, sem infra-estrutura básica, como rede de água e esgotos, energia elétrica, acesso à saúde, escolas, calçamento e transporte.



Fonte: (OBERRATHER; PEGORARO, 2006, p.2).

Conforme Oberrather e Pegoraro (2006) a Lomba do Pinheiro continua sofrendo as consequências daquela política neste início de século, pois a região:

[...] ao longo dos anos [é] uma alternativa de assentamentos habitacionais bastante desorganizados, apresentando ausência ou precariedade no atendimento pelos serviços públicos, com sérios problemas de infra-estrutura, saneamento básico e situações de risco, além de uma intensa degradação ambiental (OBERRATHER; PEGORARO, 2006, p.4).

No entanto, devido à necessidade de melhorias, no final da década de 1950 a comunidade começou a fundar associações de moradores nas primeiras vilas. Na época, as vilas ainda constituíam núcleos bastante isolados, e, a partir delas, reivindicavam energia elétrica, água tratada, posto de saúde, escolas, reparos nas estradas de acesso, melhores transportes. De tal modo, que na busca por reconhecimento para o bairro e avanço nas condições de vida, a primeira associação, fundada em 1957, promovia sabatinas com candidatos a cargos eletivos ao município de Porto Alegre. Dois anos depois, o bairro Lomba do Pinheiro foi oficialmente criado pela Lei 2002 de 07/12/1959, e em 1962 recebeu o nome, a partir do Projeto de Lei do Vereador Landell de Moura (OBSERVAPOA, 20--, *online*).

Em relação à denominação Lomba do Pinheiro, conforme narrativas dos moradores mais antigos, existia na entrada do bairro, ainda no bairro Agronomia, entroncamento da Avenida Bento Gonçalves com a atual Avenida João de Oliveira Remião, um pinheiro (*Araucaria angustifolia*). Próximo ao “grosso pinheiro” havia uma lomba (subida íngreme) na antiga Estrada das Tiririca (*sic*).

Para compreender a origem do termo “lomba”, é possível verificar que, tanto nos Açores quanto em Portugal, inúmeras localidades, municípios ou as chamadas “freguesias”, possuem o termo “lomba”, isolado ou fazendo parte da denominação de diversos sítios. Semelhante uso ocorre no Rio Grande do Sul, em geral nos locais onde a topografia do terreno apresenta uma inclinação acentuada. O termo lomba é frequente como referência a um caminho que precisa ser percorrido, por meio de uma ladeira ou elevação crescente, para se chegar ou sair de algum lugar. No caso, a Lomba do Pinheiro está localizada em uma região elevada, com acesso pela estrada que também possuía uma ladeira acentuada para se atingir às vilas do bairro. E como a região da Lomba inicialmente foi habitada por descendentes de açorianos e portugueses, a influência se justifica.

O acesso principal ao bairro, denominado inicialmente como Estrada das Tiririca (*sic*) nada mais era do que uma “picada”, ou abertura em meio a mata, morro

acima. A Tiririca, além de ser conhecida por outros nomes, como Junquinho (*Cyperus rotundus*), é uma erva daninha que “[...] possui um conjunto de bulbos, rizomas e tubérculos subterrâneos, interligados em forma de corrente, de onde surgem as folhas e as hastes florais” (PEREIRA; 20--, *online*).

Em relação à quantidade de vilas, a Prefeitura de Porto Alegre aponta a existência de vinte e três vilas na Lomba do Pinheiro, mas informalmente a contagem chega a trinta. É possível que algumas pequenas comunidades, resultados de recentes invasões, ainda não tenham sido computadas. No final dos anos 1990 o bairro recebeu cinco novas vilas: São Pedro, Santa Helena, Panorama, Santa Filomena e Bonsucesso, quando a Lei 7.954 de 08/01/1997 alterou os limites municipais entre Porto Alegre e Viamão (BLOG..., 2011?, *online*). Essas comunidades somaram-se às vilas Morada da Colina, Rincão das Flores, Elo Dourado, São Francisco, Mapa I e II, Chácara das Peras, da Pedreira, Quinta do Portal, Jardim Lomba do Pinheiro, São Claro, Jardim Franciscano, Nova São Carlos, Viçosa, Goiás, Jardim 1º de Maio, Nova Serra Verde, Serra Verde, Pinhal, Recreio da Divisa, Comunidade Kaingang e Comunidade M’byá Guarani (PREFEITURA..., 2011c, *online*). Durante a pesquisa não possível um contato com lideranças das associações de moradores das vilas Stelamar, São Mateus, Beco do David, Invasão, 4 de Junho, Santo Antonio, Pinheiros e Esmeralda. Assim, o bairro Lomba do Pinheiro compreende um total de trinta e três vilas e duas comunidades indígenas.

A população do bairro é formada por moradores dos mais diversos pontos do Rio Grande do Sul e de outros Estados. Esses moradores possuem memória e identidade as mais diversas sobre a Lomba, memórias que apenas recentemente começaram a ser registradas. Conforme Fontoura (2005, p.21) “É no cotidiano que os aspectos ligados às vivências, aos julgamentos e aos sentimentos se destacam. São eles que alimentam a construção da identidade e a motivação para fazer parte de ações coletivas”.

Embora o senso comum entenda que em todas as vilas do bairro impere a pobreza, o desemprego, a falta de estrutura e a degradação ambiental, essa não é a realidade da região em termos de situação socioeconômica, histórica e geográfica. Segundo Oberrather e Pegoraro (2006) a Lomba do Pinheiro:

É uma área desvinculada da malha urbana contínua e compacta [...] Constitui-se numa parcela do território municipal que se destaca pela presença de valores naturais significativos para a cidade, com

influência na Região Metropolitana. Sua principal via, Estrada João de Oliveira Remião, se encontra sobre o divisor de bacias de dois importantes arroios de Porto Alegre, o Dilúvio e o Salso (OBERRATHER; PEGORARO, 2006, p.3).

Ainda que esse esplêndido ambiente natural sempre estivesse à disposição da cidade de Porto Alegre, no passado tais características positivas não foram dimensionadas nem preservadas de maneira apropriada. E, em consequência de atos praticados por autoridades municipais sem o devido planejamento, hoje os moradores da Lomba e de parte da capital, sentem a falta de critérios que apenas adiaram os problemas urbanos, ao transferi-los de local. No início do século XX as autoridades municipais buscaram soluções para as habitações precárias que se avolumavam nas imediações do centro, sob a forma de cortiços. Conforme Baierle (1992, p.42): “Além da higienização e da remoção, comuns a outras capitais do País, ocorreram debates sobre a especulação imobiliária e sobre a necessidade de intervenção do Estado na regulação do mercado de terras”. No caso, as referidas ações beneficiaram a especulação imobiliária. Vale ressaltar ainda, que nas décadas de 60/70, o Governo Militar criou uma espécie de Programa Habitacional, quando desempregados e subempregados, residentes próximos à região central da capital, foram transferidos para a Lomba e outros bairros.



A Vila Mapa é uma das maiores obras sociais do Prefeito Célio Marques Fernandes. Iniciada depois das enchentes de 1966, já abriga 300 famílias.

Vila Mapa/Fonte: Jornal Zero Hora, dez. 1965

O momento de maior acréscimo dessa população migrante ocorreu no período 1965/67, com a construção de centenas de casas populares, para abrigar na Lomba cerca de sete mil moradores atingidos pelas enchentes do Rio/Lago Guaíba. O Movimento Assistencial de Porto Alegre - MAPA - criou uma comunidade de moradores no bairro: a Vila Mapa, com novos moradores sem qualquer identidade com a Lomba.

Em 1997 outra leva aconteceu, já citada, porém não com a chegada de novos moradores por um motivo peculiar: os limites do bairro Lomba do Pinheiro foram alterados e vilas do município de Viamão passaram a pertencer a Porto Alegre (OBSERVAPOA, 20--, *online*). Os antigos moradores da cidade vizinha, independentes da velha jurisdição municipal, sempre estiveram separados daquele município pelo Parque Saint'Hilaire e pela represa da Lomba do Sabão, no seu interior. Na realidade viviam mais próximos da comunidade da Lomba, embora sem o devido acolhimento por parte das políticas públicas. Tal conjuntura facilitou à mudança no intuito de passarem a reivindicar suas necessidades básicas à nova sede, ao município de Porto Alegre.

Em 2009 o bairro Lomba do Pinheiro, que já abrigava milhares de moradores, em cerca de trinta vilas, continuou a avançar de forma desordenada, semelhante às décadas passadas. A população cresceu em quantidade, ainda sem os serviços necessários ao bom atendimento da comunidade, de responsabilidade do poder público, pela defasagem nos equipamentos destinados:

[...] à circulação e transporte, cultura e religião, esporte e lazer, infraestrutura (sistemas de comunicação, energia, iluminação pública e saneamento), segurança pública e proteção, abastecimento, administração pública, assistência social, educação e saúde (ASSOCIAÇÃO..., 1986, *online*).

Desde 2010 a situação se agravou ainda mais, com a construção de condomínios de luxo e conjuntos de edifícios destinados à população de menor poder aquisitivo. A conjuntura, iniciada a partir da década de 1950, com o crescente processo migratório, ao final da primeira década do século XXI, posicionam o bairro Lomba do Pinheiro como uma das regiões da cidade de Porto Alegre com maior crescimento populacional. As novas construções residenciais, com blocos de

apartamentos e condomínios fechados, somam-se agora às cerca de três dezenas de vilas, onde, em muitas, predomina a exclusão social em todas as faixas etárias.



Condomínio Atmosfera/Arquivo do autor



Condomínio Ecovile Leste/Arquivo do autor

Algumas dessas vilas formam comunidades isoladas das demais, situadas em áreas verdes, margeando o Parque Saint'Hilaire, cobrindo encostas ou junto a arroios e nascentes, onde famílias se obrigam a viver em precárias condições de infra-estrutura e sanitárias, comprometendo a mata nativa e agredindo o meio-ambiente.



Vila Recreio da Divisa/Arquivo do autor



Vila Recreio da Divisa/Arquivo do autor

Diante de tal realidade, muitos moradores sentem embaraço para identificar seu endereço na Lomba, principalmente aqueles que residem em uma vila com situação fundiária irregular. Importante ressaltar, que semelhante situação de empecilho incide inclusive sobre pessoas jurídicas, pois ao se verificar endereços eletrônicos, *sites*, de algumas empresas localizadas no bairro, elas indicam

corretamente a localização (avenida, rua, estrada, número, Código de Endereço Postal - CEP), no entanto, informam que estão situadas em bairros vizinhos à Lomba do Pinheiro: Agronomia, Belém Velho etc. Ao constatar que uma pessoa jurídica opera desse modo, é possível compreender porque atores sociais, pessoas comuns da comunidade, agem de forma idêntica. Portanto, com o crescimento da população da Lomba, também aumenta a tendência no sentido do não pertencimento à comunidade, que somado à situação de vulnerabilidade social estabelecida, forma uma conjugação de fatores que contribuem para a baixa auto-estima, determinando uma situação que necessita ser trabalhada com urgência por instituições privadas e pelo poder público.

3 OS MUSEUS COMUNITÁRIOS: objetivos, funções e perspectivas

Diante do quadro que está em vigência há alguns anos no bairro Lomba do Pinheiro, a instituição que tem se apresentado efetivamente para enfrentar a degradação do patrimônio, o esquecimento da memória, a não fixação de raízes e a não identificação dos moradores com o território, é o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião.



Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião
Fonte: Arquivo Institucional do MCLP/MFR

Entretanto, é evidente e manifesto que a sociedade brasileira, não apenas a comunidade da Lomba, ainda mantém uma imagem preconcebida sobre essa instituição tão antiga, que é o museu; quanto mais no que se refere à tipologia museu comunitário, que para muitas pessoas, parece soar ainda mais estranho. Talvez a responsabilidade seja da própria instituição museu e a forma como cumpriu, de forma rígida, sua missão ao longo do tempo: preservar, conservar e divulgar.

Os museus surgiram pela necessidade histórica da concentração de poder e riqueza, quando exércitos e aventureiros subtraíam o patrimônio dos povos vencidos nas batalhas, por meio da força; ou quando autoridades governamentais formavam suas coleções ao ascender ao governo em seu próprio território, principalmente nos momentos pós-guerras e revoluções, erguendo os mais diversos monumentos ou batizando instituições com os nomes dos seus heróis, a fim de forjar uma identidade

local, estadual ou nacional. Também surgiu para abrigar acervos particulares, formados por colecionadores de objetos exóticos, vegetais, animais e minerais, e produtos das escavações arqueológicas, bem como parte da diversificada produção humana, à medida que se tornavam obsoletos, superados por novas tecnologias.

Embora os novos conceitos sobre museus sejam bastante divulgados, e uma legislação específica tenha sido criada em torno dessas instituições, das atividades e de seus profissionais, muitos museus ainda mantêm velhas práticas. No Brasil o Sistema Brasileiro de Museus (2011) define museu como “[...] uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento [...]” (SISTEMA..., 2011, *online*). Entre outras características, um museu apresenta algumas que são próprias de sua função, como:

[...] trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações; a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer; a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social; a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações; a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana; a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais (SISTEMA..., 2011, *online*).

A partir dessa conceituação, quando nos deparamos com uma instituição tradicional deveríamos nos perguntar, em relação àquilo que o mesmo apresenta ao público como cultura, memória e informação: Esta história foi vivida por quem? Por qual sociedade? De acordo com quem? Lersch e Ocampo (2004, p. 1) acreditam que “[...] o museu nunca é uma expressão direta da vida, como um pedaço de vida arrancada da realidade e exposta em um recinto. O museu é sempre uma interpretação da vida, uma seleção específica e significativa da realidade”.

Em geral, o museu tradicional se torna um espaço ordinário, que acaba por mudar de contexto a cultura de exclusão em que vivem as populações da periferia das grandes cidades. A história narrada no museu tradicional é contada por uma minoria, a partir de uma posição superior, que simula aquilo que aconteceu em

outros tempos, de modo inclusivo, utilizando recursos tecnológicos, colocando nessa configuração a realidade de exclusão da comunidade², fora do contexto histórico e da cultura. Com o surgimento da Nova Museologia, variantes dessa tipologia passaram a nascer em diversos países, cada qual com suas características de história, identidade e cultura.

É possível afirmar que a instituição da Lomba do Pinheiro germinou dentro do entendimento de Museu Comunitário, surgida na década de 1970, denominado Nova Museologia³. O Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião não é apenas mais uma instituição para contemplação e silêncio. Nasceu para exercer um papel crítico e explorar os conflitos existentes na realidade desigual de um bairro localizado na periferia de uma grande cidade, em um dos tantos países do terceiro mundo.

A Nova Museologia (PRIMO, 1999), afirma a função social dos museus e o caráter global das suas intervenções. Interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução, e, ao mesmo tempo, as associa aos projetos de futuro. Conforme Primo (1999a), sobre a Mesa Redonda de Santiago do Chile,

[...] o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (PRIMO, 1999a, *online*).

O homem, à luz da Nova Museologia, deve representar a sociedade como um todo, não fragmentada ou antidemocrática, porém todas as classes sociais, privilegiadas ou não. Esse movimento põe-se decididamente a serviço da

2 A utilização da palavra comunidade como referência a população ou coletividade moradora do bairro é devido ao uso corrente da mesma, por guardar sensações e conceitos já consagrados, porém sabe-se que o termo comunidade tem sido alvo de discussão nos meios científicos. Conforme página 24.

3 A Nova Museologia teve a sua primeira expressão pública e internacional na “Mesa-Redonda de Santiago do Chile”, organizada pelo ICOM em 1972. Atualmente, a nomenclatura utilizada para se referir às ações da Nova Museologia está sendo substituída por Museologia Social.

imaginação criativa, do realismo construtivo e dos princípios humanitários definidos pela comunidade internacional.

Assim, se a Nova Museologia prevê o caráter social dessas intervenções, um Programa de Extensão, a partir do Museu, é uma ação que possui relevância devido a sua função social. Justamente porque a função social do MCLP/MFR não abrange apenas promover, manter, guardar, conservar e divulgar documentos e objetos de valor histórico do acervo que faz parte das exposições de longa duração, temporárias e itinerantes. Também inclui nessas funções todo o território da comunidade, com suas diversas culturas, trajetórias e memórias. A noção de público deu lugar a de colaborador, a exposição se tornou espaço de formação permanente em vez de apenas lugar de contemplação, e o edifício do armazém Vencedor, agora Museu e Memorial, cedeu lugar em importância ao território da Lomba do Pinheiro, com o qual a comunidade se relaciona no cotidiano. Os espaços de memória no bairro continuarão sendo construídos em parceria com a população local, levando em conta suas expectativas e necessidades.

Quando usamos neste trabalho o termo comunidade, para nos referir aos moradores do território da Lomba do Pinheiro, estamos conscientes da existência de uma grande diferença entre o que a palavra transmite e aquilo que é vivido na realidade coletiva. Conforme Bauman (2003),

O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes. [...] “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance — mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. Raymond Williams, atento analista de nossa condição comum, observou de modo cáustico que o que é notável sobre a comunidade é que “ela sempre foi” (BAUMAN, 2003, P.9).

Na Lomba do Pinheiro o uso da palavra comunidade é corrente, talvez em razão da proximidade entre os sujeitos ou devido à forte politização dos moradores das dezenas de vilas, que atuam constantemente na busca por melhores condições para seu território. Enfim, usa-se a palavra comunidade no sentido mais clássico, aquela que conceitua um tipo de grupo social tradicional e original da vida humana. Bauman (2003) apud Groppo (2005) afirma que:

[...] antes de tudo, a palavra comunidade guarda sensações, sugerindo coisas boas e “um lugar confortável e aconchegante” onde “estamos seguros”, “não há perigos ocultos”, “todos nos entendemos

bem”, “nunca somos estranhos entre nós” e “podemos contar com a boa vontade dos outros”. Enfim, “o que esta palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta” (GROPPO, 2005).

Conforme Groppo (2005) os cientistas sociais vem tratando a palavra comunidade com bastante cuidado, desconfiança e até negação, em virtude da carga ideológica que a mesma possui, a qual pode produzir conflito por sua larga compreensão semântica e o apelo emocional que apenas a sua pronúncia é capaz de trazer. Todo homem almeja a segurança e o bem estar e estimular a boa vontade para com seus pares, aqueles que são necessitados de proteção. Embora em tantas ocasiões os projetos e doutrinas políticas voltados à denominada comunidade, tenham apenas a intenção de manipular as populações das periferias.

Em relação às instituições fundamentadas na Nova Museologia, a palavra comunidade tem sido utilizada para expressar e refletir a sociedade responsável por sua criação e gestão, a comunidade de moradores. No entanto, algumas instituições, que se autodenominam e incluem dentro da Nova Museologia, utilizam termos como “ecomuseu” ou “museu de território”, o fazem apenas por modismo. Porém, é possível confirmar o uso abusivo do conceito original, pela “[...] falta de comprometimento por parte das instituições museais com o desenvolvimento social” (SANTOS, 2000, p.1).

Entre os museus que compõe a Nova Museologia, constam os comunitários, os ecomuseus, museus de território, museus vivos, museus de rua, museus de favela, museus de percurso. A característica deles é administrar, estudar e explorar “[...] com fins científicos, educativos e, em geral, culturais – o patrimônio global daquela comunidade, compreendendo sua totalidade natural e cultural” (VARINE, 2000, p.62 apud SANTOS, 2005a, p.384). O prefixo ‘eco’, do termo ecomuseu, diz respeito à “[...] ecologia humana e às relações que o homem e a sociedade estabelecem com sua tradição, seu meio ambiente e os processos de transformação desses elementos” (VARINE, 2000, p.69 apud SANTOS, 2005a, p.384).

Ao reconhecer que os museus tradicionais estavam defasados, Varine (2005) afirmou, com base na Nova Museologia, que um museu comunitário:

[...] para ser representativo, sem, entretanto, repousar sobre uma coleção, [...] deve emanar do território e de sua população. Seu trabalho se faz em pleno dia, associando a cada instante tal e tal elemento do patrimônio, tal e tal habitante ou grupo de habitantes (VARINE, 2005, p.4).

Inserido no Movimento pela Nova Museologia - MINOM - o conceito de museu comunitário é não ter visitantes, mas habitantes, ou seja, a própria comunidade é o seu grande público. Todo trabalho realizado num museu comunitário é no presente, visando o futuro da comunidade, a partir do patrimônio, da memória, da história e da identidade local. A comunidade tem o direito de apresentar livremente a sua posição, como ator social que realmente é, e (re)interpretar sua própria história. Lersch e Ocampo (2004) esclarecem que:

Ser sujeito igualmente implica criatividade e o museu comunitário propicia a criação coletiva toda vez que oferece uma oportunidade às pessoas que participam dos processos coletivos para expressar suas histórias de sua própria maneira. A pessoa criativa não aceita soluções dadas, busca inventar novas formas de abordar sua realidade e o museu comunitário é um espaço de organização para impulsionar novas propostas e projetos comunitários (LERSCH; OCAMPO, 2004, p.3).

A criação e a manutenção de um museu comunitário, deve ter sua origem e gestão na própria comunidade, não para defender a memória de uma classe privilegiada, mas a verdadeira história coletiva de comunidades em vulnerabilidade social. “Se para o indivíduo é impossível viver sem memória, para a coletividade é indispensável a convivência com o passado, que é o necessário ponto de identificação para as ações do presente” (GONDAR; DODEBEI, 2005 apud MASCHIETTO, 2011, *online*). O museu comunitário é o lugar em que a memória vem em primeiro lugar, antes mesmo dos objetos que os atores sociais trazem para a instituição. O cotidiano da comunidade é valorizado enquanto a mesma cria ou até mesmo se apropria de uma instituição já existente, criada anteriormente por e para uma elite; instituição que expunha outros valores, com conceitos distintos dos valores da comunidade do território.

Segundo Camacho (1988) a criação de um museu deve ter a participação da comunidade, com uma questão bem clara: “Que museu quer esta comunidade?” Na maioria dos casos os museus comunitários partiram de instituições que já contavam com uma “[...] coleção pré-existente ou de um patrimônio pré-selecionado. Mesmo face a estas situações é fundamental debater o caminho que a população pretende para o seu museu” (CAMACHO, 1988, p.8). Importa advertir, que no caso do MCLP/MFR existem duas coleções, uma parcela oriunda de uma família tradicional e

outra doada pela comunidade. Comunidade essa, que continua construindo o acervo do MCLP. Desde a concepção da instituição, a essas coleções somam-se constantemente os registros das pesquisas realizadas com e pela comunidade, assim como doações de objetos diversos e documentos em papel. E, a partir das duas coleções, materiais e imateriais, as mais diversas atividades são realizadas com os atores sociais, para cumprir a missão da Nova Museologia. Segundo Chagas (2006, p.95) “[...] sem a participação popular não há a possibilidade de um trabalho preservacionista eficaz, não há sequer sentido para a preservação”.

Alguns depoimentos obtidos durante a pesquisa mostraram pensamentos divergentes, uns com a visão adequada, outros, inclusive de alguns estudantes do curso de Museologia, apresentando ideias que ainda se restringem aos museus tradicionais, não conseguindo visualizar a integração, e ao mesmo tempo a separação e a utilização do acervo que existe no MCLP/MFR:

Vi que todo um Memorial foi criado ao redor de um indivíduo, uma pessoa. Ele numa posição central em relação às demais pessoas dali. Não vi a coletividade representada ali. O Museu Comunitário é um espaço que se eu não estivesse inserida no curso de Museologia não iria visitar. A teoria é uma, mas quando tu vai para a prática, é completamente adversa. Estudante A/Museologia/UFRGS.

O museu mostrou bem o que é um museu comunitário. A gente viu no Museu Comunitário aquilo que estudei na disciplina. Estudante B/Museologia/UFRGS.

Acho que o Museu da Lomba não nasceu museu comunitário, porque ele está muito ligado à memória de uma família, pelo fato dessa família ser representativa da região, que tinha certo poder na região, foram os doadores da casa onde fica o Museu. Não nasceu como museu comunitário, mas a cada dia que passa o Museu está se tornando um museu comunitário. Ele está se aproximando da comunidade e não está simplesmente fazendo coisas e oferecendo para a comunidade. Está aprendendo o que a comunidade quer. A comunidade não é passiva. A comunidade da região da Lomba do Pinheiro sempre foi politicamente muito ativa, nas questões do Orçamento Participativo⁴, de reivindicar direitos. Ele vem se tornando um museu comunitário. Estudante C/Museologia/UFRGS.

4 O Orçamento Participativo é um mecanismo governamental que permite a participação de democrática da população para influenciar ou decidir sobre os orçamentos públicos, em geral no que se refere aos investimentos de prefeituras municipais. Os processos contam com assembleias abertas e periódicas; envolvem várias etapas de negociação direta com o governo. Os investimentos deixam de ser determinados por técnicos burocratas, passando a decisão das prioridades à sociedade. O Orçamento Participativo (OP) foi implantado, em 1989, na cidade de Porto Alegre/RS.

O que não se quer no MCLP/MFR é mais um depósito de objetos que as pessoas pretendam guardar, porque elas próprias não possuem as condições ou o conhecimento para efetivamente preservá-los. Num museu comunitário são os sujeitos da comunidade que tomam as decisões a respeito das exposições, sobre a gestão da instituição e quais serão as prioridades. Conforme a coordenadora da Instituição:

[...] as pessoas da comunidade, embora tenham participação no Museu, não tem o conhecimento técnico; e o conhecimento técnico quem vai fornecer para a comunidade é a academia. Não tem como pensarmos diferente. Cláudia Feijó da Silva/Moradora do Bairro/Historiadora/Coordenadora no Museu no Período 2008-2011.

Essa tem sido a trajetória que o MCLP/MFR persegue desde a sua criação em 2005, quando culminou em 2010 com a designação para ser um Ponto de Memória⁵ (BRASIL, 2010, *online*), entre os doze implantados pelo Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, em diversas capitais do País. A escolha da instituição não ocorreu por acaso, representa a confirmação das boas práticas desenvolvidas desde sua criação, trabalhando para a inclusão sócio-cultural da comunidade da Lomba do Pinheiro.

Na Ata da proposta de constituição do MCLP/MFR, ANEXO C, os quarenta e oito sujeitos que representaram a comunidade, definiram quais seriam os primeiros objetivos da instituição: “[...] educação patrimonial, resgate das tradições orais e da história local” (ATA, 2005), e como proposta de metas, registraram: “a abertura à visitação pública, com a orientação de guias e o estabelecimento de rotas culturais na Lomba do Pinheiro, guiadas por moradores da região” (ATA, 2005). Aquela reunião com agentes e atores sociais da comunidade contou com profissionais das áreas de história, ciências sociais, letras, meio ambiente, turismo etc., interessados em registrar e preservar o patrimônio da Lomba.

Lersch e Ocampo (2004) ao fazer uma reflexão sobre a tipologia dos museus comunitários, afirmam que o mesmo é:

5 Os Pontos de Memória tem por concepção reconstruir e fortalecer a memória social e coletiva de comunidades, a partir do cidadão e de suas origens, histórias e valores. Com metodologia participativa e dialógica, trabalham a memória de forma viva e dinâmica, como ferramenta de transformação social.

[...] um instrumento para convocar à ação. É um espaço de organização onde a reflexão sobre a história desemboca em iniciativas para intervir nessa história e transformá-la. Surgem projetos para fortalecer a cultura tradicional, para desenvolver novas formas de expressão, para impulsionar a valorização da arte popular, para gerar turismo controlado pela comunidade. [...] Desenvolve intercâmbios com uma grande variedade de outras comunidades, descobrindo interesses comuns e forjando alianças que permitem realizar projetos conjuntos (LERSCH; OCAMPO, 2004, p.4).

É um desafio para o MCLP/MFR fortalecer a cultura e a identidade do território, visto que uma parcela dos moradores da Lomba do Pinheiro não nasceu no bairro, e um número ainda maior somente utiliza o mesmo como dormitório. Tal ocorre em razão da quase ausência de indústria e comércio locais, que ofereçam postos de trabalho para contemplar tamanha população. Ainda assim a Lomba é um bairro que possui um diversificado patrimônio histórico e social, com novas e antigas expressões culturais, lugares de memória e um vasto ambiente natural a ser preservado por meio de ações as mais diversas. Somando-se a essa realidade, temos o Índice de Vulnerabilidade Social - IVS - do bairro, medido pela Prefeitura de Porto Alegre, menor do que 0.50, classificando-o como alto junto a outros onze bairros da capital.

Possamai (2010a, p.2) aponta que tal situação na Lomba do Pinheiro, provoca a “[...] ausência de laços de pertencimento com o lugar, advinda da transitoriedade das populações urbanas [...]”. Tamanha é a situação com a qual a UFRGS e o MCLP/MFR se deparam diariamente, e agora trabalham juntos para a inclusão social e para promover a cidadania plena.

Ainda que muitas ações precisem ser desencadeadas, vale ressaltar que, com a implantação do Orçamento Participativo no Município de Porto Alegre, na década de 1980, a comunidade da Lomba obteve várias conquistas importantes. A razão para tal resultado são as associações de moradores, que foram e são fundamentais na divulgação de propostas e para liderar a comunidade das vilas com vistas às reuniões do Orçamento Participativo.

O constante envolvimento de grande quantidade de moradores nas reuniões é resultado da existência de ao menos uma associação de moradores em cada vila. E, em geral, naquelas comunidades que estão em situação irregular, devido a invasões, além da associação, também existe uma cooperativa habitacional. Em algumas vilas a associação e a cooperativa quase se confundem, e a cooperativa

chega a ser mais representativa do que a associação, mas esta nunca deixou de ser um “[...] importante canal com o poder público municipal [...]” (FONTOURA, 2005, p.156), na obtenção de melhores condições para cada vila.



Placa de inauguração de Associação/Fonte: Arquivo Eduino Mattos

Aliás, desde meio século, que as melhorias são obtidas em função da atitude visionária, progressista e dadivosa dos mais antigos moradores da região, que em 1957 fundaram a primeira associação de moradores, a Associação dos Amigos da Vila São Francisco e Lomba do Pinheiro. Dentre os fundadores se destacam membros da família Remião, cujo nome da avenida principal do bairro, homenageia um dos mais antigos membros: João de Oliveira Remião. Em 2005, também com participação exemplar da família, começou a ser criado o MCLP/MFR, no prédio do antigo e tradicional armazém Vencedor. A propriedade, herdada dos antepassados, pertenceu à família por cerca de 70 anos e foi cedida em comodato para se tornar sede do Museu Comunitário. A família também cedeu parte dos objetos e documentos, que somados aos trazidos em doação pela comunidade, formam as duas coleções, compondo um único e grande acervo.

Num primeiro momento, quando é mencionado o termo “museu comunitário”, ficam dúvidas sobre o que essa tipologia de instituição museal possui como diferencial em relação aos museus tradicionais. No caso, é importante explicar que, em relação à criação do MCLP/MFR, a iniciativa partiu de membros da própria comunidade, juntamente com a família Remião. Diversas situações se combinaram para a criação da instituição: o salvamento do prédio do armazém Vencedor,

somado ao trabalho do IPDAE com a comunidade do bairro, visando à inclusão social, como já referido.

O prédio do armazém, edificação do final do século XIX, havia permanecido fechado por quase dez anos, e, devido à falta de manutenção ocorreu o desabamento do telhado; as portas foram arrombadas e seu interior saqueado. Após negociação para efetivar a doação em comodato ao IPDAE, em 2005 um mutirão realizado por moradores reformou o prédio, inaugurado e entregue à comunidade da Lomba em 2006. Em 2011 a mantenedora é o IPDAE, mas a responsabilidade pela administração do MCLP/MFR pertence à comunidade; mais especificamente a um grupo que forma o Conselho do MCLP/MFR, o qual representa os moradores.

É importante destacar que, quando o termo museu comunitário é mencionado, o que vem à mente de muitas pessoas é uma enorme ação, até unânime, por parte de toda uma comunidade, onde todos decidem juntos, sem discordâncias, desconforto ou mal-estar. Na realidade estão enganados aqueles que pensam assim, já que até mesmo num museu comunitário é necessário eleger prioridades para “ouvir”, “a quem ouvir” e “o que ouvir”. Além disso, existe a necessidade de desenvolver as mais diferentes estratégias para desencadear um processo, em que “[...] o museu permite-se ouvir outras vozes que não a do seu corpo técnico, da sua direção, de seus mantenedores ou de seus patrocinadores” (POSSAMAI, 2010a, p.3).

Nenhuma instituição museal, mesmo um museu comunitário, pode dispensar o serviço de um corpo técnico de especialistas, para sua gestão junto aos moradores da comunidade. É impossível afirmar que o MCLP/MFR germinou de maneira pura dentro do entendimento de museu comunitário, surgido nos primeiros anos da década de 1970, conhecido hoje como Nova Museologia. Conforme Possamai (2010a), esta corrente teria começado na França, ou na América Latina ou mais especificamente no México, com o ecomuseu, ou o museu integral ou o museu comunitário, respectivamente. No ano de 1985, aconteceu em Lisboa, o “II Encontro Internacional Nova Museologia/Museus Locais” quando houve então a primeira menção da corrente museológica denominada “[...] Movimento Internacional para uma Nova Museologia, atualmente reconhecida como MINOM, que atua como uma instituição afiliada ao Conselho Internacional de Museus - ICOM” (SANTOS, 2005b, p.33).

Yara Mattos e Ione Mattos (2010) também abordam o tema, ao reportar o surgimento dessa tipologia de museus aos anos 60, mas que poucos estudiosos do assunto mencionam. Teria surgido nos Estados Unidos, com o denominado Museu de Vizinhança, que “[...] tinha como objetivos tratar dos problemas relacionados ao meio ambiente urbano, fazer o levantamento da história das comunidades, dos temas africanos e da situação social dos negros” (MATTOS; MATTOS, 2010, p.124).

Após tantas décadas do desenvolvimento de conceitos e práticas, pode-se dizer que a tomada de consciência ocorreu em 1972, em Santiago, no Chile, e que a partir de 1984, com o I Ateliê Internacional Ecomuseu/Nova Museologia, em Quebec, no Canadá, foi que os princípios da Nova Museologia começaram a ser sistematizados. Ou seja: a lógica da constituição das coleções começou a se inverter, com a participação ativa, colaboradora e essencial do público (MATTOS; MATTOS, 2010, p.123).

Os museus comunitários começaram a ser vistos como diferentes em relação aos museus clássicos, os tradicionais: naqueles “[...] o patrimônio coletivo e comunitário substituía a noção tradicional de coleção e a gestão do ecomuseu era compartilhada por um grupo de associações e de voluntários da própria comunidade” (POSSAMAI, 2010a, p.1). Hoje alguns conceitos e práticas continuam se aperfeiçoando ainda mais; vemos diversos ecomuseus e museus comunitários do Brasil com participação ativa, criadora e colaboradora de parte das comunidades, com ações em que os processos buscam ser pontuais em relação aos territórios, levando os atores sociais a se apropriar coletivamente do patrimônio/coleção (MATTOS; MATTOS, 2010, p.125). Um exemplo dessa evolução pode ser observado no ecomuseu de Ouro Preto em comparação com a prática que ocorre no MCLP/MFR; naquele as pesquisas com entrevistas são denominadas Memória de Vida, enquanto neste, o termo utilizado é Rodas de Memória. Ambas são realizadas por meio de História Oral. Os Inventários Participativos são igualmente práticas correntes, bem como “atividades direcionadas à juventude” (MATTOS; MATTOS, 2010, p.125), com oficinas diversas, como a de comunicação, que acontece no MCLP/MFR desde o segundo semestre de 2011.

Assim, os museus que abriram sua visão para essa tipologia, passaram a ser instituições com real capacidade de promover a preservação e a valorização da história, da memória e das tradições das comunidades. Passaram a “[...] estabelecer diálogo com a dinâmica da territorialidade do acontecer histórico, sua criação e

recriação” (MATTOS; MATTOS, 2010, p.125). Ao se integrar a uma comunidade local, um museu comunitário tem condições de obter a adesão dos atores sociais para valorizar a história, a cultura e a identidade da mesma.

Até o surgimento da Nova Museologia, em geral, todos os museus tinham uma característica completamente distante dessa, porém a situação começou a mudar, pois, conforme Suano (1986) apud Possamai (2010a):

Os museus, historicamente, se configuraram como instituições educativas, sem fins lucrativos, voltadas à guarda, à pesquisa e à difusão dos bens culturais da humanidade. Inseridos nos movimentos reivindicatórios pela democratização da cultura, na década de 1960, os museus passaram por um processo de questionamento da sua forma tradicional, abrindo-se para uma perspectiva de reflexão sobre o seu lugar social (SUANO, 1986 apud POSSAMAI, 2010a. p.1).

Em relação ao surgimento do MCLP/MFR como museu comunitário, os proprietários do prédio, os agentes e os atores sociais interessados, inicialmente perceberam que poderiam interferir e evitar o destino que o armazém Vencedor, um patrimônio local, teria em breve: a destruição. Tal visão só foi possível porque desde 1997/98 a ONG denominada IPDAE já realizava ações de História Oral por meio de Rodas de Memória na Lomba do Pinheiro.



Fazenda do Boqueirão/Fazenda Lomba do Pinheiro/Senzala/década de 1960
Fonte: Arquivo Institucional do MCLP/MFR

Durante aquelas ações houve menção às ruínas da sede da Fazenda do Boqueirão, que pertenceu aos ancestrais da família proprietária do armazém Vencedor. Aconteceu então uma ação coletiva para tentar preservar as ruínas da sede da antiga fazenda. O contato com a família foi providencial para ambas as partes: comunidade do bairro e herdeiros. E o processo para que o prédio do armazém abrigasse um museu comunitário, ocorreu com a participação dos representantes da Lomba interessados. A comunidade da Lomba estava dando, dessa forma, um novo passo para ser beneficiada pela tipologia museal, que pareceu mais adequada ao seu território. O Memorial da Família Remião não poderia se tornar apenas mais um museu para contemplação e silêncio, como os museus tradicionais, para conservar, pesquisar e expor exclusivamente o acervo de uma tradicional família daquele território. O Memorial nasceu num amálgama com o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, para exercerem um papel crítico e explorar os conflitos existentes na realidade desigual de um bairro localizado na periferia de uma grande cidade. Uma instituição com vocação para ser um agente ativo no processo de mudança social do bairro; não uma instituição com atitude tradicional, mas comunitária; um museu que opera com sujeitos da comunidade e de fora dela, com atores sociais e com agentes sociais, desde sua coordenadora até os estagiários, bolsistas e voluntários.

Conforme Yara Mattos e Ione Mattos (2010), na Nova Museologia os processos tradicionais da “[...] Museologia: coleta, conservação, pesquisa, restituição e difusão, criação” (MATTOS; MATTOS, 2010, p.123), devem ser adaptados em favor da comunidade, e é justamente o que ocorriam com as ações desenvolvidas no MCLP/MFR, mesmo antes do Programa Lomba do Pinheiro ser implantado.

No caso dos museus tradicionais, para o museólogo e demais funcionários, em geral o patrimônio é formado por objetos que compõe a coleção da instituição, com pouca importância se tal acervo tem vínculo com a população do entorno onde ela se localiza, seja cultural ou esteticamente. O acervo do museu tradicional apenas se justifica para estar ali, pelo seu valor, raridade, necessidade de conservação etc., sem uma preocupação maior com a educação, nem ao menos com aquele público que vive no território.



Fonte: Acervo MCLP/MFR



Fonte: Acervo MCLP/MFR

No caso, o acervo de um museu comunitário é reconhecido pela comunidade, sendo ele o seu verdadeiro capital cultural; tem vida, uma vida que evolui em permanente recriação. É o caso, em Minas Gerais, onde Hugues de Varine, “[...] especialista em patrimônio, museu e desenvolvimento [...]” (MATTOS, 2011a, *online*), é o consultor no Programa de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto, para a implantação do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto. O referido território estava perdendo sua característica histórica; as novas gerações já não se reconheciam como parte de uma identidade cultural, que remonta ao tempo em que os primeiros Bandeirantes ali chegaram à procura de ouro e pedras preciosas. Agora, diversos bairros estão participando do processo de descoberta da própria história.

É possível dizer, que um museu tradicional é dono de uma coleção, possuindo quase que exclusivamente coisas, objetos que são apresentados conforme a linguagem narrativa do museólogo ou do corpo técnico, a um público desconhecido. Segundo Scheiner (2011, *online*) os museus devem “[...] falar a linguagem da sociedade em que eles se inserem. [...] fazer essas narrativas de maneira plural e inclusiva”. Caso contrário, pela ausência de sintonia com os códigos sociais e culturais, não haverá a necessária aproximação com a comunidade; os atores sociais não se sentirão representados.

Porém a tipologia museu comunitário possui um patrimônio especial, que são as pessoas e suas histórias de vida, suas memórias, suas idéias, seu saber/fazer, suas lutas, seu espaço territorial. Riquezas que podem ser apresentadas pelos próprios habitantes, para o público da própria comunidade, seus pares, também

habitantes do mesmo território. No museu comunitário, gestor, habitante e público se confundem. Deve haver empatia entre o corpo técnico e comunidade.

O museu tradicional é dirigido por profissionais, e nele as pessoas comuns apenas podem fazer parte da associação de amigos, como mecenas ou, por vezes, em algumas raras formas de público privilegiado. Varine (2005) chegou a questionar a necessidade de a academia passar a falar mais a linguagem das comunidades:

Tem-se necessidade de uma Museologia popular, que possa dar conta não apenas dos museus identificados como tais, mas também e talvez, sobretudo o conjunto de processos saídos da Museologia comunitária, e indo até o desenvolvimento local, à educação popular. A formação teria por objeto a “capacitação”, um neologismo inspirado do espanhol e do português, diferente da “qualificação”, que faz referência aos diplomas universitários e/ou profissionais que se dirigem a futuros museólogos clássicos (VARINE, 2005, p.6).

Afinal, uma verdadeira aproximação entre a comunidade com a Museologia social, conceituada na Nova Museologia, só irá ser vivida na prática se agentes e atores sociais envolvidos forem capacitados. Primo (1999a), discorrendo sobre a Nova Museologia, afirma que ela contempla a função social dos museus e o caráter global das suas intervenções. Que o interesse é em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução, e, ao mesmo tempo, as associa aos projetos de futuro.

Um museu, à luz da Nova Museologia, deve representar a sociedade como um todo, não fragmentada ou antidemocrática, porém voltada a todas as classes sociais, privilegiadas ou não. O Movimento Internacional para uma Nova Museologia - MINON - põe-se decididamente a serviço da imaginação criativa, do realismo construtivo e dos princípios humanitários definidos pela comunidade internacional. Portanto, a função social do MCLP/MFR não é apenas conservar, pesquisar e divulgar documentos e objetos de valor histórico do acervo, que fazem parte das exposições de longa duração, temporárias e/ou itinerantes, mas, igualmente, incluir nessas funções, todo o território da comunidade e a diversidade de pessoas, credos, etnias, classes sociais, culturas, trajetórias e memórias.

Os espaços de memória do MCLP/MFR, a cada exposição, são reconstruídos em parceria com a população local, levando em conta suas expectativas e necessidades, parceria essa, que ainda necessita avançar. No entanto, a prática que utiliza a terminologia “museu” para projetos comunitários, ao associar território,

população e patrimônio, tem sido contestada por diversos motivos. Entre os quais se destacam um possível “desrespeito aos princípios tradicionais da Museologia” (VARINE, 2005, p.1), devido a uma menor atenção às coleções, à pesquisa acadêmica e também à conservação do acervo.

Inclui-se também nas objeções, a natural modéstia das técnicas científicas utilizadas nas exposições e nas manifestações culturais organizadas pelo museu, que aparentam simplicidade. Na realidade um museu comunitário pode exercer seu papel na sociedade, embora a pouca qualificação dos profissionais responsáveis e colaboradores, que, em muitos casos, são pessoas autodidatas no que se refere à Museologia e à Museografia. Também ocorre contestação, em razão de certa confusão nas especificidades dos museus comunitários, com outras realidades, como o caso dos parques naturais, sítios históricos, lugares de interesse turístico e parques temáticos, algumas vezes entendidos como ecomuseus.

Embora tais questões existam, o MCLP/MFR já é reconhecido além fronteiras do país, como uma ferramenta que objetiva a construção de sujeitos coletivos, propiciando um ambiente museal do qual a comunidade pode se apropriar para enriquecer suas relações no interior do território comum, não apenas no âmbito do prédio da instituição, mas em todo o bairro e assim desenvolver consciência da própria história. Enquanto a comunidade participa com seus atores sociais nas atividades da instituição, sejam nas oficinas, pesquisas ou montagens de exposição, se abrem gradativamente para uma visão mais ampla, quando poderão considerar suas posições identitárias como moradores do bairro Lomba do Pinheiro.

Chagas (1994, *online*) nos diz que: “A pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre a área da documentação, envolvendo a relação homem - documento - espaço, o patrimônio cultural, a memória, a preservação e a comunicação”. O MCLP/MFR propicia ambiente adequado à reflexão e à crítica, e organiza-se constantemente para efetivar ações coletivas transformadoras.

Na Nova Museologia existem diferentes correntes a respeito de conceitos e práticas, no que concerne aos ecomuseus, museus de território e museus comunitários. Por exemplo, Lersch e Ocampo (2004) ao apresentar a especificidade existente no Sul do México, no Estado de Oaxaca, conceituam museu comunitário, não somente como um espaço onde “[...] o objeto cobre vida no museu, mas que os sujeitos sociais, as comunidades e povos, projetem sua vida como interpretadores e

autores de sua história”. Os mesmos autores citam Paulo Freire, onde o filósofo afirma que:

[...] o homem é sujeito porque é um ser de relações, capaz de refletir, de fazer crítica, de ser consciente de sua historicidade, de optar, de criar e transformar a realidade. Ser sujeito é a vocação ontológica do homem, pela qual não pode renunciar sem converter-se em um mero espectador dos feitos, um receptor de receitas [...] um objeto (FREIRE apud LERSCH; OCAMPO, 2004, p.2).

A partir dos sujeitos a comunidade da Lomba está sendo capacitada ao contar e registrar sua história, cultura, memória, identidade, saber/fazer, enfim, todo o patrimônio material e imaterial do território; são os atores sociais construindo um presente e um futuro. Lersch e Ocampo (2004) concluem o pensamento, afirmando que:

[...] museu comunitário é uma ferramenta para a construção de sujeitos coletivos, enquanto as comunidades se apropriam dele para enriquecer as relações no seu interior, desenvolver a consciência da própria história, propiciar a reflexão e a crítica e organizar-se para a ação coletiva transformadora (LERSCH; OCAMPO, 2004, p.2).

O ser ator social na comunidade da Lomba do Pinheiro implica em interagir no MCLP/MFR; sugere para o morador a apropriação de autoconhecimento individual e coletivo. Enquanto participa de atividades, seja uma oficina de conservação, ou ao selecionar temas com vistas a uma exposição, ao realizar entrevistas ou quando é alvo de entrevistas; ao reunir e/ou higienizar objetos; ao fotografar ou ser alvo de fotos, ao pintar uma parede ou ao participar de uma reunião do conselho, o ator está se capacitando, fortalecendo a identidade, se apoderando do território. Aprende a se conhecer e ao mesmo tempo reconhecer a comunidade à qual pertence, enquanto colabora com o registro da história comum do território ou quando elabora uma interpretação coletiva de sua realidade. Conforme Freire (1989):

Um excelente trabalho, numa área popular, sobretudo camponesa, que poderia ser desenvolvido por bibliotecárias, documentalistas, educadoras, historiadoras, seria, por exemplo, o do levantamento da história da área através de entrevistas gravadas, em que as mais velhas e os mais velhos habitantes da área, como testemunhos presentes, fossem fixando os momentos fundamentais da sua história comum. Dentro de algum tempo se teria um acervo de

estórias que, no fundo, fariam parte viva da História da área (FREIRE, 1989, p.20).

É uma boa possibilidade para exercitar a criatividade, participar, não de procedimentos previamente agendados por um modelo organizacional, mas de processos coletivos, contando a história a sua maneira, com novas formas de abordar uma realidade que conhece bem. O ator social, cidadão comunitário da Lomba, tem oportunidade de atuar no MCLP/MFR com um papel real, não num modelo de instituição museal “[...] com base em uma história de concentração de poder e riqueza, que se refletia na capacidade de concentrar tesouros e troféus arrancados a outros povos” (LERSCH; OCAMPO, 2004, p.3).

A função social do MCLP/MFR não abarca apenas trabalhar com documentos bi e tridimensionais de valor histórico do acervo, que compõe as exposições de longa duração, temporárias e itinerantes. Sua função inclui todo o território da comunidade, com as diversas culturas, trajetórias e memórias. Os espaços de memória continuam sendo construídos em parceria com a população local, levando em conta suas expectativas e necessidades. Considerando a relação homem/objeto na instituição, no contexto da evolução histórica, é possível dizer que o MCLP/MFR possui o diferencial de manter uma forte relação com o passado histórico da Lomba. O acervo da família Remião compartilha constantemente seu espaço com os registros das memórias contemporâneas do bairro, e foi o que ocorreu por meio do tema proposto pelo IBRAM na Primavera dos Museus/2011: “Mulheres, Museus e Memórias” (INSTITUTO..., 2011a, *online*).

Ao observar o diálogo e a colaboração que existe entre o acervo do museu comunitário e o tradicional, numa mesma instituição, do MCLP e do MFR, respectivamente, é possível entender mais claramente quais são algumas das suas especificidades:

O museu comunitário tem uma genealogia diferente: suas coleções não provêm de despojos, mas de um ato de vontade. O museu comunitário nasce da iniciativa de um coletivo não para exibir a realidade do outro, mas para defender a própria. É uma instância onde os membros da comunidade livremente doam objetos patrimoniais e criam um espaço de memória (LERSCH; OCAMPO, 2004, p.3).

Desde sua criação o MCLP/MFR se tornou gerenciador de atividades culturais no bairro, extrapolando a área da preservação da memória de um museu tradicional.

A instituição desenvolve, desde 2006, diversas parcerias com a UFRGS, algumas anteriores a existência do curso de Museologia, recebendo estagiários e bolsistas de cursos de graduação e de programas universitários: conexões de saberes; viveiros comunitários; educação ambiental; exposições itinerantes; reciclagem de papel, oficinas de idiomas; semana da consciência negra; curso pré-vestibular; curso de fotografia; visitas agendadas ao museu; reforço escolar no espaço da biblioteca; cursos de áudio-visual; teatro; xadrez, mapeamento cultural (hoje inventário participativo). Da mesma forma, pesquisadores do Brasil e do exterior, com frequência, desenvolvem trabalhos voluntários na instituição, com adultos e estudantes de escolas do ensino médio, transformando, de certa forma, o museu em um espaço educacional, o que não é caso de muitos museus tradicionais.

Conforme Suano (1986) apud Possamai (2010a) nestes,

[...] a comunidade, de forma geral, busca o museu em suas horas vagas e por não haver contato entre os que fazem e os que o usam, este fazer raramente é questionado. Assim, poucos determinam – e nem sempre por critérios explícitos – o que muitos vão consumir. O museu, portanto, tem a oportunidade de ser mais elitista e mais autoritário do que a escola e raríssimos são aqueles que deixam tal oportunidade escapar (SUANO, 1986, p.58 apud POSSAMAI, 2010a, p.3).

No MCLP/MFR os atores sociais da Lomba podem eleger e visualizar suas próprias prioridades, para ali registrar e valorizar suas memórias e suas práticas, sua história e seu saber/fazer; também para serem críticos da memória individual e coletiva, ao reinterpretar o passado, discernindo para o presente e o futuro da comunidade durante o desenrolar de uma formação que os fará ser também agentes sociais ativos, não permanecendo eternamente apenas atores. A instituição museu comunitário foi concebida para ser um “[...] instrumento para gerar consciência [...] instrumento para convocar à ação. [...] onde a reflexão sobre a história desemboca em iniciativas para intervir nessa história e transformá-la” (LERSCH; OCAMPO, 2004, p.4).

Conforme a Missão do Museu, além das mais variadas abordagens normalmente realizadas por museus tradicionais, consta:

IV - registrar a memória oral dos moradores que participaram dos momentos históricos de relevância para o bairro ou que preservem a trajetória de vida de seus moradores; V - atuar fiscalizando o

Patrimônio artístico-cultural e ambiental do bairro; VI - propiciar atividades que promovam o conhecimento, a preservação e a conservação do Patrimônio material e imaterial histórico, artístico e ambiental; VII - propiciar atividades culturais de arte e educação através das quais os participantes terão possibilidade de redimensionar e ampliar seus horizontes de vida; VIII - incentivar, favorecer e promover a educação social, a cooperação comunitária, e o serviço voluntário (Arquivo Institucional do MCLP/MFR).

Para cumprir sua missão social, o MCLP/MFR enfrenta as mesmas dificuldades que qualquer museu; conforme Benhamou (2007. p.93) “O Museu é uma das instituições mais ricas, em razão do valor das obras que possui, e das mais pobres, em virtude da diferença entre esse valor e o orçamento com que trabalha”. Como a autora está se referindo às dificuldades dos museus tradicionais na Europa, muito maior é o desafio dos museus comunitários no Brasil, e, de resto, em comunidades fora daquele continente. Não é nenhuma novidade que existam dificuldades financeiras na Lomba, tendo em vista os baixos (ou até inexistentes) orçamentos nos museus comunitários.

Para se manter independente, fiel aos seus preceitos e desenvolver o conceito da Nova Museologia, para trabalhar com Museologia Social, o MCLP/MFR enfrenta semelhantes dificuldades para não ficar atrelado a grupos quaisquer. No entanto, sua vocação dentro da Nova Museologia proporciona um fluir constante de ensino e cultura, de preservação do patrimônio histórico material e imaterial da comunidade. Algo que Varine (2005, p.10), do mesmo modo, menciona como característica dos museus comunitários, e que no MCLP/MFR foi uma realidade durante os três anos da realização das ações dos projetos do Programa Lomba do Pinheiro. Ele está aprendendo a sobreviver dos escassos recursos da comunidade, principalmente dos não-monetários, para evitar incorrer em algum comprometimento desagradável. Esse consultor recomenda que, para o bem-estar de uma instituição comunitária:

Só atividades pontuais poderão ser financiadas por créditos públicos, a serem negociados amargamente. A independência do museu e seu caráter comunitário custam esse preço. Isso significa uma museografia pobre, participativa, eventual, que não pode repousar sobre numerosas pessoas assalariadas e altamente qualificadas, o que evidentemente é pouco compatível com uma Museologia oficial cada vez mais luxuosa, consumidora de técnicas sempre muito mais exigentes (VARINE, 2005, p.10).

Tal situação pode ser comprovada na prática, ao se verificar que desde 2009 ocorreram ao menos três exposições temporárias e uma itinerante no MCLP/MFR; resultados de pesquisas, que necessitaram de diversos equipamentos, materiais e serviços para serem efetivadas; desde contatos via telefone, e-mail ou via postal; impressão de convites, *folders*, *banners*, fitas de vídeo, revelação de fotos, serviços gráficos em geral, refeições, água, deslocamentos para contatar moradores e uma série de outros itens necessários, desde a pesquisa até a montagem da exposição. No caso das exposições, todas foram realizadas por alunos bolsistas do curso de Museologia, orientados pela coordenadora do museu e em algumas oportunidades por uma professora da universidade.

A participação da comunidade se deu no pronto fornecimento de todas as informações necessárias, na disponibilidade de tempo para conceder entrevistas, para se deslocar até o MCLP/MFR, para receber em suas casas, para emprestar ou doar fotos, documentos e/ou diversos acervos. E não se pode negar que, por vezes ocorreram circunstâncias que chegaram a causar temor de não ser possível executar o planejado em tempo hábil; porém essas situações proporcionaram um aprendizado útil aos futuros museólogos envolvidos. Berger e Luckmann (1985) ensinam que:

As soluções dadas aos problemas produzidos pela vida cotidiana, contêm uma multiplicidade de instruções sobre a maneira de enfrentá-los. Uma vez resolvidos tais problemas, o conhecimento oriundo dessa situação passa a integrar nosso acervo social do conhecimento, que inclui o conhecimento de minha situação e de seus limites (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.62).

Um dos aprendizados foi que num museu comunitário os problemas precisam ser socializados; e, quando isso acontece, as questões são resolvidas com naturalidade entre aqueles que se prontificam a servir. Os agentes e atores sociais, que se envolveram e se deixaram tocar pelas ações desenvolvidas, tiveram a possibilidade de redimensionar e ampliar os seus horizontes.

Sabe-se que, em outros tempos o espaço do armazém Vencedor também foi um local de sociabilidade, ambiente que atraía as pessoas para solucionar suas dificuldades. O armazém, além de ser ponto comercial, participou ativamente da vida da comunidade local nas mais diversas atividades; longe de ser apenas o habitual comprar e vender, foi sede da delegacia policial do bairro, enquanto o proprietário

era oficialmente nomeado com a função de subdelegado. É possível destacar que naquele espaço se buscava resolver também outras necessidades básicas, como alugar casas e terrenos; arrendar terras e tomar empréstimos; comprar medicamentos e material escolar; ouvir notícias no rádio, ler jornais e revistas; tratar jogos de futebol, excursões e viagens; saber como e qual chá/erva usar para determinada enfermidade etc. Inclusive para encontros políticos em seu interior, onde homens públicos influentes no Estado, eram recebidos para uma refeição com as lideranças do território da Lomba, quando então discutiam a política local.



Exposição de Longa Duração/Armazém Vencedor/Arquivo do autor

Foi sem dúvida um espaço de socialização, que hoje atinge tanto os moradores contemporâneos quanto os mais antigos, trazendo-os novamente para dentro do espaço, que agora abriga uma instituição museal comunitária. São comuns as conversas de atores sociais durante a visitação, rememorando o que ali presenciaram noutros tempos. De forma semelhante, agora como museu comunitário, a socialização dos problemas e as soluções destes, tem se acumulado ao longo dos anos; as mais diversas dificuldades que surgiram, acabaram resolvidas ou se encaminham para uma solução, geraram uma quantidade crescente de conhecimentos e saberes.

As ações dos projetos desenvolvidos entre museu/universidade/comunidade, por certo já produziram transformações no modo dos sujeitos da Lomba entenderem a função social de um museu comunitário. E mais do que isso, parte da comunidade aprendeu sobre a importância de preservar não somente o passado, porque o MCLP/MFR capacita também os novos moradores e os mais jovens a se espelhar no exemplo daqueles que nem mesmo possuíam uma linha de ônibus regular cinco

décadas atrás, ao mostrar a possibilidade de reivindicar as necessidades atuais e valorizar o bem comum, no seio familiar ou público. Essa compreensão faz com que mesmo os moradores flutuantes, possam vislumbrar o bairro Lomba do Pinheiro como seu local definitivo, para viver e criar raízes.

Os atores sociais que interagem em um determinado contexto histórico e social, compartilham informações, e, a partir disso, constroem o conhecimento social como uma realidade que influencia seu próprio julgamento, comportamento e atitudes. Conforme Berger e Luckmann (1985),

[...] a experiência do indivíduo, tanto histórica quanto social, pode ser subjetivada e acumulada; tal processo de acumulação é seletivo e constrói um acervo social de conhecimento, que é transmitido de uma geração para outra e é utilizado pelo indivíduo na vida cotidiana para gerar novos conhecimentos [...] (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.62).

O MCLP/MFR, com visão na Nova Museologia, procura levar em conta a realidade desigual dos moradores do bairro, acrescentando um papel crítico perante as realidades sociais. Talvez o maior problema a enfrentar, seja o que se refere à ocupação constante do bairro por moradores somente de passagem, formando uma população flutuante. Esses novos moradores são atraídos pelo aluguel compatível com seus baixos salários, porém, ao encontrar outro local, mais próximo do centro da capital, ou em bairros onde acham trabalho com melhor remuneração, logo acontecem as mudanças, e outros moradores, também sem raízes com o bairro, se instalam.

O MCLP/MFR, por meio do Programa Lomba do Pinheiro, tem trabalhado essa problemática com as comunidades, em especial com as associações de bairro, clubes de mães, creches, escolas etc., por meio das ações em andamento, que atraem constantemente a comunidade para o âmbito da instituição e a colocam dentro da mecânica propalada pela Nova Museologia. Portanto, o MCLP/MFR cumpre a função dos museus comunitários na sociedade, que é ser ferramenta para valorizar a memória e a identidade da comunidade, bem como promover a apropriação do território pela mesma. Por essa razão, é adequado que todo o planejamento seja executado por um museólogo, auxiliado por um corpo técnico mínimo da instituição, contando sempre com a participação de agentes sociais e

atores sociais; aqueles, com potencial interesse na educação, no desenvolvimento e na promoção social da sua comunidade, e, estes, como participes e alvo das ações.

É de ressaltar ainda, que nos últimos três anos, diversas ações de quatro projetos foram desenvolvidas com a comunidade da Lomba por meio do Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania (BRASIL, 2009, online). E que, esse diálogo que acontece entre a academia e os moradores, é outra importante função da vida universitária, quando um Programa de Extensão, que forma a tripé da academia, leva o aluno a vivenciar na prática a sua futura vida profissional.

4 A FUNÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE E O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O tema dessa pesquisa científica é um Programa de Extensão, para verificar se o mesmo tem cumprido a missão da academia junto à sociedade, e também se a academia, o pesquisador e demais estudantes, foram beneficiados e de que forma isso aconteceu. Neste capítulo importa conhecer um pouco sobre a função social da universidade e o papel da extensão universitária, como uma das estratégias de sua operacionalização.

4.1 O compromisso social da universidade

A instituição universidade se constitui numa instituição elitista e conservadora. Tem sido secularmente uma concessão do Estado e da sociedade, para que seus membros, conscientes do seu tempo, busquem “[...] incondicionalmente, a verdade e apenas por amor à verdade” (JASPERS, 1965, p.19 apud SANTOS, 1989b, p.1). De instituição isenta de responsabilidade social por largo período, ela começou a sofrer pressão, e, com o passar dos anos, está lentamente revendo conceitos, e, mesmo com tal revisão, não deixou o campo do abstrato, seguindo em frente quase que com as mesmas práticas. Embora continue exigida tanto pelo Estado quanto pela sociedade, segue avessa às grandes mudanças e relativamente impermeável às pressões externas. Por largo período não houve questionamentos quanto a sua hegemonia na produção de conhecimento e ensino.

Porém, a partir da década de 1960, a universidade foi abalada pelas pressões sociais, em razão das contradições do seu verdadeiro papel na sociedade. Segundo Santos (1989b) essa crise resultou em transformações, quando então sua missão se resumiu em três fins principais: investigação, ensino e prestação de serviços. Conforme Santos (1989b):

Apesar de a inflexão ser, em si mesma, significativa e de ter dado no sentido do atrofamento da dimensão cultural da universidade e do privilegiamento (*sic*) do seu conteúdo utilitário, produtivista, foi sobretudo ao nível das políticas universitárias concretas que a unicidade dos fins abstractos (*sic*) explodiu numa multiplicidade de funções por vezes contraditórias entre si. A explosão das funções foi, afinal, o correlato da explosão da universidade, do aumento dramático da população estudantil e do corpo docente, da proliferação das

universidades, da expansão do ensino e da investigação universitária a novas áreas do saber (SANTOS, 1989b, p.2).

Passados mais de vinte anos dessa crise, o sociólogo português Boaventura Souza Santos apresentou diversos pensamentos à sociedade mundial, e entre eles outro que tratava especificamente sobre a função social da universidade. Advertiu sobre uma “dupla ruptura epistemológica”, afirmando que as condições teóricas advindas das ciências seriam “de pouca ou nenhuma eficácia” se não fossem realizadas sob “certas condições sociais” (SANTOS, 1989a, p.147). Que, caso os conhecimentos não fossem colocados em prática para promover real transformação na sociedade, teriam pouca validade. E foi ainda mais enfático, ao reconhecer que três séculos de desenvolvimento científico resultaram em acumulação de conhecimento; afirmando acreditar que tal “[...] conhecimento *sobre* o mundo se tenha traduzido em tão pouca sabedoria *do* mundo, do homem consigo próprio, com os outros, com a natureza” (SANTOS, 1989a, p.147).

As teorias se difundiram largamente, com promessas que ficaram distantes da sociedade, no que concerne a interação com outros saberes, com o conhecimento popular e com benefícios à sociedade. Naquele final do século XX, esse pensador já vislumbrava uma quebra de paradigmas, que viesse desencadear na função social da universidade. Acreditava que ao interagir com a sociedade, em termos científicos, esse conhecimento poderia se tornar incomensurável. Também dizia que, ambas as verdades: a epistemológica e a social da ciência se pertencem mutuamente, devendo ser pensadas em conjunto com as demais ciências e com os saberes das outras comunidades. Caso contrário, as ações da academia ficariam sempre aquém do necessário. Também, que todas as ações propostas pela universidade deveriam incidir em vários contextos: no doméstico, do trabalho, da cidadania e da mundialidade. Contextos que possuem seu próprio espaço, onde formam redes de relações. Conforme seu pensamento:

O contexto doméstico constitui as relações sociais entre os membros da família [...] O contexto do trabalho constitui as relações do processo de trabalho [...] O contexto de cidadania constitui as relações sociais da esfera pública entre os cidadãos e o Estado. [...] o contexto da mundialidade constitui suas relações sociais entre Estados nacionais na medida em que eles integram o sistema mundial (SANTOS, 1989a, p.151).

Cada um desses contextos forma o seu próprio “mundo de vida”, com seu saber local, onde possuem um senso comum. Formam um universo aceito pela comunidade: a denominada comunidade de saber; seja pertencendo a uma família específica, a uma determinada classe social, a uma nação ou apenas sendo um indivíduo. Ainda que a comunidade científica produza conhecimento no interior de seu próprio contexto, essa produção recebe cruzamentos dos contextos da família, do trabalho, da cidadania e das relações com outras nações. O saber científico deve, não apenas se servir do saber da sociedade, de uma comunidade específica, porém ambos precisam interagir e esta também precisa ser beneficiada por aquela. O conhecimento científico não detém o saber universal e por isso não pode recusar o saber popular local, o senso comum.

Alguns anos depois, em 1995, Santos (2011) segue afirmando que:

Compete à universidade criar condições para que a comunidade científica possa reflectir (*sic*) nos pesados custos sociais que o seu enriquecimento pessoal e científico acarretou para comunidades sociais mais amplas. A primeira condição consiste em promover o reconhecimento de outras formas de saber e o confronto comunicativo entre elas. A universidade deve ser um ponto privilegiado de encontro entre saberes. A hegemonia da universidade deixa de residir no carácter (*sic*) único e exclusivo do saber que produz e transmite para passar a residir no carácter (*sic*) único e exclusivo da configuração de saberes que proporciona (SANTOS, 2006, *online*).

Quando concluiu aquele pensamento no final do século XX, Boaventura Souza Santos disse que “[...] a luta pela ciência pós-moderna e pela aplicação edificante do conhecimento científico é, simultaneamente, a luta por uma sociedade que as torne possíveis e maximize a sua vigência” (SANTOS, 1989a, p.161). Talvez tal afirmação pudesse ser apenas um sonho distante para muitos naqueles dias, no entanto, vemos hoje a ciência interagindo um pouco mais com a sociedade e fazendo o mesmo com outras ciências, de forma interdisciplinar. E constatar que, além desse pensamento ter concorrido para uma abertura, por mínima que tenha sido em direção à quebra de paradigma, tal caminho já está sendo trilhado na prática.

A pós-modernidade, à qual Santos (1989a, 1989b) preconizou há mais de vinte anos, gerou intensas transformações na maneira da academia produzir

conhecimento científico. Estamos envoltos em globalização, em redes de trabalho e ensino, nas relações entre universidades, em diversas redes com a sociedade e também por meio de crescente inovação tecnológica. Toda essa dinâmica tem, cada vez mais, influenciado a universidade para se comprometer com o progresso da sociedade menos favorecida. Ela tem caminhado e precisa se voltar ainda mais em direção a uma maior abertura, pois, além de continuar a levantar questões, se deixar questionar pela sociedade, a universidade precisa investir na sociedade, para produzir nesta, aquilo que as políticas públicas tem deixado a desejar.

Em declaração mais recente, Santos (2004) afirmou que, para reconquistar a supremacia a universidade deve dar atenção “[...] a sua responsabilidade social, e aprender a dialogar com os conhecimentos não-científicos, aqueles saberes detidos pelas comunidades onde a universidade realiza Programas de Extensão” (SANTOS, 2004, p.28).

Durante as ações desenvolvidas pelos projetos do Programa Lomba do Pinheiro, foi possível verificar que muitas dessas ideias foram vivenciadas. As atividades às quais os estudantes do curso de Museologia participaram, são ações concretas, onde os universitários estiveram existencial, ética e socialmente comprometidos com o impacto das referidas ações, para que incidissem mutuamente sobre a academia e a comunidade. Na prática, o Programa Lomba do Pinheiro, na pessoa dos agentes sociais envolvidos, tomou partido ao lado de uma comunidade menos favorecida, para cumprir a missão social da universidade. Não haveria razão de ser, nem para os estudantes do curso de Museologia, nem para o MCLP/MFR, sequer para os atores sociais, implantar um Programa de Extensão e entrar em conflito com a história, com o patrimônio e a memória da comunidade da Lomba do Pinheiro ou em específico com alguma das dezenas de vilas que a compõe. As ações promovidas por meio do conhecimento acadêmico, nos projetos do Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, tiveram o objetivo de levar conhecimento sem subverter os saberes da comunidade, mas para registrar o senso comum e transformar-se por meio dele. Porém o deficiente apoio econômico e instrumental da universidade, não a impede de desempenhar de maneira apropriada suas funções sociais através dos estudantes que entendem sua missão. Os mecanismos que poderiam liberar mais recursos para a extensão ainda necessitam ser aperfeiçoados.

Além cooperar com as políticas de governo, acrescenta valores positivos nos estudantes, perante o trabalho e a organização econômica e social de produção, com ética e regras de comportamento, que facilitarão sua inserção social. Bem como criar formas de sociabilidade e redes, que acompanharão os futuros profissionais no mercado de trabalho, após deixarem a universidade. As experiências vividas com a realidade das comunidades contribuem com o desenvolvimento social mutuo.

4.2 A Extensão Universitária, uma aproximação conceitual

Embora a Lomba do Pinheiro ainda se situe entre outros onze bairros que apresentam, na capital gaúcha, Índices de Vulnerabilidade Social - IVS – classificados como alto; também é aquele reconhecido internacionalmente pela ampla participação popular. “São ao mesmo tempo marcantes os índices de participação dos moradores da Lomba do Pinheiro nas reuniões do OP [Orçamento Participativo]” (FONTOURA, 2005, p.156). Em contrapartida, o reconhecimento do bairro fora do Brasil se dá também em razão da existência, em todas as vilas, de pelo menos uma associação de moradores, que ao longo da sua história tem atuado para que as políticas públicas atendam, num primeiro momento, ao menos minimamente a comunidade.

Tendo tal cenário em vista, é que o Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, foi cadastrado no Sistema de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para realizar estratégias de integração às atividades de ensino e de pesquisa do curso de Museologia. É um programa de extensão universitária voltado ao desenvolvimento e mudança social do bairro Lomba do Pinheiro, que, como mencionado anteriormente, trata-se de uma comunidade da periferia de Porto Alegre, com marcados índices de exclusão social.

Após o Programa ultrapassar três anos de implantação, com diversas ações em andamento, esta pesquisa justificou-se pela necessidade de conhecer qual a contribuição produzida junto à comunidade do bairro, em especial com aqueles sujeitos que efetivamente participaram das diversas ações.

De acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária proposto pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação para o período 2000/2001, foi reafirmado o conceito de extensão universitária, definido como:

[...] o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade. [...] se coloca como prática acadêmica que objetiva interligar a universidade, em suas atividades de Ensino e Pesquisa, com as demandas da Sociedade (PLANO..., 2000/2001, *online*).

De tal modo, a definição de uma política de extensão universitária considera-a como uma das três atividades-fim da universidade, a saber: geração de conhecimentos, função da pesquisa; sua transmissão, função do ensino, e aplicação, função da extensão. E essa articulação é o tripé em que se sustenta a academia.

Conforme alguns autores, a extensão universitária teria surgido na Grécia, quando as aulas teóricas eram abertas ao público; outros entendem que a extensão atingiu sua maior expressão nas universidades européias da Idade Média. Em ambas, a transmissão pedagógica era vertical, autoritária, fluindo da academia em direção à sociedade, e restrita a poucos; um tempo em que o conhecimento quase não alterava a realidade vigente.

Em relação ao Brasil, Arroyo e Rocha (2010, *online*) explicam que o surgimento da extensão ocorreu “[...] na legislação educacional brasileira em 1931, no primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras, referindo-se ao oferecimento de cursos e conferências de caráter educacional”. Naquela década, a extensão universitária atingia um novo enfoque no país, com a reforma do ensino superior, definindo a extensão por meio de objetivos:

[...] cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário, uns e outras, organizados pelos diversos institutos da universidade, com prévia autorização do Conselho Universitário [...] destinam-se principalmente à difusão de conhecimentos úteis à vida individual ou coletiva, à solução de problemas sociais ou à propagação de ideias e princípios que salvaguardem os altos interesses nacionais (SERRANO, 2008, p.7).

O conceito de extensão ainda mantinha uma via única, que manipulava a sociedade a partir de uma posição superior; o conhecimento partia da universidade em direção à sociedade, daquele que sabia em direção daquele que precisava aprender. Todavia, tal modelo de extensão se tornou ameaçador aos detentores do poder nos anos 60 e 70, quando então, durante o Regime Militar, o estudante

extensionista executava somente ações pré-determinadas, totalmente desvinculadas das instituições universitárias. O estudante tinha oportunidade de conhecer simplesmente parte da realidade em que trabalhava, sem estabelecer vínculos permanentes com a comunidade. Recolhia e levava questões para a universidade, problemas que, por vezes, não eram conhecidos dos professores. Conforme Serrano (2008):

[...] podemos apresentar este momento inicial da extensão como um momento autoritário da universidade, que desconhecendo a cultura e o saber popular, apresentava-se como detentora de um saber absoluto, superior e redentor da ignorância. [...] Ao desconhecer a cultura da população a quem se destina, esta extensão é antidialógica e manipuladora. Freire nos propõe a quebra da verticalidade “coisificadora” onde um ator é sujeito e o outro objeto, para uma relação onde todos possam ser sujeitos atuantes, que agem e pensam criticamente (SERRANO, 2008, p.2).

No entanto, ainda nos anos 60, começou a surgir uma nova concepção de extensão, mais autônoma e transformadora da universidade, com Paulo Freire à frente, redefinindo a extensão. Conforme Gurgel (2001) apud Serrano (2008):

No Brasil, as concepções de Freire, um proscrito oficialmente, eram refuncionalizadas, possibilitando seus seguidores agirem de acordo com suas orientações, sem usarem os termos que ele usava. No Ministério da Educação, o grupo que ocupava a Coordenação das atividades de extensão - CODAE - tinha Freire como referência central, o que pode ser mais bem evidenciado na análise do Plano de Ação lançado em 1973. Falava-se em realimentação, mão-dupla, retroalimentação e outras terminologias similares que, na realidade, propiciaram a incorporação do sentido de comunicação ao extensionismo (GURGEL, 2001 apud SERRANO, 2008, p.9).

Portanto, mesmo quando Paulo Freire foi cassado pelo Regime, em nome da segurança nacional, algumas de suas sementes permaneceram na academia. A extensão acabou por romper com a visão verticalizada, e, numa etapa posterior, pode ser encontrada “[...] comprometida com mudanças sociais, com vínculos ideológicos e pensada a partir da militância política dos docentes e discentes” (ROCHA, 2001 apud SERRANO, 2008, p.4). Naquele momento a universidade evoluiu até o ponto de haver uma interface entre o saber do âmbito interno com a cultura encontrada no campo da extensão, e vive-versa.

Na trajetória para transformar a sociedade, a extensão transformava a si mesma, influenciando em outros dois importantes fazeres da academia: o ensino e a pesquisa. Na década de 80 as ideias de Paulo Freire se tornaram uma prática institucionalizada nas universidades, com o evidente compromisso social da mesma em busca da solução dos problemas imprescindíveis das comunidades. Em 1987, no documento final do 1º Encontro de Pró-Reitores de Extensão, o conceito de extensão foi definido como:

[...] uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da *praxis* de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (ENCONTRO..., 1987, *online*).

A extensão atingia a consciência da necessidade de mudanças na forma de atuar da universidade para com a sociedade, no sentido de compreender cada ator social como um sujeito histórico e cultural; de respeitar seus valores, se revestindo de relações horizontais para conhecer e respeitar a cultura do local da ação prática do projeto de extensão, comprometendo-se com as mudanças necessárias. Assim, a extensão passava de vez a compartilhar das atividades essenciais da academia, para viabilizar a relação transformadora entre sociedade e universidade, por meio da troca dos saberes, popular e acadêmico.

Atualmente as políticas de extensão confirmam cada vez mais a necessidade do tripé ensino, pesquisa e extensão caminharem juntos. E, somando-se com a extensão, para não dizer com as demais, todas devem co-existir com outras disciplinas da academia, situação que é imprescindível nas ações extensionistas. Conforme Oliveira (2004, p.1), já existe “a percepção, altamente acertada na atualidade, da necessidade da interdisciplinaridade para qualquer ação que se queira mais abrangente e/ou qualificada”. Analisando questões relacionadas à extensão universitária, o autor diz que:

As funções da universidade no senso comum, quais sejam, a produção do conhecimento e a formação de recursos humanos qualificados, não se consubstanciam no vácuo, mas em relação com a sociedade; ambas, sociedade e universidade, constituindo-se permanentemente nesta relação. Estas funções caracterizam a universidade como o “*locus*” permanente de reflexão e crítica acerca dos diferentes processos societários. Este espaço de reflexão e crítica precisa ser, necessariamente, um espaço plural e democrático, espaço que deve pressupor a valorização do fazer em sua relação com o saber. O fazer traz consigo toda uma carga de saberes que precisa ser contabilizada. Entretanto, execução sem reflexão torna-se estéril, assim como o processo inverso (OLIVEIRA, 2004, p.2).

Inicialmente, é necessário que o estudante extensionista entenda que a ação de extensão é um campo privilegiado, para então realmente sentir o desejo de sair para o exterior da academia e romper com a dificuldade de exposição diante do público que o espera; vencer a timidez e colocar em prática seus conhecimentos teóricos junto à sociedade. Entender também, que as ações dos projetos de extensão não devem ser assistencialistas, porém uma ferramenta a mais, a ser utilizada em favor das comunidades, para que os atores sociais se tornem cidadãos.

Entende-se como cidadão, o sujeito que se identifica culturalmente como parte de um território, que consegue usufruir dos seus direitos e cumprir os deveres estabelecidos em lei, que tem consciência de suas obrigações e luta pela prática da justiça. Processo no qual o estudante se insere na comunidade, como é o caso da Lomba do Pinheiro, além de beneficiá-lo na formação acadêmica, sem dúvida que também age profundamente no ator social, e os sujeitos podem avançar mutuamente em direção à cidadania. Com respeito aos atores sociais atingirem a cidadania, sendo a extensão universitária um instrumento desse desenvolvimento, Santos (2000/2001) nos diz que:

Numa sociedade cuja quantidade e qualidade de vida assenta em configurações cada vez mais complexas de saberes, a legitimidade da universidade só será cumprida quando as atividades, hoje ditas de extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das atividades de investigação e ensino (SANTOS, 2000/2001, p.1).

A extensão universitária existe para o estudante desenvolver atividades além das encontradas na grade curricular, levando o extensionista para fora do natural ambiente acadêmico, em geral, com a necessidade de superar dificuldades pelo

esforço individual e/ou aprender a trabalhar em equipe. É no enfrentamento com as mais diversas questões que uma instituição pública de nível superior possibilita subsídios à qualificação; é liberando os estudantes para que, por meio da gestão de projetos de extensão, atinjam a aprendizagem na prática.

Entende-se por gestão de projetos de extensão, a ação na qual o estudante, supervisionado, tomando posse de conhecimento teórico, aplica conhecimentos, habilidades e técnicas na elaboração de atividades relacionadas, para atingir um conjunto de objetivos pré-definidos, num certo prazo, com determinado custo e qualidade, por meio da mobilização de recursos técnicos e humanos. Assim sendo, a extensão universitária, junto com o ensino e a pesquisa, sustenta a academia e coopera na formação dos futuros profissionais para o mercado de trabalho. A totalidade do conhecimento científico produzido na universidade, por meio da extensão, não tem em vista somente a necessidade de capacitar o profissional a encontrar soluções para problemas de ordem prática na vida diária, mas também para o desenvolvimento social das comunidades envolvidas.

Uma Política de Extensão se efetiva por meio da promoção de parcerias, com vistas à realização de projetos sociais, fazendo frente às políticas públicas. Conforme Serrano (2008, p.15) a extensão, ao longo da história das universidades brasileiras, teve várias características conceituais: “Da extensão cursos, à extensão serviço, à extensão assistencial, à extensão redentora da função social da Universidade, à extensão como mão-dupla entre universidade e sociedade, à extensão cidadã [...]”.

Em relação a esse comprometimento com os problemas sociais, Nogueira (2000, p.63) apud Oliveira (2004, p.1) afirma que: “A universidade e, em especial, as pró-reitorias de extensão, devem induzir programas e projetos que visem enfrentar os problemas específicos produzidos pela situação de exclusão.” A produção de conhecimento na formação de recursos humanos com qualidade, passa por um empenho constante entre universidade e sociedade; entre o saber adquirido e o fazer necessário à sociedade. Oliveira (2004) confirma a importância da extensão universitária:

[...] a oxigenação que a extensão propicia aos meios acadêmicos coopera de forma decisiva para a revisão permanente dos currículos, para alimentar e subsidiar a sintonia fina entre sociedade e universidade, reconstruindo e ressignificando historicamente a

universidade nos diversos contextos da sociedade. O movimento entre universidade e sociedade é construído permanentemente; ambas constituindo-se através e nesta relação. Parecem, assim, estar claros os benefícios imediatos que a universidade tem da ação extensionista; mas e a sociedade? Como ela se “beneficia” e se constitui na relação com a universidade e qual é a interveniência ou o papel do Estado e das políticas públicas na relação universidade/sociedade? Em outras palavras: o que a extensão universitária, enquanto projeto social, vai realizar fora dos muros da universidade, irá valorizar este saber/fazer que não é acadêmico? Conseguirá fazer a síntese entre o fazer e o saber ou, mesmo fora dos muros a universidade permanecerá encastelada em seus saberes acadêmicos? Ou irá simplesmente servir-se desta comunidade, com parca ou nenhuma devolução? (OLIVEIRA, 2004, p.3).

Segundo a autora, está bem presente que um programa de extensão, enquanto projeto social, precisa dialogar com a sociedade, visando construir novos saberes, numa interposição entre o saber popular e o saber acadêmico. A extensão questiona a qualidade do ensino, mas é ela quem valida, tanto o ensino quanto a pesquisa. Todavia, se a extensão operar de forma continuada, corre o perigo de tentar preencher necessidades pertinentes às políticas públicas, e deste modo se tornar assistencialista, o que não é benéfico. A extensão não pode operar em detrimento da cidadania, visto que “A Constituição Federal de 1988 assegura a Assistência Social como um dever do Estado e um direito dos cidadãos, constituindo-a enquanto política pública” (BRASIL, 1988, *online*).

Fica então evidente, que uma ação extensionista não deve agir sensibilizada pelas carências das comunidades onde atua, mas lembrar que a extensão pode levar às comunidades, educação e cultura, que são constitutivas da cidadania e, portanto, como direitos dos cidadãos. Conforme Oliveira (2004, p.1) a atividade de extensão já está consolidada, com “[...] o salto qualitativo procedido pela prática extensionista no sentido da busca de superação da concepção assistencialista da extensão”.

No caso do Programa de Extensão desenvolvido na Lomba, após estes três anos convivendo com a comunidade, conhecendo dificuldades como falta de oportunidades de emprego e a qualificação de muitos moradores; ausência de empresas e escolas que supram devidamente tais demandas; problemas com saneamento, transporte, saúde, abastecimento de energia e água tratada; moradia digna e tantos outros, chega-se a ter o desejo de fazer algo mais efetivo. Porém, se

essa não é a função da extensão, importa é interagir com a comunidade, para conhecer a mesma, seus problemas e necessidades, e propor soluções cidadãs. Mostrar saberes ainda desconhecidos dos atores sociais, conhecimentos que envolvam os moradores, que provoquem o desejo de buscar a provisão nas políticas do governo, no desenvolvimento educacional individual etc.



Estudantes de Museologia trabalhando no Museu de Rua/Vila Recreio da Divisa/Acervo autor



Crianças da Creche da Vila Recreio da Divisa na Inauguração do Museu de Rua/Arquivo do autor

O estudante, como um futuro profissional, ao interagir com a sociedade, identificará soluções ao se aproximar de problemas semelhantes àqueles que irá enfrentar após a formatura. O extensionista deve ter consciência que qualquer ação precisa ser articulada com as políticas públicas, e que são os poderes públicos

municipais, estaduais e federais que devem atender a comunidade. Nesse sentido, Nogueira (2000) apud Oliveira (2004) declara que:

É importante ressaltar que a intervenção na realidade não visa levar a universidade a substituir funções de responsabilidade do Estado, mas sim produzir saberes tanto científicos e tecnológicos, quanto artísticos e filosóficos, tornando-os acessíveis à população [...] (NOGUEIRA, 2000, p.119 apud OLIVEIRA, 2004, p.4).

O que compete à universidade é ser um espaço de reflexão sobre as realidades, tanto em relação às necessidades da sociedade menos favorecida, como na efetivação das políticas públicas desenvolvidas pelo governo. O participante de uma ação extensionista contribui e é beneficiado por meio do conhecimento fornecido pela universidade, na relação entre sociedade e Estado. Também colabora como instrumento para estabelecer, avaliar e incrementar políticas públicas com relevância social. Toda a ação realizada no campo extensionista produz reflexos positivos na academia, modificando e aperfeiçoando o ensino, para que o profissional também se torne um cidadão, momento quando é igualmente beneficiado. Serrano (2008, p.15) diz que a extensão é reconhecida como uma via de “mão-dupla entre universidade e sociedade”, e que na realidade, hoje a extensão é cidadã, diferente de outros tempos.

No que concerne à relação entre a comunidade (Lomba do Pinheiro) e a universidade (UFRGS) vale observar que a demanda que motivou a implantação do Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, se desencadeou por meio da coordenadora do referido Museu Comunitário em prol do bairro. Não foi uma proposta da UFRGS, nem de professores ou acadêmicos, ou sequer para atender algum pleito de políticas públicas, mas de um agente/ator social da própria comunidade, que percebeu uma oportunidade favorável para captar ações que cooperassem na efetivação de trabalhos em andamento na instituição, ou também, os anteriormente propostos em Ata por representantes da comunidade da Lomba.

Estou no museu desde 2008. A gente usou no Programa muitas coisas que já faziam parte das atividades do Museu e outras coisas que estavam planejadas para serem realizadas, mas que ainda não tinham começado a ser executadas, justamente pela falta de pessoal, de infra-estrutura humana. E a partir do momento que o Museu estabelece essa parceria com a Universidade, com o curso de Museologia mais especificamente, nós temos a possibilidade de,

através dos bolsistas, começar a desenvolver os projetos que antes estavam só no papel. Cláudia Feijó da Silva/Moradora do Bairro/Historiadora/Coordenadora no Museu no Período 2008-2011.

O atendimento à demanda teve seu foco na relevância social da ação extensionista. A parceria para o Programa Lomba do Pinheiro surgiu a partir do ensejo que se apresentou de imediato à criação do curso de Museologia na UFRGS. Como curso recém criado, os estudantes em breve necessitariam sair do interior das quatro paredes da academia, e a universidade, igualmente, não poderia prescindir da oportunidade. Levando também em consideração, que o Museu Comunitário em questão, mantém fortes referências com os conceitos contemporâneos da Nova Museologia, o que por sua vez é verdadeiro em relação ao curso de Museologia da UFRGS: [...] para que se torne um agente de reflexão sobre a Museologia na contemporaneidade, a partir do estudo, análise, crítica e atuação em instituições e espaços da sociedade onde seja necessário o desempenho de funções de caráter museológico (FACULDADE..., 2011, *online*).

Entende-se por Nova Museologia a corrente museológica em que o tratamento que é dispensado ao objeto é relacionado ao seu contexto, fazendo com que as ações desenvolvidas pela instituição museal, saíam do âmbito do edifício da mesma e passem a ser exercidas de forma participativa pela sociedade. Portanto, se na Nova Museologia é a comunidade que participa da construção da instituição, e se na universidade existe oportunidade para o acadêmico ser beneficiado por meio de uma Política de Extensão, a combinação vida comunitária/extensão se torna adequada para ambas as partes, agentes e atores sociais, professores e acadêmicos. Segundo Nogueira (2000, p.120) apud Oliveira (2004, p.4), a formação profissional demanda ao estudante, uma “[...] efetiva interação com a sociedade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente e/ou para referenciar sua formação técnica com os problemas que um dia terá que enfrentar”.

Espera-se que os fazeres acadêmicos nos espaços de aprendizagem, por meio de Projetos de Extensão, como é o caso do Programa analisado na pesquisa desenvolvida neste Trabalho de Conclusão de Curso, contribuam cada vez mais para um salto qualitativo dos sujeitos envolvidos, tanto os oriundos da academia quanto os da sociedade. E que, a realidade vivenciada nessa ação de extensão, por meio de um saber/fazer, seja disseminada pela universidade e em especial no que

concerne a função do curso de Museologia e aos futuros profissionais, que em breve serão apresentados à sociedade.

5 MUSEOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E MUDANÇA SOCIAL

Vimos, no capítulo anterior, que as Políticas de Extensão Universitária são indispensáveis à formação do profissional museólogo, e que as ações de extensão devem ter caráter social. Também que, já no primeiro ano do curso de Bacharelado em Museologia da UFRGS, foi firmada uma parceria entre a Universidade e um museu comunitário, por meio de um Programa de Extensão, implantado no bairro Lomba do Pinheiro.

Primeiro, é interessante ressaltar a importância dessa parceria para um curso recém criado, a fim de capacitar os estudantes em atividades práticas; e, em segundo lugar, que aquela instituição museal, embora passasse a contar com sujeitos ainda em formação, necessitava urgente de uma equipe de trabalho para desenvolver várias propostas colocadas em Ata ainda em 2006, por ocasião da fundação do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião. Segundo a coordenadora:

Acredito que esse conjunto: de colocar em prática, de poder fazer reuniões, de poder discutir como é que se vai fazer um projeto, o que está dando certo e o que não está dando certo; isso é um crescimento inigualável. Isso é possível verificar na prática desses bolsistas no decorrer da prática. Cláudia Feijó da Silva/Moradora do Bairro/Historiadora/Coordenadora no Museu no Período 2008-2011.

Antes de entrar em detalhes sobre a função da Museologia na sociedade atual, uma retrospectiva histórica nessa área do conhecimento, mostra que a concepção mais tradicional dessas instituições era voltada à administração, manutenção, organização de exposições e eventos, fossem em museus, memoriais, galerias, bibliotecas, arquivos ou centros culturais.

Nos primórdios da Museologia, encontramos menção aos chamados “gabinetes de curiosidades”, nos séculos XV e XVI, que compreendiam uma quantidade de objetos sem qualquer relação entre si, sequer classificados ou ordenados, com quase nenhuma informação útil. E que, somente ao apagar das luzes do século XIX, alguns poucos museus começaram a expor seu acervo com uma ordem científica. No século XX os avanços nas ciências e nas técnicas de comunicação foram incorporados aos museus e às exposições, tornando as instituições mais atraentes em termos culturais, históricos e sociais.

No Brasil, com a História Nacional ainda em construção, os primeiros museus, os de História Natural, representavam um tipo especial de instituição científica, ambiente em que a pesquisa acadêmica e a educação popular iniciaram suas bases e onde a identidade da nação começou a ser forjada. Mais tarde, a fim de se afirmar politicamente, os diversos governos federais e estaduais seguiram as tendências doutrinárias mundiais, investiram no registro e na proteção do passado cultural, inclusive elegendo e forjando heróis. Nesse contexto surgiram os museus históricos, que se introduziram no âmbito de diversos museus de Ciências Naturais e neles fixaram raízes, porém “[...] seu papel nada tinha de cognitivo, era apenas moral e simbólico, celebrativo” (MENEZES, 2002, p.7). Com o surgimento das universidades, bem como dos institutos de pesquisa, os museus rapidamente perderam espaço para a academia, e então “[...] diluiu-se a trama que tecia relações tão fortes entre museu e conhecimento. Hoje, a trama é inexistente, precária ou secundária” (MENEZES, 2002, p.7). Portanto, até quase o final do século XX, os museus brasileiros eram vistos por determinadas camadas da nossa sociedade, como lugar de coisa velha, de objetos antigos, espaço onde as memórias e os documentos são, em geral, ditados pelos vencedores, ou, no mínimo, por quem detinha o poder.

Em 1984 ocorreu no Brasil uma contribuição positiva para aumentar o interesse pelos cursos de Museologia, com a regulamentação da profissão de museólogo por meio da Lei nº 7287; que determinou suas atribuições:

I - ensinar a matéria Museologia, nos seus diversos conteúdos, em todos os graus e níveis, obedecidas as prescrições legais; II - planejar, organizar, administrar, dirigir e supervisionar os museus, as exposições de caráter educativo e cultural, os serviços educativos e atividades culturais dos Museus e de instituições afins; III - executar todas as atividades concernentes ao funcionamento dos museus; IV - solicitar o tombamento de bens culturais e o seu registro em instrumento, específico; V - coletar, conservar, preservar e divulgar o acervo museológico; VI - planejar e executar serviços de identificação, classificação e cadastramento de bens culturais; VII - promover estudos e pesquisas sobre acervos museológicos; VIII - definir o espaço museológico adequado à apresentação e guarda das coleções; IX - informar os órgãos competentes sobre o deslocamento irregular de bens culturais, dentro do País ou para o exterior; X - dirigir, chefiar e administrar os setores técnicos de Museologia nas instituições governamentais da administração direta e indireta, bem como em órgãos particulares de idêntica finalidade; XI - prestar serviços de consultoria e assessoria na área de Museologia; XII - realizar perícias destinadas a apurar o valor histórico, artístico ou científico de bens museológicos, bem como sua

autenticidade; XIII - orientar, supervisionar e executar programas de treinamento, aperfeiçoamento e especialização de pessoa das áreas de Museologia e Museografia, como atividades de extensão; XIV - orientar a realização de seminários, colóquios, concursos, exposições de âmbito nacional ou internacional, e de outras atividades de caráter museológico, bem como nelas fazer-se representar (BRASIL, 1984, *online*).

Depois de longo período quase esquecidas, as instituições museais passaram a ser mais visitadas, no entanto continuaram subutilizadas em todo o seu potencial. Todavia, nesta primeira década do século XXI os museus brasileiros começaram a mudar, o que é possível observar por meio dos números recentes, publicados pela Revista de História, quando o Instituto Brasileiro de Museus lançou o Guia dos Museus Brasileiros, apresentando ao país “[...] a grande variedade que temos nas nossas 2.607 instituições. De 2001 a 2007, o setor movimentou cerca de R\$ 1,5 bilhão e gerou cerca de 40 mil empregos diretos” (CRUZ, 2011).

Essa revolução segue a tendência do que ocorreu em outros continentes, cerca de dez anos antes, como em Portugal, onde Semedo e Ferreira (2011) relatam que:

A década de 90 do século passado foi também para Portugal de verdadeira explosão museológica, assumindo os museus e o património (*sic*), no seu sentido mais lato, uma visibilidade extraordinária nos meios de comunicação. No caso dos museus portugueses, no seu todo, viviam-se problemas essenciais por resolver e lutava-se com dificuldades e constrangimentos diversos, nomeadamente os relacionados com a qualificação e incremento do número de técnicos especializados, em particular em áreas como a conservação e restauro. Ao sector faltava ainda um trabalho de interpretação/mediação dos espaços mais intenso e generalizado, considerado como factor (*sic*), essencial de captação e fidelização de públicos; programas educacionais inclusivos; a publicação de material informativo de qualidade promovendo a disseminação generalizada e acesso ao conhecimento; a investigação generalizada quer sobre as colecções (*sic*), quer sobre todas as outras funções do museu (SEMEDO; FERREIRA, 2011, p.7).

Semelhante ao que as autoras fazem referência naquele país europeu, uma década após, também houve no Brasil um aumento na quantidade de profissionais qualificados, o que se deu com a criação de diversos cursos, saltando de apenas duas unidades em 2007, para “[...] 14 escolas de graduação, um curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio, o primeiro do Brasil e da América do Sul” em 2011. (SCHEINER, 2011, *online*). Importa lembrar, que em 2007 aconteceu em Salvador,

Bahia, o “I Encontro Ibero-americano de Museus” onde foi elaborada a Declaração da Cidade de Salvador, quando os museus foram considerados,

[...] como ferramentas estratégicas para propor políticas de desenvolvimento sustentável e equitativo entre os países e como representações da diversidade e pluralidade em cada país ibero-americano. Compreender a importância dos museus na valorização das paisagens naturais e culturais como elementos indutores de uma nova consciência de preservação e conservação ambiental (IBERMUSEUS, 2007, p.13,15).

Outro estímulo, ainda mais recente, para o incremento de profissionais de museus, foi o Estatuto dos Museus, criado em 2009, ao determinar que as instituições passassem a apresentar um Plano Museológico, a fim de definir diretrizes de preservação, conservação, segurança, arquitetura, difusão e comunicação, gestão de acervos e de pessoal, recursos financeiros, entre outros, e que cada museu passasse a ter um profissional da área de Museologia em seu quadro de funcionários. Com profissionais especializados na gestão dos museus, e em maior quantidade, também os quase inexistentes estudos qualitativos, passaram a ocorrer de maneira mais habitual, com processos de investigação e avaliação.

A produção de conhecimento sobre a instituição e os agentes e atores envolvidos, cada vez mais poderá gerar um real e efetivo desenvolvimento aos museus e à sociedade. A expectativa é que tais processos de investigação possam “[...] identificar contextos e metodologias de trabalho de cada instituição” (SEMEDO; FERREIRA, 2011, p.18), e capacitar os museus do século XXI.

A Museologia está evoluindo juntamente com a formação de novos museólogos, capacitados para atuar nas várias tipologias de museus, ao acompanhar as modernas técnicas de conservação, restauração, acondicionamento e catalogação do acervo; espaços de exposições, segurança das instituições, sustentabilidade, acessibilidade, ações culturais e sociais, entre tantas outras. Já existe o entendimento de que na frente das atividades de um museu deve estar um museólogo, o profissional capaz de coordenar a realização de mostras e exposições; que possa incentivar a visita ao acervo; pesquisar e estudar as razões das visitas e das não-visitas; captar e fidelizar o público; organizar eventos culturais, promover ações educativas e o desenvolvimento social.

Conforme a Declaração de Salvador, o desenvolvimento social é uma questão primordial: “Reafirmar e amplificar a capacidade educacional dos museus e do patrimônio cultural como estratégias de transformação da realidade social” (IBERMUSEUS, 2007, p.15). A Museologia não opera sem profissionais e estes devem estar aptos para escolher as alternativas e possibilidades em cada território onde a sua instituição está inserida; aproveitar o potencial do fator local e do acervo disponível para mediar museu e público; ser um catalisador a serviço das necessidades da comunidade. Segundo Scheiner (2005), o museólogo deve ser:

[...] um articulador dos diferentes planos de realidades que atravessam simultânea e continuamente o museu. [...] lembrar o que pode ser esquecido; [...] lançar um pouco de luz sobre o objeto pouco apreciado, colocar em foco todos os seus ângulos, para que a sociedade os veja e neles se reconheça (SCHEINER, 2005, p.118).

O museólogo deve estar aberto para, conforme Mattos (2011), “[...] interagir com outras ciências que possuem como fonte de estudo e pesquisa, o homem como ser social [...]”, e, segundo Scheiner (2011), podendo desempenhar suas atividades em casas de cultura, centros culturais e de memória, arquivos históricos, desenvolver curadoria de exposições públicas ou privadas; “pesquisar indumentária, mobiliário, temas históricos”, bem como prestar assessoria no deslocamento de obras de arte, de acervo histórico e científico.

O museólogo também é um educador, e deve ter autoridade sobre os mais diversos setores de sua instituição, em especial no que diz respeito à tipologia do museu, à especificidade do acervo, ter domínio sobre: “quando” e “como” o mesmo deve ser apresentado ao público. É o responsável pela instalação e a conservação do acervo em uma reserva técnica adequada, bem como a aquisição e incorporação de outros acervos ou documentos, por meio da compra, troca ou doações. Pode atuar também em órgãos do patrimônio histórico, artístico e cultural, a fim de identificar, classificar e cadastrar acervos de bens culturais. Trabalhar como docente, se dedicar à pesquisa na academia ou na imprensa, televisão, rádio, cinema e teatro; prestar consultoria a empresas, emitir pareceres e laudos técnicos, fazer registro e tombamento de bens, montagem de exposições no país e exterior; planejar e executar ações voltadas ao turismo ecológico, educativo e comunitário.

Em relação ao desenvolvimento da sociedade, os museus, até algumas décadas atrás, não eram reconhecidos efetivamente como instituições a serviço da

comunidade em todo seu potencial, todavia o entendimento está mudando. Os museus inseridos na Nova Museologia, sob o conceito de patrimônio integral, levam em conta tanto o patrimônio cultural quanto o natural, incluindo as referências imateriais da identidade dos grupos humanos, no tempo e no espaço.

Estão agora mais direcionados a investigar as relações entre sociedade e patrimônio, com o objetivo de preservar e comunicar o mesmo, seja material ou imaterial. Conforme Bellaigue (2009):

Todo espaço é portador dos traços da história (ou do aniquilamento desses traços) É responsabilidade do museólogo, juntamente com a comunidade do território em questão, assinalá-los, e ainda aos signos e símbolos da identidade e a tudo aquilo que possa tornar-se instrumento de conscientização, de educação, de desenvolvimento, de criação - tomando-se o cuidado de museificar o território, em harmonia com sua própria vida: urbana, social cultural, econômica etc. (BELLAIGUE, 2009, p.88).

Para a compreensão da dinâmica entre sociedade e patrimônio, é necessário ao museólogo, apreender aquilo que foge à experiência diária. Descobrir em maior profundidade, quais os conflitos produzidos na construção da memória da sociedade, desde uma comunidade inserida numa vila de um bairro de periferia, como é o caso da Vila Recreio da Divisa, na Lomba do Pinheiro, território que será abordado com maior profundidade nos próximos capítulos, até a preservação da memória de uma cidade como Porto Alegre, de um estado e até mesmo do país como um todo.

Nos processos de musealização, ao selecionar acervos, ao expor ou ao registrar a memória, é natural que aconteça um caráter seletivo, até muitas vezes político, ligado com atitudes subjetivas, devido a estratégias, inclusive atribuindo valores socioculturais. No entanto, o museólogo deve saber atuar de maneira crítica, como mediador de tal procedimento, evitando ficar atrelado a qualquer seguimento da sociedade. Na Nova Museologia a Investigação Participativa ocupa um papel fundamental, pois segundo Camacho (2005), “[...] cabe à comunidade participar na recolha, inventariação, conservação e investigação do seu patrimônio”.

A Museologia, caracterizada principalmente pela preservação, pesquisa e comunicação, evolui cada vez mais em direção a uma atitude de intervenção na sociedade, impulsionada pela Nova Museologia/Museologia Social. Além de operar diretamente no âmbito do museu tradicional e dos acervos deste, igualmente atua

com o patrimônio imaterial das comunidades, com as histórias de vida, com o saber/fazer, com a identidade cultural, transformando-se num agente social, onde o comprometimento passa a ser mais diretamente com pessoas, com vistas a preservar bens culturais, registrar a memória e formar a identidade social; “[...] atua também como fórum e, eventualmente, desenvolvendo formas inovadoras de encaminhar questões características do espaço público e da contemporaneidade” (SEMEDO; FERREIRA, 2010, p.5).

Ao levar em conta as distintas tipologias das instituições, embora a Nova Museologia já faça parte do vocabulário dos museus, pouco tem se aplicado e vivido essa prática no país. Nosso estágio pode ser comparado ao de Portugal, onde os princípios da Nova Museologia fazem parte do cotidiano e do vocabulário, porém, “[...] a verdade é que existe uma dissonância profunda entre o que se diz e o que se faz” (SEMEDO; FERREIRA, 2010, p.15). As situações são semelhantes no Brasil, entretanto, com a criação de novos cursos de Museologia, se formam agora redes entre os museus, seus profissionais, os diversos cursos de Museologia do Brasil e do exterior, e com seus professores e estudantes. A aproximação dos trabalhadores das diversas tipologias de museus tem produzido reflexões teóricas, intercâmbios de processos metodológicos e troca de conhecimentos entre os diferentes grupos. Com o crescimento das redes a tendência é que se tornem um fio condutor para energizar os museus na perspectiva da Nova Museologia. As instituições invistam na produção de conhecimento, aumento da auto-estima e redução dos problemas sociais, à medida que os sujeitos se tornem cidadãos, o que tem sido a tônica dos museus comunitários.

Menezes (2002), fazendo uma reflexão a respeito dos museus em geral, pergunta: “Como é que o conhecimento se aloca no museu, onde é que ele se insere junto aos usos e funções do museu?”. O próprio autor responde, ao explicar que:

Entre as funções prioritárias estão igualmente o deleite afetivo, as relações de subjetividade que se estabelecem entre os indivíduos e as coisas e que funcionam, por exemplo, como suportes da memória, marcas identitárias, e agem para definir trajetos, para explicitar percursos, para reforçar referências, definir amarras – principalmente de espaço e de tempo, já que somos seres balizados pelo espaço e pelo tempo (MENEZES, 2002, p.19).

Ao ampliar tal indagação na perspectiva da Nova Museologia, podemos igualmente questionar sobre a função dos cursos de Museologia e dos profissionais museólogos na relação entre educação e sociedade. Para tentar responder, importa analisar as recentes transformações que os museus tem sido alvo. Afinal, até os anos 1980 a instituição museu era quase exclusivamente elitista, e, em pleno século XXI, passou a se preocupar bastante com as classes menos favorecidas, inclusive com a quantidade de novos cursos sendo criados. Conforme Ojeda (2010): “É hora de mostrar as diversas leituras que o museu pode proporcionar como fonte educativa e reflexiva”.

Assim, se o agente encarregado de articular leituras entre museu e comunidade é o museólogo, fica evidente que um museu e seu acervo necessitam ter esses profissionais na gestão, para atender a sociedade e cumprir com a definição aprovada em 2001, pela 20ª Assembléia Geral de Barcelona, na Espanha, para a qual:

Os museus são instituições permanentes, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam e expõem, para fins de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes (ICOM, 2009, p.31).

Todos os fins definidos nessa Assembléia são apropriados, principalmente quando se trata de serviço à sociedade, como aos inúmeros territórios semelhantes ao bairro Lomba do Pinheiro, carentes de instituições que trabalhem com a comunidade. Uma comunidade que conta com deficiências extremas, que precisam ser de alguma forma, minimizadas. Por exemplo, os dados colhidos dos percentuais por domicílio no Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - analisados por técnicos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, são: o abastecimento de água não adequado; o esgotamento sanitário não adequado; ausência de banheiro e sanitário; os responsáveis pelo domicílio com renda até um salário mínimo; os responsáveis pelo domicílio com renda até dois salários mínimos; a quantidade de pessoas de 0 a 14 anos; os responsáveis por domicílio com menos de quatro anos de estudo, as mulheres responsáveis por domicílio analfabetas. O resultado divulgado em 2007 apontou a Lomba como o oitavo entre os onze da capital com maior Índice de Vulnerabilidade Social (PREFEITURA..., 2007b).

A responsabilidade de um museu comunitário num território com risco social é enorme, pois cabe também a instituição, trabalhar para mudar tal circunstância. Comprometimento que também passa pelos cursos de Museologia, para formar museólogos qualificados a elaborar projetos que envolvam os atores sociais, a fim de que se reconheçam como sujeitos de sua própria história, e caminhem em direção à cidadania e a ascensão social. Para promover ações que visem operar mudanças no quadro da vida cotidiana, das relações culturais, humanas e familiares, sendo instrumentos para registrar a memória social, educar para o patrimônio, pertencimento ao território, aumento da auto-estima e a inclusão sócio-cultural.

No caso do museu comunitário específico, o MCLP/MFR, foco deste trabalho, situado em um bairro com alto IVS, é necessário que o conhecimento chegue à comunidade, que seja empoderada para exercer a cidadania, e ela própria busque diante do poder público, a “justiça social e transformação” (SEMEDO; FERREIRA, 2010, p.12), visando alcançar àquilo que lhe garanta a dignidade humana e a possibilidade de mobilidade social.

O MCLP/MFR, ainda que de forma incipiente, ensaiava os primeiros passos pelo caminho dessa realidade prática, quando foi destaque no Prêmio Cultura Viva (2006), onde a instituição:

[...] se destaca nas lutas sociais dos grupos populares da cidade. [...] às exposições e às práticas de educação patrimonial, além de atividades culturais e de sociabilidade que valorizam a história e a memória de todos (PRÊMIO..., 2006, p. 16).

Embora tal reconhecimento, muito trabalho ainda necessita ser realizado, visto que atualmente existe uma progressiva perda de identidade cultural por parte da comunidade da Lomba. Uma das razões, mais local, é o contínuo aumento da população sem vínculos históricos com o território: novos condomínios e prédios de apartamentos, que atraem moradores de diversos outros bairros. Outra razão para a perda da identidade é de caráter mundial, tem ligação direta com a unificação das culturas, fenômeno universal, em razão do avanço da globalização dos produtos e das comunicações. As rápidas mudanças, que introduzem novas referências culturais, necessitam ser enfrentadas pelos museus e seus profissionais, num exercício crítico constante, com um processo de capacitação dos atores sociais das comunidades locais por meio de ações educativas, registro da história e da cultura

local, do saber/fazer etc. Para efetivar seu trabalho, o museólogo necessita cada vez mais de qualificação, se especializando na função social dos museus. Deve conhecer e estar atualizado às mudanças, local e global, para operar eficazmente nas realidades e necessidades da comunidade.

Nessa direção, o curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, elaborou um currículo de disciplinas voltadas ao interesse do aluno, com diferentes possibilidades de enfoque, sem deixar de levar em conta os conceitos da Nova Museologia. O estudante do curso tem a oportunidade de desenvolver competências e habilidades para desempenhar a vida profissional, como agente de reflexão a partir do estudo, análise e crítica; produzindo e divulgando o conhecimento numa perspectiva interdisciplinar, com outras áreas do conhecimento, “contribuindo para a construção da cidadania, por meio da difusão e da preservação da memória, do patrimônio e da cultura das sociedades” (COMISSÃO..., 2011, *online*). Durante o XV Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Museologia, realizado no Rio de Janeiro em 1999, ao expressar seu sentimento em relação aos museus e aos museólogos, Santos (2002) deixou uma mensagem aos profissionais de museus:

Que olhem para os museus e para além dos museus; que, com o patrimônio Cultural, e a partir da reflexão e da ação sobre o Patrimônio Cultural, possam ser sujeitos da História, promover a atuação de outros sujeitos da História, possibilitando a construção e reconstrução de múltiplos patrimônios culturais, visando ao desenvolvimento social e ao exercício da cidadania; que o fazer museológico produza conhecimento e esteja impregnado de vida - paixão, desejos, sonhos, troca, objetividade e subjetividade, em permanente abertura, para avaliar os processos museais e para a auto-avaliação; que estejam preparados para atuar nos museus e fora dos museus; que busquem, constantemente, a qualidade formal e a qualidade política, assumindo o compromisso social e o exercício da cidadania (SANTOS, 2002, p.24).

Ainda que a academia, os cursos de Museologia e os professores, os museus tradicionais e os comunitários, com seus museólogos e corpos técnicos, possam não ter todas as respostas que deles se buscam, homens e instituições devem fazer parte de um “[...] espaço de questionamento e indagações [...]” (MENEZES, 2002, p.39); e que, por meio de Programas de Extensão e/ou projetos institucionais, tanto a Museologia, quanto os museus e os profissionais, possam ser co-participes da realidade transformadora da sociedade.

6 O PROGRAMA LOMBA DO PINHEIRO, MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CIDADANIA

Os capítulos anteriores trataram da tipologia dos museus comunitários, das funções dos Programas de Extensão Universitária e da Museologia na sociedade, bem como uma síntese histórica do território onde se insere o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião, o bairro Lomba do Pinheiro e a cidade de Porto Alegre. Neste capítulo veremos em mais detalhes o Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, que tem como alvo sensibilizar os agentes e atores sociais envolvidos. No caso, agente social são os professores e estudantes do curso de Museologia da UFRGS, os técnicos do MCLP/MFR, do IPDAE e os professores das escolas da Lomba do Pinheiro, cuja minoria reside no bairro.

O conceito de agente social aponta para todo indivíduo multiplicador de informações, que agencia os demais sujeitos na conscientização dos seus direitos e deveres; estimula a inclusão social, a construção de uma história de vida na comunidade e incentiva o exercício da cidadania para um futuro digno de ser vivido. Atores sociais são os estudantes das escolas e o público em geral, a maioria residente na Lomba. Entende-se por ator social todo sujeito que pode assumir seu papel na sociedade de forma crescente, ao participar, pensar, discutir, argumentar, elaborar juízos de valor, efetuar escolhas e tomar posição sobre as mais variadas questões.

Como explicitado em capítulos anteriores, o Programa Lomba do Pinheiro mantém quatro ações de extensão em andamento desde 2009: o Projeto de Educação para o Patrimônio, concebido para abordar a questão da preservação do patrimônio local com a comunidade, seja com os estudantes, professores ou outros seguimentos. Tendo em vista esclarecer as várias definições do vocábulo patrimônio, promove oficinas para apresentar o conceito relativo aos bens culturais, bem como os processos de degradação e preservação do patrimônio. Objetiva que cada ator social participante, se aproprie dos bens culturais do território e se torne um cidadão consciente da necessidade de preservar os bens culturais e a natureza da Lomba.

O Projeto de História Oral, que trabalha por meio de Rodas de Memória, reúne grupos de atores sociais que tiveram ou tem alguma afinidade entre si, moradores e ex-moradores que em razão de atividade específica, possuem laços com a história local. As Rodas de Memória são realizadas com atores sociais que

vivenciaram o desenvolvimento do bairro em vários sentidos: a transformação de área rural para urbana, a melhoria das condições de vida, o aumento da população, as novas escolas, postos de saúde, posto policial, asfalto nas vias principais, crescimento do Índice de Vulnerabilidade Social, invasões de áreas para a formação de novas vilas, construção de condomínios de luxo, o lazer, os esportes, o trabalho etc. Ao registrar a memória coletiva, que os atores sociais relembram coletivamente durante as Rodas, o Projeto tem o objetivo de fomentar o respeito ao passado, real ou imaginário; o sentimento de pertencimento à comunidade; a preocupação com a consciência coletiva e a individual, e com a memória e a identidade da geração presente.

O Projeto Museus de Rua aborda com um caráter mais pontual, a história das lutas dos diversos grupos, em especial das vilas. E ainda que o Índice de Vulnerabilidade Social na Lomba do Pinheiro aponte tal circunstância no bairro como um todo, nem todas as vilas apresentam moradores em situação de risco social, embora o referido índice seja considerado alto. O objetivo dessa ação é que, por meio da proposta museográfica, os atores sociais tomem conhecimento da própria atuação e daquilo que já foi alcançado mutuamente por meio do ativismo político em cada espaço. Visa que sejam empoderados e busquem de forma cidadã, diante do poder público, benefícios que supram suas necessidades.

Tanto as lideranças quanto as pessoas comuns, agentes e atores sociais, ao se depararem com suas memórias nos totens dos Museus de Rua, tem sua auto-estima elevada, não apenas por observar a história recontada no presente, mas porque muitos efetivamente participaram dos eventos que se tornaram parte da memória daquele território; porque deixaram sua marca na história da comunidade da Vila Recreio da Divisa, no caso específico, onde foi realizada a primeira pesquisa e exposição do Projeto Museus de Rua.

Nas três ações, Educação para o Patrimônio, História Oral e Museus de Rua, são evidenciados os bens culturais da Lomba, as memórias e as lutas dos atores sociais, com o objetivo de preservar o patrimônio comum, de conhecer e registrar a história local e de abastecer de conhecimento os atores, na busca por melhores condições de vida. São ações que visam operar mudanças no quadro da vida cotidiana, nas relações entre os moradores e o bem comum; ações com educação e preservação do patrimônio, com história e memória social, para fortalecer a identidade do bairro e dos atores sociais.

A última das ações a ser analisada aqui é o Projeto de Turismo Comunitário, conhecido também como Lombatur, cujo conceito é apenas levar os atores sociais a apreciar o território comum, sem qualquer preocupação inicial com a geração de renda. O objetivo não é somente incentivar os moradores da Lomba a visitar o próprio território, pois se fosse exclusivamente esse o caráter da ação, deveria ser dirigido igualmente para visitantes do exterior do mesmo, às pessoas que buscassem lazer por meio do estranhamento. No entanto, o projeto de Turismo Comunitário foi elaborado para atender primeiramente os moradores do bairro Lomba do Pinheiro, um dos mais populosos da cidade de Porto Alegre, a fim de uma apropriação do espaço comum.

Dados recentes, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, apontam para a existência de 58.031 habitantes no bairro (PREFEITURA..., 2010, *online*), apesar disso, conforme dados não oficiais divulgados pelo Conselho Popular da Lomba do Pinheiro, a quantidade pode chegar a 80 mil habitantes (CONSELHO..., 2011a, *online*). Ainda que a diferença entre os dados não fosse tão expressiva, grande parcela da comunidade não conhece o bairro e não conhece o MCLP/MFR, nem participou efetivamente da sua criação; instituição inaugurada em 2006 e que está desde então à disposição da comunidade, com diversas ações inerentes a um museu comunitário.

A tipologia dos ecomuseu/museus comunitários apresenta como característica uma instituição onde “[...] o patrimônio coletivo e comunitário substituía a noção tradicional de coleção e a gestão do ecomuseu era compartilhada por um grupo de associações e de voluntários da própria comunidade” (POSSAMAI, 2010a, p.1). Tal conceito promove o entendimento de que na Nova Museologia, ou mais especificamente, na tipologia dos ecomuseus, museus de território e museus comunitários, entre outros:

O museu passa a ser assumido [na sua totalidade] pelas comunidades locais enquanto agente do processo de mudança social, sobretudo naquelas realidades com problemas culturais e sociais específicos, como as comunidades indígenas e negras, os bairros pobres nas grandes cidades (POSSAMAI, 2010a, p.2).

No entanto, é impraticável que uma comunidade, na sua totalidade, assumira qualquer instituição; a autora, inclusive aponta a existência de três problemas mais amplos que os museus comunitários enfrentam enquanto operam com as

comunidades: “[...] a necessidade de estabelecimento de estratégias de escuta; a necessidade de definição dos sujeitos a serem ouvidos; o que escutar” (POSSAMAI, 2010a, p.3). Quando é dito que um museu comunitário “nasceu da vontade da comunidade”, isso não significa que foi inteiramente nela que germinou a consideração de possuir um museu comunitário no território, nem que a comunidade é que continuará gerindo todas as fases posteriores da instituição sem qualquer ajuda e/ou orientação técnica. Tal situação seria impraticável por diversas razões e talvez a mais importante seja a necessidade, ao menos inicial, de uma equipe de técnicos e acadêmicos para capacitar a gestão da instituição junto com a comunidade, no que diz respeito aos trâmites legais.

Na relação direta da necessidade de capacitação técnica/acadêmica para desenvolver atividades, surgiu uma das motivações para concretizar a parceria entre o curso de Museologia e MCLP/MFR. O Programa previu a aplicação no âmbito do Museu, de atividades práticas vinculadas a diferentes disciplinas do currículo do curso (APÊNDICE A), direcionadas ao alcance de objetivos, tanto acadêmicos quanto comunitários. Foi configurado para operacionalizar o compromisso social da universidade com o desenvolvimento e a inclusão social e cultural do território, e permitir a integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão por meio de ações comunitárias. O Programa se constituiu, desde a implantação, num permanente fórum de provocação e de debate, pautado pelo compromisso do MCLP/MFR com o desenvolvimento e a mudança social da Lomba, base em que se sedimenta a Política Nacional dos Museus para todo o País.

Por meio da parceria, ambas as instituições colaboram na construção coletiva de alternativas mais inclusivas para a comunidade, como expressa o título do Programa: Memória, Informação e Cidadania. Dentro dele foram previstas ações de extensão específicas, criadas sob a denominação de projetos, a partir e de acordo com as manifestações da comunidade da Lomba por ocasião da fundação do MCLP/MFR (ATA, 2005). A instituição se colocou no espaço adequado para a construção coletiva de alternativas de inclusão social, em que as subjetividades, as aspirações, motivações e histórias de vida se converteram em elos para ligar, encadear e incluir social e culturalmente a comunidade. Desde os primeiros movimentos do Programa Lomba do Pinheiro no Museu, havia um grande desafio, pois seria necessário utilizar toda a capacidade de funcionamento da instituição para desenvolvimento pessoal e da mesma forma para com o território.

Após três anos de aplicação do Programa Lomba do Pinheiro, esta pesquisa objetivou identificar situações que deixaram marcas positivas junto aos agentes e atores sociais, que de maneira não material, num primeiro momento, produziram a fruição por meio do patrimônio da comunidade, fossem: conhecer seu território e sua história ou as histórias de grupos específicos, por meio das pesquisas/exposições; visitar lugares de memória no território, participar de oficinas, entrevistas e gravações de documentários, entre outros.

Na Política Nacional de Museus consta que o objetivo da instituição museu, é:

[...] promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, [...] pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país (MINISTÉRIO..., 2011?, *online*).

As expressões materiais do Programa Lomba do Pinheiro referem-se a elementos concretos, enquanto as imateriais e espirituais incluem o intangível e o impossível de ser tocado fisicamente, tais como o saber/fazer e as celebrações (PRIMO, 1999b). Os registros da ocupação da Lomba pelo homem desde tempos remotos, abastecem a instituição com documentos materiais, portanto, apresentam uma historicidade que pode ser observada, ainda que seu significado e simbologia se constituam no plano do intangível.

Apesar disso, tanto os registros material quanto imaterial, estão sempre interligados. Por outro lado, quando se fala em cultura da Lomba, não se pensa apenas na ocupação do espaço pelo homem, mas também no meio ambiente em que a vida humana acontece na atualidade. O patrimônio cultural e o natural pertencem a todos os moradores, o que se constitui na problemática de uma extensa área em degradação, com prejuízo para todas as formas de vida existentes, além das condições de marginalização humana.

Durante desenvolvimento das ações dos projetos do Programa Lomba do Pinheiro, os acervos do MCLP/MFR, conforme o Código de Ética para Museus do ICOM, sempre foram “[...] utilizados para promover o bem-estar, o desenvolvimento social, a tolerância e o respeito pela defesa de expressão multisocial, multicultural e multilinguística” (ICOM, 2009, p.25). Além de utilizar o acervo, o Programa Lomba do Pinheiro foi adiante, ao reconhecer a função educativa do MCLP/MFR, que atrai e

amplia a visitação pelos moradores do entorno do museu: “Interagir com a comunidade e promover o seu patrimônio é parte integrante do papel educativo dos museus” (ICOM, 2009, p.21).

Antes do Programa Lomba do Pinheiro, o MCLP/MFR já trabalhava com a memória, com educação para o patrimônio e ambiental e com os movimentos de resistência dos moradores do território. Após a implantação do mesmo, os moradores, professores, estudante e público em geral, foram convidados a participar dos quatro novos projetos formatados, que serão detalhados a seguir.

6.1 Educação para o Patrimônio

O bairro Lomba do Pinheiro é uma região única no mundo, possui uma população, uma história e uma identidade ímpares, porém, em muitos aspectos é um território semelhante a qualquer outro onde habitam pessoas, e, em consequência, análogo em problemas e processos que se ampliam com o passar do tempo. As marcas que hoje podem ser encontradas na Lomba testemunham tais processos, resultado da ação de agentes naturais e de grupos humanos, que continuam interagindo ao modificar a paisagem, construir estruturas, confeccionar objetos, pintar, escrever, ensinar, compor música, poemas, contos; dançar, cultivar tradições etc.

Ao tentar separar em camadas todas as intervenções que existem em uma comunidade, é possível ver parte das marcas das transformações que ocorreram e que perduram; registros que fornecem informações com valores cognitivo, estético, afetivo e simbólico “[...] por isso, se tornam bens culturais, objeto de atenção, de estudos, cuidado, proteção, manutenção e de restaurações pelas instituições e administrações públicas ou privadas” (MATTOZZI, 2008).

Algum tempo antes da implantação do Programa Lomba do Pinheiro no MCLP/MFR, já acontecia na instituição, duas atividades relacionadas à Educação para o Patrimônio e Ambiental: o Programa Conexões de Saberes e o Programa Macacos Urbanos. O Programa Macacos Urbanos era desenvolvido por meio de oficinas de Educação Ambiental, utilizando a área de mata preservada existente no terreno da instituição, na forma de trilha ecológica. A parceria foi estabelecida em 2007 entre o MCLP/MFR e o Grupo Macacos Urbanos, formado por alunos da Faculdade de Biologia da UFRGS. O Grupo, que ainda atua em outros bairros da

cidade, utiliza o Bugio Ruivo (*Alouatta guariba*), espécie em perigo de extinção, para divulgar a necessidade de conservação e preservação da flora e fauna locais. “O projeto trabalhou [...] na região da Lomba do Pinheiro, bairro de Porto Alegre onde há ocorrência do bugio em formações florestais remanescentes” (UNIVERSIDADE..., 2011a, *online*).

Outro, o Conexões de Saberes, também é um Programa de Extensão da UFRGS,

[...] voltado para o apoio à permanência de estudantes de graduação oriundos de classes populares na Universidade, [...] atuando em quatro eixos temáticos: Ações Afirmativas; Cidadania e Direitos Humanos; Cultura, Identidade e Patrimônio, e Educação Ambiental e Saúde (UNIVERSIDADE..., 2011B, *online*).

O Programa Conexões de Saberes busca estimular uma maior articulação entre a universidade e as comunidades populares por meio da troca de saberes, experiências e demandas. Supervisionados por professores da UFRGS e pela coordenadora do MCLP/MFR, os estudantes desenvolveram “[...] ações de educação patrimonial e ambiental junto às escolas do bairro, propiciando o diálogo entre o saber acadêmico e os saberes populares” (UNIVERSIDADE..., 2009, *online*).

As atividades desenvolvidas pelo Programa Conexões de Saberes tinham o objetivo de conscientizar as comunidades envolvidas sobre a importância da preservação do patrimônio local. Buscava apresentar noções sobre a preservação do patrimônio e apoiar os professores da rede pública para a inclusão desses temas na sala de aula, como forma de fortalecer o exercício da cidadania e a qualidade científica. Por meio de ações que aconteceram no Projeto, o MCLP/MFR procurou demonstrar à comunidade, que o patrimônio só pode ser entendido nas relações entre o homem e o ambiente. No caso específico, objetivava conscientizar os participantes da maneira como cada um vive e onde cada um vive sua própria realidade no território da Lomba.

Em maio de 2010 alguns resultados do Programa Conexões de Saberes, desenvolvidos no MCLP/MFR, foram apresentados no *The Youth, the Museum and Affirmative Action in Brazil*, Congresso Internacional que aconteceu em Shanghai, na China. Conforme Possamai e Feijó (2010b):

Combating governmental neglect, the dwellers of “Lomba do Pinheiro” have learnt how to organize themselves in associative and cooperative forms, in order to meet local needs. As a result the neighborhood possesses a population with a high level of political organization seen in several community associations (POSSAMAI, FEIJÓ, 2010b. p.50).

Enquanto atuaram na Lomba do Pinheiro, ambos os Programas, Conexões de Saberes e Macacos Urbanos, abordaram as carências existentes na rede de infraestrutura básica, a ausência de equipamentos públicos, bem como a degradação ambiental, que é uma realidade nas vilas, onde, conforme Oberrather e Pegoraro (2006) existem:

[...] loteamentos à margem do controle público, sem o devido atendimento das exigências para padrões urbanísticos determinados, como largura de vias, reserva de área para equipamentos públicos de educação e lazer, bem como a preservação dos bens naturais [...] (OBERRATHER; PEGORARO, 2006, p.4).

Ainda que ambos os Programas⁶ tenham deixado de acontecer no MCLP/MFR, a coordenadora do Museu, que é historiadora, seguiu executando atividades de Educação para o Patrimônio. Aconteceram pesquisas e uma proposta de aproximação, com os professores da área de História das escolas da Lomba do Pinheiro, a fim de incentivar os mesmos a reavaliar “[...] os conceitos de memória, história, patrimônio e museu, conhecerem e investigarem a respeito da história do bairro, traçarem percursos diferentes dos habituais e conhecerem o museu do bairro” (SILVA, 2010. p.6).

De certa forma as ações do Projeto de Educação para o Patrimônio do Programa Lomba do Pinheiro somaram-se a essas ações, e as atividades do Projeto de Educação para o Patrimônio acontecem desde então com atores sociais os mais diversos: das escolas do bairro, creches, associações de moradores e grupos da melhor idade; com objetivo de promover, por meio de ações culturais e educativas, uma transformação social visando valorizar e preservar a história local, bem como estimular o sentimento de auto-estima e a cidadania nos moradores. As oficinas objetivam promover o diálogo entre a comunidade e o patrimônio cultural, seja pessoal ou coletivo, material e imaterial, para que os indivíduos se reconheçam

⁶ Em razão das políticas da Universidade os Programas de Extensão: Macacos Urbanos e Conexões de Saberes deixaram de ser realizados no bairro Lomba do Pinheiro, porém tem prosseguimento normal em outros bairros de Porto Alegre e região metropolitana.

como atores sociais e apropriem-se dos bens culturais que fazem parte do território, e, em consequência, da identidade da Lomba.

Por exemplo, uma das atividades é dividida em etapas: sendo que na primeira o alvo são os professores, em seguida os pais dos alunos, para envolver as famílias, independente de antigas ou recém chegadas ao bairro. Nas escolas os alunos recebem um mapa do território, a fim de localizar diversos pontos, como a escola, o museu, a residência da família, as paradas⁷ de ônibus, praças, postos de saúde etc. O trabalho de localização é realizado em casa, junto com os familiares. Com a tarefa já executada no mapa, a etapa posterior retorna à sala de aula, quando os alunos trazem também um objeto que esteja com a família há bastante tempo, do qual possam contar, desenhar, descrever e/ou escrever alguma história ou confeccionar um trabalho manual. Na última etapa os alunos são convidados a visitar e conhecer o Museu, momento em que visualizam os trabalhos que desenvolveram, agora numa exposição temporária, lado a lado com o acervo da própria instituição.



Projeto de Educação para Patrimônio em escolas do bairro/Arquivo Institucional do MCLP/MFR

Em ambas as atividades: de Educação para o Patrimônio e de Educação Ambiental, os alunos das oficinas de diversas faixas etárias sempre foram estimulados a reconhecer a importância da organização popular e a preservar o patrimônio material e imaterial do território comum. O ensino acontece pelo fato do aluno trabalhar com o mapa do bairro, juntamente com seus familiares, e nele localizar os diversos equipamentos públicos e bens culturais. Irá se deparar com problemas que precisam ser enfrentados individual e coletivamente. As ações também se valem da exibição de filmes para trabalhar a temática do patrimônio e da

⁷ Pontos de embarque e desembarque de passageiros durante o trajeto.

memória, seja pessoal, familiar ou comunitário, contribuindo para o diálogo e a discussão entre os participantes. O objetivo é levá-los a perceber que muitos bens culturais do cotidiano de suas relações, fazem parte do patrimônio coletivo, para que sejam estimulados a agir como cidadãos. Conforme Mattozzi (2008, *online*):

[...] os bens culturais são simplesmente marcas que devem ser transformadas em instrumentos de informação, mas se tornam elementos que marcam o território [...] Graças ao uso dos bens culturais e graças à educação para o patrimônio, o aluno adquire conhecimentos sobre o território e sobre os problemas da sua gestão e pode tornar-se um cidadão consciente, interessado e crítico (MATTOZZI, 2008, *online*).

O que se pretende com a Educação para o Patrimônio é que cada ator social, jovem ou não, tome consciência de suas ações e se transforme num cidadão que preserva o patrimônio da comunidade, seja qual for esse patrimônio. Segundo Varine (2010, *online*) “[...] podemos ver qual é a situação de um patrimônio num território em face da sua comunidade [...]”.



Fazenda do Boqueirão em 2011/Arquivo do autor.

Esse consultor internacional, um dos fundadores/introdutores do conceito da Nova Museologia na década de 1970, compartilha a opinião de que é possível preservar o patrimônio de um território ao aproximar a noção de patrimônio com a de território, conforme a compreensão que os atores sociais tenham sobre o termo patrimônio. “Também é consenso que a idéia de patrimônio cultural não deve ser entendida como um conceito teórico” (GONDAR; DODEBEI, 2005 apud MASCHIETTO, 2011, *online*).

Essa aproximação pode encontrar dificuldades no entendimento do termo, que se apresenta na sociedade com diversos significados. Entre tantas conotações, temos: patrimônio familiar, pessoal, empresarial, material e imaterial, tangível e intangível, público e privado, cultural, artístico, histórico, registrado, tombado. Todavia, o usual conceito de Educação Patrimonial é tradicionalmente ligado a patrimônio tombado, em que, “na imaginação ou na experiência do mundo, o elemento do patrimônio é um monumento, um sítio natural, cultural, um sítio arqueológico” (VARINE, 2010, *online*).

Grinspum (2000, p.28) considera importante sua substituição pelo termo Educação para o Patrimônio, como estratégia para que o conceito seja expandido, visando “[...] explorar e utilizar todo o potencial que os bens culturais preservados oferecem como recursos educacionais, desenvolvendo as habilidades de observação, análise, atribuição de sentidos, contextualização e valorização do patrimônio”.

Afinal, para que educar para o patrimônio? Por que preservar, proteger ou conservar algum bem? É em virtude do valor do bem? Mas como reconhecer esse valor? Mattozzi (2008) diz que:

Os processos de ensino e de aprendizagem que incluem bens culturais são relativos ao território e o devem incluir na atividade formativa. Os bens produzem conhecimentos históricos com escala local e dão aos alunos a possibilidade de melhor compreender o cenário da sua vida (MATTOZZI, 2008, *online*).

Ainda que bens culturais sejam utilizados no processo, alcançar a Educação para o Patrimônio não é algo garantido. Existem certas condições e estratégias adequadas para atingir a meta, podendo ser um caminho tão complexo como é entender o próprio conceito de patrimônio.

A primeira condição é que as experiências de aprendizagem se desenvolvam com a utilização dos bens culturais originais: monumentos, arquiteturas, fontes de arquivo, peças de museus, sítios arqueológicos, quadros autênticos etc. A segunda condição é que sejam objeto de observação e de uso para produzir informações. A terceira condição é que esses sejam colocados em relação com o contexto e com a instituição que os tutela. A quarta condição é que se promova a tomada de consciência de que são a minúscula parte de um conjunto muito mais amplo que permite o conhecimento do passado e do mundo, o prazer de conhecer, a fruição estética. As últimas duas condições requerem que se generalize a descoberta do

valor dos bens culturais usados e das instituições e dos sujeitos que os tutelam e os estudam (MATTOZZI, 2008, *online*).

Em relação ao MCLP, a utilização de bens culturais autênticos é facilitada tanto pelo próprio espaço da instituição como pelo acervo do MFR, somados ao sítio arqueológico existente no bairro e às exposições temporárias oriundas do Projeto de História Oral, que podem ser observadas antes, durante e após as oficinas. Essa estratégia de Educação para o Patrimônio produz um acréscimo crescente na maneira de compreender e na conscientização do significado do patrimônio de um território por meio dos bens culturais, que são transformados em “instrumentos de informação” (MATTOZZI, 2008, *online*), ou mesmo ao empregar aqueles de uso cotidiano, do ambiente das famílias ou dos atores sociais nas relações com a comunidade. Para Chagas (2007):

Apenas aqueles que se consideram possuidores ou que exercem a ação de possuir – seja do ponto de vista individual ou coletivo – é que estão em condições de instituir o patrimônio, de deflagrar (ou não) os dispositivos necessários para a sua preservação, de acionar (ou não) os mecanismos de transferência de posse entre tempos, sociedades e indivíduos diferentes (CHAGAS, 2007, *online*).

O fato positivo observado, é que aqueles que participam das atividades tem demonstrado possuir capacidade cognitiva suficiente para analisar fatos e processos do passado, reconhecendo marcas e informações, para relacioná-las com o viver do dia-a-dia, para se apoderar de algo que é seu e então preservar.

Ao tentar avançar no sentido mais amplo do termo patrimônio e entender seu significado em relação à questão que se apresenta diante dos museus, vimos que na realidade alguns atores sociais já possuem uma consciência suficientemente aguçada, no sentido da preservação de bens patrimoniais, enquanto que outros atores ainda precisam ser estimulados a aprender.

Conforme Grinspum (2000) o termo Educação para o Patrimônio se refere àquelas

[...] formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar objetos de coleções dos museus, do ambiente natural ou edificado, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios com excelência e igualdade (GRINSPUM, 2000. p.39).

Nas ações do Projeto de Educação para o Patrimônio do MCLP/MFR, o objetivo é promover uma reflexão crítica acerca de alguns conceitos como cultura, museu, memória, patrimônio cultural e história, provocando questionamentos e interpretações. O patrimônio, nesse caso, é algo a ser interpretado e não somente apreciado. As atividades são planejadas para que possam ir além de uma visita mediada às exposições, que também são muito importantes, mas que são apenas parte de um processo maior.

As ações preparadas para um grupo, seja com público escolar ou não, tem a duração mínima de dois turnos, para haver a possibilidade de trabalhar com os conceitos acima. Ao receber solicitação de uma escola, por meio de uma professora ou da direção, a mesma é questionada sobre a intenção de relacionar o acervo e a metodologia do MCLP/MFR com o conteúdo que está sendo ministrado em aula, ou se deseja apenas que conheçam a instituição e suas relações. É importante que os professores entendam que podem ajudar osicineiros do Museu nas atividades com os alunos, a fim de que possam “[...] perceber peculiaridades do local para a realização de ações conjuntas e construção de alternativas [...] com a intenção de provocar nos alunos um olhar mais crítico do cotidiano” (SILVA, 2010, p.1).

A partir de um entendimento prévio, conforme a faixa etária do grupo, as atividades são planejadas e realizadas de acordo com os interesses da instituição, da professora e o tempo de duração. Um filme, uma dinâmica, uma discussão em torno de imagens ou um jogo, são alguns métodos utilizados para atrair a atenção dos participantes a um assunto específico e provocar uma discussão. A questão importante em toda ação é a reflexão, pois em uma oficina de Educação para o Patrimônio, o objetivo nunca é simplesmente passar uma informação, mas conversar e trocar ideias sobre determinado assunto.

A metodologia se baseia em Freire (1996, p.12), pois “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Dessa maneira, perguntas são levantadas pelosicineiros durante todo o tempo da atividade, visando distinguir a opinião e o conhecimento de mundo de cada participante, para que aconteçam as trocas. Segundo Silva (2010) “[...] assim como a escola o museu também pode ser transformado em um local de aprendizagem participativa, onde toda a comunidade do entorno possa fazer uso do local e ao mesmo tempo (re)construí-lo constantemente” (SILVA, 2010. p.4).

Faz parte das ações de Educação para o Patrimônio, uma visita às exposições da instituição, para relacionar o acervo do MCLP/MFR com o que foi discutido durante a atividade. Por ser um museu comunitário, em muitos casos, são discutidos os assuntos do cotidiano, os problemas sociais e os conflitos culturais do território da Lomba. Em geral os assuntos surgem naturalmente, a partir do momento em que o patrimônio é trabalhado pela ótica da interpretação. Em uma determinada oficina poderá surgir uma questão relativa aos indígenas, e um participante demonstrar preconceito em relação aos índios, o que provocará uma discussão com o restante do grupo, que poderão então colocar suas posições. Surgem assuntos relativos à questão ambiental, ao transporte público, a educação e a segurança. Antes de iniciar a oficina, é realizada uma sondagem com os participantes, com perguntas sobre o conteúdo que se pretende trabalhar e, ao final, é feita uma avaliação, onde as consequências da oficina são analisadas: o que funcionou, o que não funcionou e o que pode melhorar. Conforme Silva (2010), acredita-se que a atividade de Educação para o Patrimônio ministrada a partir do MCLP/MFR, por meio da história local,

[...] se constitui como prática cidadã, contribuindo com a função da escola no processo de capacitar o estudante a realizar a leitura do mundo, reconhecer-se nele, identificar suas relações de pertencimento e perceber o quanto o presente é tecido com fios do passado e fios do futuro. Ou ainda, perceber a memória como composição que visa dar sentido a experiências pessoais, passadas e presentes (BERGAMASCHI; STEPHANOU, 2002, p.95 apud SILVA, 2010, p.8).

Embora todas as ações de Educação para o Patrimônio, desenvolvidas até o momento, é preciso estar ciente que continuará existindo uma dupla inseparável, lutando em constante oposição: a preservação do patrimônio contra a destruição do patrimônio. Oposição que atinge tanto o patrimônio público quanto o privado: a fachada de um prédio público ou o muro de uma residência particular; uma escola, uma sala de aula ou mesmo o material escolar do aluno; um telefone público, um abrigo de ônibus, as placas de trânsito, as árvores do passeio público, as lixeiras. Porém, acredita-se que a partir do momento em que os atores sociais despertarem para o benefício e a utilidade desses bens à comunidade, por meio do conhecimento proporcionado pela Educação para o Patrimônio, a preservação se tornará uma

realidade crescente. Afinal: “Um povo só preserva aquilo que ama. Um povo só ama aquilo que conhece” (ECOMUSEU, 2004, *online*).

Cada ator social, aluno de uma escola da Lomba ou adulto, que participa das oficinas do Projeto de Educação para o Patrimônio, passará a ter a possibilidade de preservar, ao adquirir, conforme Mattozzi (2008, *online*), “[...] conhecimentos sobre o território e sobre os problemas da sua gestão e pode tornar-se um cidadão consciente, interessado e crítico”. Ao apresentar ao ator social: o passado do bairro, as histórias de vida das pessoas comuns, os lugares de memória dos moradores, o acervo da instituição lado a lado com algum objeto da família do ator, ou mesmo produzido por ele, se está criando um artifício eficiente para que as novas gerações valorizem e aprendam a gostar daquilo que possuem no presente, com o intuito de preservar para o futuro. Agentes e atores sociais da comunidade da Lomba do Pinheiro declararam que:

Patrimônio é uma coisa que a gente constrói e tem que cuidar. Como aqui no Museu, é uma coisa que é de todo mundo, então acho que todo mundo pode contribuir e pode usufruir do que tem aqui, são coisas que só vão acrescentar. Estudante D/15 anos/Moradora do bairro há cinco anos.

Naquela época eu trabalhava numa firma e estudava de noite no colégio Anchieta, saia tarde e subia a Lomba do Pinheiro a pé. Não tinha estrada, era só uma picada no meio da mata. O que fizeram foi o rebaixamento da estrada, depois do projeto de um engenheiro da Prefeitura, que foi presidente da Associação de Moradores da Vila São Francisco. Quando eu era presidente da Associação [o pinheiro] foi plantado três vezes, mas não vingou. Vicente de Paula Miraber/63 anos/Morador do Bairro há 55 anos.

Chamou muita atenção a prática que o pessoal do Museu tem, de fazer dois, três encontros com a mesma turma. Vim de um lugar que faz ação educativa, mas é uma tarde, como uma visita guiada. Me surpreendi com o diferencial daqui: o professor vem e senta com a equipe do Museu e combina algo para aquela turma ou para aquilo que o professor está querendo trabalhar. Minha turma do ano passado veio em três tardes durante três semanas, uma tarde por semana. É sempre mais de um encontro. O retorno é positivo em vários sentidos: na escola não tem espaço de lazer, por causa da reforma. Quando dizia para eles [os alunos]: nós vamos ao Museu da Lomba. Eles me olhavam com uma cara de curiosidade. Passam todo dia na frente, mas não notam o Museu. Para eles é bom explorar um lugar que fica em frente ao colégio e não conhecem, no sentido de aprendizado. Com relação ao conhecimento, eles aprendem muito e com mais facilidade. Laura Ferrari Montemezzo/Professora de História/Escola Rafaela Remião/ Trabalha no bairro há um ano.

Por meio do Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania os alunos do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul demonstram conhecimento, ao realizar vivências e participar das atividades do Museu Comunitário Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião. Ao ministrar oficinas de Educação para o Patrimônio, estão cooperando com a educação e a preservação do patrimônio local, seja o patrimônio material ou imaterial, seja a história do bairro ou de um ator social em si, na formação e apropriação da identidade local ou individual. O sujeito da comunidade que consegue se apropriar e preservar o seu patrimônio, logo deixará de ser apenas um ator social, para se tornar um agente transformador; e o acadêmico, ao desenvolver as ações do projeto, ao compartilhar com a comunidade, aprende juntamente, a ser, além de agente social, cidadão e profissional da área de Museologia Social.

6.2 História Oral

Outra ação em andamento desde 2009, é o Projeto de História Oral, desenvolvido por meio de Rodas de Memória, realizadas com grupos de atores afins. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada por meio de grupo focal. A primeira Roda aconteceu com ex-jogadores de futebol do mais antigo clube do bairro, o Pinheirense Futebol Clube, e a segunda, com moradores que trabalham com Ervas e Benzeduras. As Rodas aconteceram por meio de encontros mensais, quando cada grupo de atores sociais se dirigia ao MCLP/MFR para lembrar suas histórias de vida e experiências em relação a determinados momentos da história do bairro. A pesquisa utilizou a metodologia de grupo focal, com um moderador do curso de Museologia da UFRGS, orientado pela coordenadora da instituição.

*[...] criamos uma metodologia própria para trabalhar com Rodas de Memória. As Rodas de Memória foram um sucesso, tanto que hoje, outros museus copiam, praticam as Rodas de Memória, sendo que antes disso a gente praticamente não tinha ideia de que Rodas de Memória podiam ser desenvolvidas em outros museus. **Cláudia Feijó da Silva/Moradora do Bairro/Historiadora/Coordenadora no Museu no Período 2008-2011.***

Na metodologia de grupo focal a função do moderador é estimular o pensamento dos participantes “[...] para colher dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador [...] o material obtido vai ser a transcrição de uma

discussão em grupo, focada em um tópico específico” (CARLINI-COTRIM, 1996, *online*). No caso do Pinheirense, o foco foram as percepções dos ex-jogadores em relação à prática envolvendo os torneios e os jogos de futebol, os bailes que aconteciam após os jogos de domingo, as dificuldades de transporte coletivo para alguns jogadores provenientes de outros bairros, as excursões do time, a torcida, a rainha e as princesas eleitas, os casamentos de colegas de time com as irmãs e primas dos demais, o parentesco entre vários jogadores, o lazer e a amizade que perdura por décadas.



Torcedores do Pinheirense F. C. com a Rainha e Princesa/Acervo MCLP/MF



Excursão do Pinheirense F. C./Jogadores Adenir e Vilsinho/Acervo MCLP/MFR

Durante as Rodas de Memória foi possível identificar tais fatos, por meio dos depoimentos dos participantes, entre eles o do senhor Jorge Dutra: *“Esse aqui é um exemplo, ó (Vado). Casou com a filha do treinador. O Tito casou com a minha irmã, o Tito é meu cunhado. E teve outros quantos aí que se conheceram assim...”* Também pelas memórias do senhor Edevar (o Vado): *“O pessoal era unido... o dia que tava chovendo o pessoal vinha conferir se ia sair jogo. Todo mundo vinha... era ou não era? Todo mundo vinha!”*.



Torcedores do Pinheirense F. C./Acervo MCLP/MFR

Muitas lembranças permanecem no imaginário não só dos jogadores, mas de outros atores sociais. Esse é o caso do senhor Adenir, jogador e filho de jogador, que recebeu o nome em homenagem ao um técnico do Pinheirense F. C. – considerado melhor amigo de seu falecido pai, o senhor Vilson, (conhecido como Vilsinho), que foi jogador do time e mais tarde árbitro dos jogos. Adenir, que frequentou o clube desde seus primeiros dias de vida, tem lembranças que ainda o emocionam:

Da torcida. Aquilo... tá gravado na minha mente. É... como é que é? ‘Arruma outro time... é canja, é canja de galinha, arruma outro time para bater a nossa linha’. Olha cara, eu escutava, eu escutei isso muito tempo. Porque tinha um barranco [...] Então elas, as meninas ficavam num barranco e passava o tempo todo cantando isso. A torcida era isso. Era essa música. Isso tá claro, eu nunca mais

escutei, né. Só existe lá, isso é de lá. 'Arruma outro time pra bater com a nossa linha, É canja, é canja de galinha... é canja de galinha, arruma outro time pra bater com a nossa linha'. Olha: Nossa linha! É um hino, né? Sr. Adenir Gonçalves de São João/52 anos.

Nas Rodas foram lembrados os fatos que ocorreram entre 1952 e 1979, período da existência da agremiação. Cada encontro das Rodas do Pinheirense foi gravado em vídeo, posteriormente degravado e disponibilizado a pesquisadores.

A opção da primeira Roda de Memória ter recaído sobre ex-jogadores do Pinheirense, se deu em virtude das frequentes citações pela comunidade ao time, a ex-jogadores e ao local do campo dos jogos, hoje ocupado por uma vila. Durante visitas ao MCLP/MFR, moradores que conheceram o local do antigo campo de futebol, lembravam das partidas disputadas, das cores da camisa, das princesas e também citavam nomes de diversos ex-jogadores. As lembranças ocorriam, em geral, ainda antes da implantação do Programa Lomba do Pinheiro, durante visitas de atores sociais à exposição de longa duração, espaço que apresenta objetos relacionados ao antigo armazém Vencedor.

Com a implantação do Programa Lomba do Pinheiro, a proposta de trabalhar numa pesquisa de História Oral foi apresentada pela coordenadora do MCLP/MFR e o Pinheirense foi um dos grupos afins que faziam parte das alternativas. Definido o grupo, os ex-jogadores começaram a ser contatados, inicialmente na companhia de um primeiro ex-jogador, que reside próximo à instituição. As primeiras visitas às casas dos ex-jogadores foram aleatórias e a recepção foi sempre calorosa, todos acolhendo com satisfação a proposta de um encontro com os colegas do Pinheirense no espaço do antigo armazém Vencedor, para conversar e relembrar histórias sobre o time e o bairro.

Durante as visitas iniciais aos ex-jogadores, foram realizadas diversas imagens e vídeos curtos, com momentos de descontração, em que os mesmos abriam suas casas e apresentavam a coleção particular de fotos, comentavam entre si com entusiasmo sobre alguns nomes de amigos quase esquecidos por alguns, bem como sugeriam endereços onde outros colegas de time poderiam ser localizados para a Roda de Memória. Nesses encontros preliminares, fotos e objetos da coleção particular foram solicitados mediante empréstimo, sendo alguns, inclusive doados à instituição, conforme formulário de doação assinada pelos doadores.



Roda de Memória Pinheirense F. C./Arquivo do autor

Definida a data da primeira Roda de Memória, compareceram nove ex-jogadores, incluindo alguns que residem em outros bairros e municípios. Para assistir ao evento estiveram presentes: familiares (esposas, filhos e netos) e amigos dos ex-jogadores; professores e estudantes da UFRGS, bem como pesquisadores interessados em conhecer a metodologia de pesquisa das Rodas de Memória com grupo focal, reunindo pessoas com vínculos afins.

Na segunda Roda a quantidade de participantes aumentou para onze, com um grupo de assistentes semelhante à primeira Roda. Nesta oportunidade houve a participação efetiva de acadêmicos do curso de Museologia para recepcionar ex-jogadores e familiares, preencher documentos, como ficha de dados pessoais dos ex-jogadores, fichas de doação e empréstimo de objetos e fotos relativas ao Pinheirense. Também para identificar nomes dos jogadores nas fotos antigas do time, na medida em que os ex-jogadores lembravam e concluíam coletivamente quem eram os antigos colegas, ausentes no momento, onde residiam e o que faziam atualmente; se já estavam aposentados ou se ainda trabalhavam, em qual atividade profissional etc.

Conforme Halbwachs (2006, p.54) “As memórias individuais não estão inteiramente isoladas e fechadas, necessitamos da memória coletiva para lembrar e

relembrar”. A maioria dos ex-jogadores está aposentada e entre as profissões e atividades, encontram-se: engenheiro, bancário, delegado de polícia, policial civil, advogado, vereador, vigia, empresário ou alguns que somente aproveitam a aposentadoria para atividades comunitárias ou lazer.

Posteriormente foi organizada uma exposição com imagens, vídeos e uma parte do acervo recebido em doação, bem como um recorte de frases das memórias relatadas por cada participante nas Rodas, contando fatos vividos durante os jogos e torneios do time do Pinheirense, que aconteceram tanto no campo na Lomba como nas excursões para os jogos no interior do Estado.



Lançamento Exposição Pinheirense/Arquivo do autor

As duas Rodas de Memória com os ex-jogadores do Pinheirense ocorreram no âmbito do MCLP/MFR, em 06 de junho e 02 de julho (APÊNDICE F) e a exposição denominada “Futebol no Museu: Pinheirense F. C. sai de campo e conta sua história”, foi lançada na “3ª Primavera dos Museus”, conforme programação que constou no calendário do Instituto Brasileiro de Museus (APÊNDICE G). Naquela oportunidade foi comunicado aos presentes, que a pesquisa havia sido inscrita, selecionada e seria apresentada na cidade do Porto, em Portugal, por ocasião do “I Seminário de Investigação em Museologia dos países de língua portuguesa e espanhola”, sob o título: “A preservação do patrimônio imaterial da comunidade do

bairro Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS: as pessoas e suas histórias de vida” (DALLA ZEN; SILVA; MINUZZO, 2009, *online*). Evento organizado pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da Faculdade de Letras da Fundação Universidade do Porto. Sendo a primeira participação do curso de Museologia da UFRGS em um evento internacional. Esse seminário em Portugal:

[...] tem como principal objetivo o aprofundamento da reflexão e das práticas de investigação no campo da Museologia, relacionando diferentes disciplinas e perspectivas, participando activamente (*sic*) na construção de uma comunidade de práticas que apoie a discussão e o desenvolvimento de projetos de investigação comuns (MUSEOLOGIA.PORTO, 2011, *online*).

No dia do lançamento da exposição do Pinheirense no MCLP/MFR, dezenas de ex-jogadores presentes receberam uma medalha personalizada, produzida especialmente para homenageá-los pelo evento. Além de jogadores e familiares, compareceram cerca de cem moradores da comunidade, de outros bairros e cidades, para participar o evento. Vários ex-jogadores declararam que não esperavam que esse momento fosse algum dia acontecer, após tantas décadas, numa verdadeira homenagem a quem somente buscava se divertir jogando futebol com os amigos. Nem tampouco imaginavam participar de uma pesquisa, quanto mais da exposição que se inaugurava naquele dia, e muito menos esperavam por um anúncio da apresentação dos resultados na Europa, o continente dos antepassados de diversos dos presentes. A exposição foi divulgada em emissoras de rádio, televisão e em jornais na capital, e o comparecimento para as entrevistas contou também com a participação da coordenadora do MCLP/MFR e de ex-jogadores do Pinheirense. Além do exterior, a pesquisa foi apresentada em diversos salões acadêmicos no Brasil.

Em 2010, o segundo grupo com afinidade, que participou das ações do Projeto de História Oral, seguindo a metodologia de grupo focal, por meio de Rodas de Memória, foram os atores sociais que trabalham com ervas medicinais e benzeduras, utilizadas pela comunidade para solucionar problemas de saúde. O grupo foi escolhido em razão da sugestão de moradores mais antigos da comunidade, que durante visitas às exposições no MCLP/MFR também faziam referência ao assunto. Os mesmos lembravam da prática ainda comum no bairro e da esposa do proprietário do armazém Vencedor. A mesma mantinha uma estufa

nos fundos da residência/armazém, local onde reproduzia diversas espécies de ervas para distribuir à comunidade: ensinava a quantidade, como utilizar na forma de chá e para quais enfermidades. Inclusive cultivava um jardim ao lado da casa, onde plantava flores, folhagens e também as várias ervas consideradas medicinais.

Semelhante à pesquisa anterior, os atores sociais que trabalham com ervas e benzeduras, foram contatados em suas residências, fotografados e filmados ao apresentar suas hortas com os mais variados tipos de ervas, que ainda utilizam e distribuem à comunidade; demonstraram conhecimento ao indicar a aplicação e quantidades para cada caso.



Chá de Sabugueiro no Museu/Arquivo do autor



Dona Lourdes/Arquivo do autor

Moradores da Lomba, naturais de outras cidades do estado, como a senhora Maria Dorvalina, lembraram que “[...] a gente morava no interior, o nosso remédio era chá caseiro, e a gente melhorava, porque a gente tomava com fé [...], no interior a gente não tomava remédio era só chá. E a gente melhorava mesmo”. A senhora Vanilda relatou com satisfação que: “[...] agente curou, dentro do nosso trabalho da pastoral da criança, a gente curou muitas crianças, muitas pessoas”. A senhora Gládis lembrou: “Quando comecei a trabalhar pensei que ia ser complicado trabalhar com eles [os alunos da escola] com as plantas medicinais”, porém se disse satisfeita, pois hoje a prática existe em diversas escolas, onde, enquanto algumas pessoas estão “[...] cuidando da horta, eu cuido a parte das plantas medicinais [...]”.

Esses atores sociais compareceram ao MCLP/MFR em dois momentos, quando aconteceram as Rodas e também numa data posterior, para confeccionar

xaropes, pomadas e temperos; ensinaram durante o evento, quais as aplicações e dosagens.



Rodas de Memória Ervas e Benzeduras/2009/Arquivo do autor

A pesquisa igualmente foi concluída com o lançamento de uma exposição com imagens das Rodas, depoimentos dos participantes, um catálogo com imagens e a descrição das ervas mais comuns utilizadas na Lomba (APÊNDICE F). No dia do lançamento da exposição os integrantes dessa ação foram homenageados com uma placa de metal e participaram do plantio de ervas, concluindo a plantação iniciada num canteiro especialmente preparado para o evento.



Lançamento Exposição Rodas de Memória Ervas e Benzeduras/Arquivo do autor

Ocorreu um conagraamento informal entre a comunidade, a equipe do MCLP/MFR, professores e estudantes da UFRGS e de outras universidades do país presentes. A exposição foi denominada “Saber Popular: Ervas, Rezas e Benzeduras, Alternativas de Saúde”, igualmente foi apresentada em eventos nacionais e internacionais.

As pesquisas com a metodologia de grupo focal utilizadas nas Rodas de Memória consistiram em focalizar o futebol praticado pelos ex-jogadores e a técnica do uso de ervas e benzeduras, apoiando a interação entre os participantes, para coletar e registrar dados, a partir de tópicos que foram fornecidos aos mesmos durante cada evento. Essa metodologia de pesquisa aponta para uma quantidade entre seis e dez participantes, porém aconteceram com 7, 6, 9 e 11.

Segundo bibliografia referente a grupo focal, é preferível que os participantes não sejam próximos nem parentes, no entanto, nos dois casos, o foco foram os ex-jogadores de um mesmo time, que inclusive são cônjuges de mulheres parentes de ex-colegas, portanto se tornaram bastante próximos. As pessoas que trabalham com ervas e benzeduras também se conhecem de larga data, o que impedia seguir tal princípio.

Outra orientação a essa metodologia aponta para a cordialidade na recepção, situação que foi possível proporcionar aos atores sociais desde o momento da chegada ao MCLP/MFR em cada ação. Houve interação satisfatória e afetividade entre os velhos conhecidos e reciprocamente para com a equipe da instituição e estudantes. Ambas as pesquisas com Rodas de Memória, alternaram perguntas do pesquisador/moderador com respostas dos participantes, gerando conversas e lembranças. A duração prevista para uma hora e meia, algumas vezes se estendeu por cerca de duas horas, embora nenhum incentivo fosse oferecido. Devido à interação e entusiasmo entre os participantes, os mesmos desejavam continuar conversando, sendo necessário interromper e finalizar o evento.

Em relação à função de moderador do grupo focal, a orientação experiente da coordenadora do MCLP/MFR foi importante no desenvolvimento da ação. Segundo Carlini-Cotrim (1996) o moderador é uma:

[...] peça-chave para o desenvolvimento satisfatório do grupo, deve preferencialmente ter treinamento específico para tal e/ou ser membro da equipe responsável pelo estudo. Seu papel fundamental é garantir, através de uma intervenção ao mesmo tempo discreta e

firme, que o grupo cubra os tópicos de interesse do estudo da maneira menos diretiva possível. O moderador deve contar com a presença de um assistente ao qual caberá observar a conduta do grupo, auxiliar na anotação de acontecimentos-chave e, eventualmente, intervir na condução do grupo (CARLINI-COTRIM, 1996, *online*).

O trabalho dos moderadores durante cada Roda de Memória, foi facilitar a pesquisa por meio da utilização de fotos e folhas de ervas, disponibilizadas aos participantes, o que cooperou para quebrar o mínimo gelo que poderia existir e para estimular as memórias, bem como as discussões.

Durante a condução do grupo, cabe ao moderador exercer os mais variados papéis: solicitar esclarecimento ou aprofundamento de pontos específicos, conduzir o grupo para o próximo tópico quando um ponto já foi suficientemente explorado, estimular os tímidos, desestimular os tipos dominadores, que não conseguem parar de falar, entre outros (CARLINI-COTRIM, 1996, *online*).

O ambiente foi favorável o suficiente, permitindo que os diferentes pontos de vista fossem colocados, com trocas de experiências. No caso do Pinheirense, duas Rodas foram o bastante para coletar os dados aceitáveis à pesquisa, tendo em vista que ao final da segunda Roda as memórias tenderam a se repetir. Ainda que os participantes sugerissem que uma terceira Roda viesse acontecer, a mesma não foi programada. Na maioria das vezes os atores sociais, pessoas ditas comuns, que não aparecem em livros nem fazem parte destacada no processo histórico de uma comunidade, demonstram grande prazer e desejo de continuar no ambiente de descontração onde se tornaram o centro das atenções dos presentes. Essa atenção pode permanecer por vários meses, como evidência da consideração da comunidade, elevando assim a auto-estima, conforme os seguintes depoimentos.

*As pessoas comentam: sabe onde eu te vi? Me viu? Sim, lá na 6 [parada 6/localização do Museu]. Mas eu não fui na 6. Te vi nas fotos do Museu. Depois vieram me procurar para perguntar sobre o uso de chás. **Maria de Lurdes Lisboa Machado/Moradora do Bairro.***

*Ainda bem que tem o Museu, que vai guardar alguma coisa [do Pinheirense F. C.], agora está documentado. **Glaci Terezinha de Oliveira Rodrigues/Moradora do Bairro há 45 anos.***

Achei muito interessante [as Roda de Ervas e Benzeduras], para não deixar morrer essa crença que a gente traz dos antepassados, que é uma coisa que está se perdendo. Tem gente que sabia, mas foram

*falecendo e isso não foi repassado. Eu procuro passar para minhas filhas e netos. Hoje as pessoas não me procuram para benzer tanto quanto antigamente, mas ainda tem procurado. Pessoas que foram no Museu e me disseram: vi tua fotografia lá, fui ver a exposição e achei muito bonita. **Glaci Terezinha de Oliveira Rodrigues/Moradora do Bairro há 45 anos.***

*Joguei no Pinheirense entre 64 e 69, na época da Revolução. [A Roda de Memória] foi a oportunidade de rever os amigos. O Pinheirense começou a parar em 68 e em 72 acabou. Começaram a acabar os campos de futebol de várzea. A gente perdeu o contato e quando encontrava alguém do Pinheirense pensávamos em reunir para fazer um churrasco. Aconteceu uma tentativa nos anos 80, um movimento para tentar levantar, mas não deu certo. Para mim foi uma alegria muito grande ver a exposição, coisas do Pinheirense, que nem sabia que existiam, que alguém tinha guardado. Se não tivesse acontecido a Roda de Memória no Museu, o Pinheirense tinha entrado no anonimato, iria desaparecer. A história vai desaparecendo com as pessoas que vão morrendo. É normal isso, como havia tantos anos que ele parou, não tinha mais a história do Pinheirense. As histórias que vem não são reais, vão mudando as coisas. A história da Lomba, que contam hoje, não é a verdadeira, não a real que aconteceu. Já mudou muita coisa, já se atualizou. Tornaram verídicas algumas coisas que não é a história real. **Alpheo Rodrigues/Morador do Bairro.***

*Ouvi falar do Museu logo após a morte do senhor Osmar Remião. Fui convidado para ajudar a contar a história do Pinheirense. Participar das Rodas do Pinheirense foi uma alegria, porque eu não nasci aqui, mas vi isso crescer, a zona é pobre, a gente vê que é uma sociedade pobre. Tinha um campo de futebol peladeiro. Trabalhava em firma, e na roça aos sábados e domingos para colocar as coisas em dia. Foi maravilhoso rever os colegas de futebol, porque a gente se dispersa por causa de compromissos, alguns se mudaram. **Vicente de Paula Miraber/Morador do Bairro.***

As ações do Projeto História Oral, por meio de Rodas de Memória, também foram utilizadas como extensão às aulas teóricas, quando estudantes do curso de Museologia, que participaram mais efetivamente da pesquisa, trabalharam nas ações de campo, ao interagir com a comunidade, visitar e convidar os atores sociais para o evento, coletar e documentar a aquisição de acervo, ao degravar o resultado das atividades, bem como para organizar as exposições, que concluíram cada Roda de Memória, sempre sob a orientação da coordenadora da instituição.

Alguns depoimentos colhidos revelam o impacto do Programa sobre estudantes do curso de Museologia.

Para mim só fez sentido o curso de Museologia a partir do momento em que fui trabalhar na Lomba do Pinheiro, principalmente nesse

projeto [História Oral], porque envolveu as pessoas diretamente durante vários meses. Não conseguia ver a prática da Museologia e pensava em desistir do curso, mas com o Projeto de Extensão na Lomba do Pinheiro, entendi o que é um Museu Comunitário. Eu tinha idéia de museu tradicional, não conseguia ver a comunidade dentro do museu. Para mim a comunidade não fazia parte do museu. Era uma instituição que apresentava várias identidades, mas nunca via a comunidade atuando e convivendo no museu. Depois do projeto fui entender que a comunidade pode fazer parte e se representar no museu. Estudante E/Museologia/UFRGS.

[O Museu Comunitário] é uma outra visão. Eu tinha a visão de museu tradicional: a pessoa vai fazer a visita e o museu oferece uma atividade educativa e a exposição. Nunca imaginei que existisse um museu que fosse feito a partir da comunidade. Nunca tinha visto um museu com o sentido de comunidade, para conagraçamento, reunir as pessoas em função de uma memória comum [Roda de Memória]. Isso me abriu o horizonte. Já havia lido sobre sociomuseologia, numa disciplina de iniciação à Museologia, mas nunca tinha visto ao vivo. Nunca vou esquecer a alegria das pessoas e a emoção delas, que só naquele espaço era possível vivenciar. É uma experiência que ficou: museu comunitário é um lugar que se constrói com o visitante, foi uma experiência única que ainda não vi em nenhum outro lugar. Estudante F/Museologia/UFRGS.

Achei interessante, mas tinha uma expectativa maior, de ter mais acervo. É grande a boa vontade de quem trabalha no museu, mas [...] precisava ter mais acervo. Estudante G/Museologia/UFRGS.

O trabalho com o Pinheirense foi um trabalho lindo, de resgate dessa memória. Fizemos um trabalho voltado para a documentação, com formulários de doação. O trabalho foi muito rico, em que dá para ver parte da história do bairro na história do Pinheirense. Estudante H/Museologia/UFRGS.

A pesquisa do Projeto de História Oral, realizada por meio de grupos focais com participantes da comunidade, enriqueceu o acervo do MCLP/MFR, possibilitando aumentar o conhecimento sobre a trajetória do bairro Lomba do Pinheiro, cooperando para aumentar o sentido de pertencimento e a auto-estima da comunidade na busca de soluções coletivas e individuais.

Todas as histórias de vida, coletadas por meio das Rodas de Memória, foram digitalizadas e as imagens estão disponíveis em ambiente virtual a pesquisadores e estudiosos. As pesquisas de História Oral com essa metodologia deverão prosseguir com outros grupos afins: presidentes, ex-presidentes e integrantes das primeiras associações de moradores da Lomba; motoristas de ônibus das primeiras linhas regulares do bairro; pessoas ligadas aos diversos clubes de mães, às creches, produtores de hortifrutigranjeiros etc.

Embora a instituição disponha do acervo do Memorial da Família Remião para ser musealizado, esse não é o foco do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, o referido patrimônio foi “[...] deslocado prioritariamente para as relações cotidianas, para a própria dinâmica da ação humana em interação com outras formas de vida” (DALLA ZEN; SILVA; MINUZZO, 2009, p.7), que é a função de um museu comunitário. O acervo de um museu comunitário serve de suporte para trazer o passado para o presente das pessoas, para recuperar e registrar as histórias de vida que se confundem com a história do território, com a identidade dos atores sociais; por meio das Rodas de Memória os atores sociais cada vez mais são representados no MCLP/MFR.

6.3 Museu de Rua

A Lomba do Pinheiro atualmente se destaca na cidade de Porto Alegre pelo ativismo político da sua comunidade, sempre com o firme objetivo de transformar para melhor a realidade existente nas vilas e no bairro como um todo. O ativismo político no bairro não é nenhuma novidade, todavia é uma característica histórica, iniciada ainda na época da criação da primeira associação de moradores, em 1957. As associações de moradores de meados do século XX reuniam em torno de si as lideranças do bairro para reivindicar, diante do poder público, as necessidades mais urgentes. “Desde o início do parcelamento das terras e da ocupação mais intensa da Lomba do Pinheiro, constituíram-se AMs [Associações de Moradores] no intuito de organizar as reivindicações por estrutura básica” (FONTOURA, 2005, p.156).

Nos arquivos do MCLP/MFR é possível encontrar documentos que comprovam tal prática nas décadas de 1950 e 1960. A Associação de Amigos da Vila São Francisco e Lomba do Pinheiro, promovia sabatinas na presença dos moradores com candidatos às eleições municipais: a prefeito e vereadores. Durante as sabatinas os candidatos eram questionados sobre seus projetos e intenções com o território da Lomba, quando então os moradores definiam em quem votar.

Associação dos Amigos da Vila São Francisco e Lomba do Pinheiro

Havendo no dia 11 do corrente mês, realizado uma reunião, com o Sr. Secretário dos Transportes Municipais, Dr. João Dib, e, com os Exmos. Srs. Vereadores José Cesar de Mesquita, Alberto Schöeder e Célio Marques Fernandes, para tratarmos do Transporte Coletivo de nossa zona.

O debate principal constou do aumento de tarifas e o melhoramento dos serviços por parte da Municipalidade.

Aumento de Horário:

Aos domingos com saídas do Mercado às 11 hs. até Encruzilhada, voltando às 12,30 hs., e, às 17 hs, voltando posteriormente da Encruzilhada às 18,30.

O Horário da São Francisco-Tamancas, mudou para às 18,30 hs. com saída do Mercado todos os dias.

SABATINA DOS CANDIDATOS A PREFEITO

No dia 25 de agosto, às 9,30 hs., será sabatinado em nossa Sede Social, na Vila São Francisco n.º 1172, o Exmo. Sr. Deputado Cândido Norberto, que tão amistosa e bondosamente concordou com o nosso humilde convite. — **Tema:** Assunto Administrativo da zona.

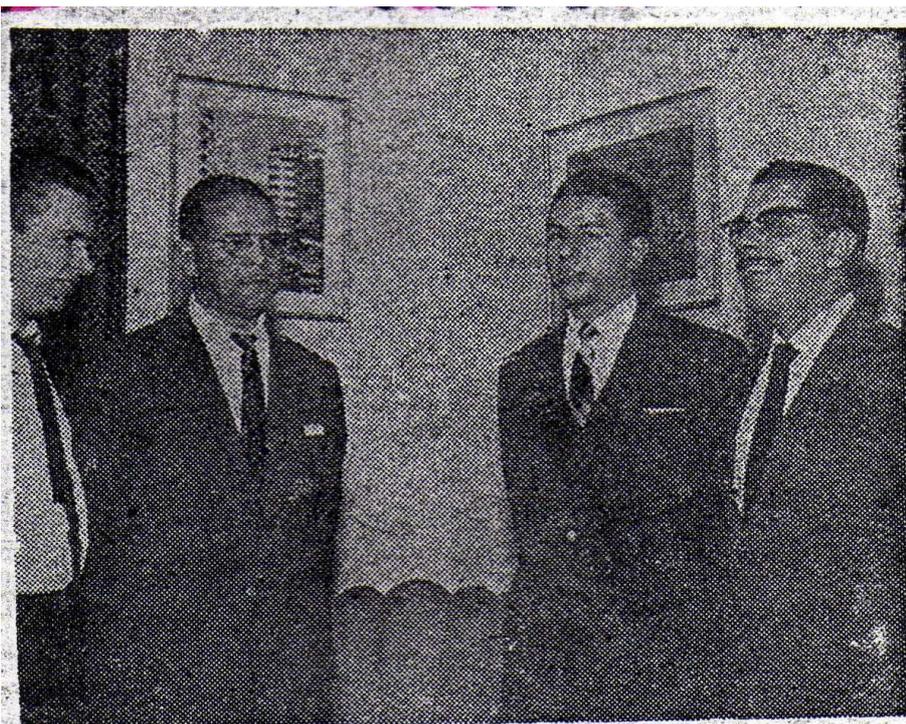
Serão sabatinados, igualmente, em datas a ser combinadas, os Deputados Sinval Guazeli e Sereno Chaise.

NB.: A nossa modesta Associação será a pioneira, em sabatinar Candidatos à cargos Administrativos em P. Alegre, pela primeira vez na vida de nossa grande Cidade haverá este magno acontecimento. Por isso estamos convidando a toda a população em geral da zona para participarem dos debates na ocasião com o Senhor Candidato.

A Direção da Associação.

Fonte: Acervo MCLP/MFR

As ações tinham a intenção de obter melhores condições de vida para o bairro, como o asfalto, o prolongamento das redes de energia elétrica, de água e esgoto, calçamento, escolas, linhas de ônibus com mais quantidade de horários, passagem de máquinas para nivelar as estradas de terra. Na década de 1970 as lutas das associações buscavam ampliar os benefícios antes conquistados, ou seja, que os mesmos atingissem os pontos mais isolados da Lomba, às vilas que se multiplicavam e careciam das mesmas necessidades básicas.



OS AMIGOS da Vila São Francisco e Lomba do Pinheiro viram passar, no dia 16 do corrente, o 3.º aniversário de sua Associação. Uma série de festividades vem sendo promovida para assinalar a data. O programa comemorativo atingirá o auge dentro de quinze ou vinte dias, quando será inaugurado o Ambulatório Médico da Associação, dotado de modernos aparelhos e cujo valor atinge à casa dos 80 mil cruzeiros. Até o 4.º aniversário é bem provável que a Associação dos Amigos da Vila São Francisco e Lomba do Pinheiro construa sua sede própria em terreno que lhe foi doado pelo sr. Hélio J. de Mello. Desde a sua fundação, a referida entidade vem sendo dirigida pela seguinte diretoria: Presidente — Edegar Gonçalves Remião; 1.º Vice — Flávio Fortunato Correia; 2.º Vice — Ari Mota; Secretário Geral — Carlos Volkmann; 1.º Secretário — Hipólito Feijó; 2.º Secretário — Ademir Remião; Tesoureiro Geral — Hélio J. de Mello; 1.º Tesoureiro — Manoel de Oliveira; e 2.º Tesoureiro — Oscar Massot. Inúmeras foram as realizações da Associação nestes seus três anos de existência. As principais são as seguintes: remoção do depósito de lixo que funcionava junto à Vila, conservação das ruas daqueles núcleos residenciais e abertura da estrada principal da Vila São Francisco, extensão de luz elétrica à toda Vila, aumento de mais dez horários no serviço de ônibus, curso supletivo no Grupo Escolar da Vila e nivelamento do Campo do Pinheirense F. C., tradicional agremiação da zona. Na foto, os srs. Edegar Remião e Flávio Fortunato Correia, acompanhados pelo vereador Afonso Revoredo Ribeiro, em palestra com a reportagem da Fôlha da Tarde.

Imagem Jornal Folha da Tarde/década de 1970/Arquivo do autor

Na década seguinte, 1980, em diversos bairros da capital, atores sociais sem condições de pagar aluguel, invadiam áreas de terras, onde então fundavam uma associação de moradores, conforme ANEXO D, e/ou uma cooperativa habitacional, com o intuito de adquirir a área ocupada por valores acessíveis. As negociações com os proprietários, em geral, somente eram solucionada nos tribunais.

No ano de 1987 um grupo com semelhante necessidade de moradia, invadiu uma área de terras e mata nativa, próxima ao arroio do Salso, a partir de uma lateral da Avenida João de Oliveira Remião: Vila que no início foi denominada de Mangue

Seco, atual Recreio da Divisa. Num primeiro momento a água tratada, para abastecer as casas, foi obtida de forma irregular. Como a rede era canalizada apenas no lado oposto da avenida, os moradores improvisaram uma tubulação clandestina sob o asfalto. Na época o Departamento Municipal de Águas e Esgotos, DMAE, racionava a água em dias alternados, que então não atingia os pontos mais altos da Lomba, justo na região da Vila Recreio da Divisa.

Com o passar dos anos a Associação de Moradores da Vila Recreio da Divisa conseguiu junto à Prefeitura Municipal, que caminhões pipa do DMAE abastecessem a comunidade, o que em 2011 ainda acontece em diversos pontos da Lomba (PREFEITURA..., 2007a, *online*). Somente no final dos anos 1990 o abastecimento foi parcialmente regularizado pelo órgão competente. No entanto, o ativismo dos moradores persiste por cerca de trinta anos na busca por melhores condições para o local, devido à ausência de esgotos e águas fluviais, que correm pelas ruas e becos; e ausência de energia elétrica regular, entre outras carências. A maioria dos moradores narra em detalhes, com mínimas diferenças, as ações realizadas desde o primeiro momento: quando resolveram invadir o local, sobre a chegada, inúmeras vezes, de autoridades policiais e judiciais para a reintegração de posse, a presença dos oficiais de justiça, da Polícia de Choque, do armamento, as reportagens ao vivo, os cães, as diversas reuniões e promessas das autoridades da Prefeitura e até quando secretários e prefeitos no exercício da função visitaram a comunidade da Vila.

Conforme declarações nas entrevistas: o primeiro passo após invadir as terras foi dividir em lotes, com demarcações improvisadas; relacionar cada invasor ao seu respectivo pedaço de terra; manter uma equipe para receber as pessoas recém chegadas; realizar uma triagem para conferir se realmente necessitavam de um local para morar, montar guarda em turnos durante vinte e quatro horas para manter a ordem e assim evitar invasões posteriores. Em seguida fundaram a Associação de Moradores, para, num primeiro momento, reivindicar e regularizar a água, energia elétrica, esgoto, calçamento e construir uma creche para crianças, cujos pais trabalhavam fora do bairro.

Em 1999 a Prefeitura de Porto Alegre definiu a referida área ocupada pela Vila Recreio da Divisa, como Área Especial de Interesse Social, AEIS. No entanto, o projeto urbano para a regularização fundiária e urbanística na Vila, que irá culminar com Concessão de Direito Real de Uso, CDRU, aos moradores, segue em processo

lento. No primeiro semestre de 2011 foram instalados postes de concreto e fiação elétrica em parte da Vila, porém, conforme os moradores, a empresa executora da obra entrou em falência, deixando o serviço inacabado. Com isso abriu-se nova frente de luta aos moradores, pois a referida obra havia sido obtida por meio do Orçamento Participativo.

Neste início do século XXI, algumas daquelas muitas associações de moradores das vilas da Lomba, se transformam em creches (PREFEITURA..., 2011?, *online*), e atualmente, para obter “[...] os recursos necessários para a implantação dos equipamentos e infra-estrutura urbanos [...]” (FONTOURA, 2005, p.149), os atores sociais operam por meio do Conselho Popular e do Orçamento Participativo, que são mecanismos de gestão democrática. De certa forma, estas estruturas ocuparam aqueles espaços de lutas por melhores condições de vida, por moradia digna, alimentação, educação, saúde, segurança, lazer, transporte, assistência social e outras iniciativas de interesse da comunidade, bem como para a regularização fundiária das vilas que se estabeleceram de forma irregular com invasões/ocupações. Exemplo recente de participação da comunidade foi

[...] a colocação de três quebra-molas na Avenida Santos Dias da Silva, na Vila Mapa, [...] A demanda faz parte do debate feito entre lideranças da Lomba do Pinheiro e a EPTC [Empresa Pública de Transporte Coletivo], e é parte do projeto de Segurança Viária para o entorno das escolas [...] (CONSELHO..., 2011b, *online*).

Por meio de uma constante participação popular, o bairro Lomba do Pinheiro se identificou ao longo de mais de meio século como um dos mais politizados da capital e, trajetórias semelhantes à Vila Recreio da Divisa, são comuns em tantas outras vilas na Lomba, com histórias de vida que precisam ser recuperadas e registradas, bem como expor os documentos que contam as memórias dessas comunidades.

Com toda essa história a disposição e necessitando de registros, a mesma veio ao encontro do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania. Conforme Dalla Zen (2010),

Num bairro de periferia, Universidade e Museu Comunitário se uniram para criar um programa de ação educativa e cultural que permitisse a participação de diferentes atores sociais voltado à (re)criação da história local. Nada que exigisse soluções teórico-metodológicas muito rebuscadas, inflexíveis, mas, ao contrário,

previa algo simples, fácil, e que valorizasse a auto-estima de cada um no planejamento coletivo de ações nas quais cada pessoa pudesse propor atividades que incentivassem a recuperação das lembranças dos habitantes [...] (DALLA ZEN, 2010, online).

Visto que a comunidade da Vila Recreio da Divisa dificilmente iria comparecer ao MCLP/MFR para visitar uma exposição sobre a sua história, a solução para efetivar a mesma foi por meio do Projeto Museu de Rua, pois, conforme Chauí (1986) apud Fontoura (2005), pesquisas envolvendo:

[...] pessoas submetidas à perda cultural e à invasão de seus conhecimentos e valores, e sobre os quais a intimidação da Informação é constante, sobretudo se nos lembrarmos de que a essas pessoas está vedado um acesso real ao que é veiculado pela Informação [...] (CHAUÍ, 1986, p.38 apud FONTOURA, 2005. p.164).

A ação estava de acordo, afinal o conceito do Projeto Museu de Rua, como o próprio nome indica, é ser efetivado em ambiente público, na própria rua, no espaço compartilhado pelo ator social, conforme APÊNDICE E.



Museu de Rua/Arquivo do autor



Varine no Museu de Rua/Arquivo do autor

O conceito do Museu de Rua é levar as técnicas de museografia à comunidade. As ações do Projeto Museu de Rua acompanham o objetivo específico do Programa Lomba do Pinheiro, que é realizar atividades museais para recuperar as trajetórias pessoais, culturais, sociais e históricas do bairro; para promover ações socioeducativas voltadas à conservação da biodiversidade e dos processos

ecológicos na natureza; estabelecer processos de comunicação entre o Museu e a comunidade; propor ações de planejamento urbano que qualifiquem as condições de habitabilidade das moradias e de uso dos espaços públicos, das escolas, das praças e ruas, e que essas ações incentivem, na prática, à formação do sentimento de pertencimento, a valorização da auto-estima, e, assim, revertam os índices de exclusão social, cultural e econômica entre os moradores e que recuperem a imagem do próprio bairro.

O Projeto Museu de Rua tem seus fundamentos na Nova Museologia, nos museus comunitários, para a construção de alternativas de desenvolvimento e mudança social. Cada ator social tem a oportunidade de apresentar sua história de vida e o relato de como vivenciou a história coletiva, independente de condição social ou cultural; as exposições são apresentadas de forma simples, utilizando recursos criativos e com baixo custo. Nessa tipologia de museu, a geração atual pode ser beneficiada por uma instituição atualizada com as necessidades sociais; conforme Moreira (1985):

Todas as épocas tiveram a sua Museologia nova. A da nossa época, que teve seus fundadores em George H. Riviere e Hugues de Varine, entre outros, define-se por contraposição às concepções tradicionais, por se basear no princípio de que os detentores de uma identidade e de um saber, isto é, de uma cultura, devem ser os protagonistas dela (MOREIRA, 1985, p.4).

O Museu de Rua abarca semelhante conceito, com a finalidade de popularizar o ambiente de uma instituição museal em espaços públicos, a baixo custo, ao utilizar como suporte para a exposição, portas residenciais de madeira aglomerada, inclusive aquelas que já foram usadas e descartadas das residências, e que, repintadas, podem receber imagens, textos e até mesmo objetos tridimensionais. O acervo é fixado com cola a base d'água e revestido com verniz impermeável para suportar sol e chuva. O Museu de Rua deve permanecer em ambiente de grande circulação de público, próximo às vias movimentadas da comunidade. Os "totens", como podem ser chamados, narram as memórias da comunidade aos transeuntes, de forma ampla, podendo se tornar itinerantes nas demais vilas do bairro, circular em escolas, creches e postos de saúde, para divulgar as memórias e realizações de cada vila.

Entre as atividades propostas pelo Programa Lomba do Pinheiro para valorizar a auto-estima dos moradores da Vila Recreio da Divisa, o Projeto Museu de Rua se mostrou uma alternativa viável para empoderar os atores sociais, ao (re)visitar e valorizar uma história de lutas e conquistas que está latente. Lutas que seguem até os dias atuais, como o seguinte relato:

Em reunião realizada nesta terça-feira (6/11), na Associação de Moradores do Recreio da Divisa, a Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana da Câmara Municipal (Cedecondh) ouviu reclamações da população local sobre o atraso na regularização fundiária ainda não iniciada pela Prefeitura. “É lastimável o desrespeito do poder público com a nossa situação. O Demhab nos enrola e não faz projeto nenhum”, desabafou a presidente da entidade [...] (CÂMARA..., 2007, *online*).

Como projeto-piloto para o primeiro Museu de Rua do curso de Museologia da UFRGS, a Vila Recreio da Divisa foi escolhida e seus moradores participaram por meio da narrativa dos fatos que se deram desde a invasão. Foi realizada uma pesquisa com a metodologia da História Oral para a coleta dos depoimentos dos moradores, referidos acima. Além das entrevistas gravadas em vídeo com um grupo de agentes sociais: líderes comunitários, ex-presidentes da Associação de Moradores e funcionários da creche, também foram realizadas entrevistas nas ruas com atores da comunidade da Vila, para registrar as vivências, emoções e os sentimentos dos mesmos. Foram analisadas diversas reportagens de jornais e os registros das reuniões da Associação de Moradores no Livro de Atas da Comunidade Mangue Seco/Recreio da Divisa, bem como fotos antigas e atuais dos entrevistados, que autorizaram a utilização de suas imagens e depoimentos no Museu de Rua, mediante formulário próprio do MCLP/MFR.

As primeiras entrevistas gravadas em vídeo aconteceram durante as aulas da disciplina de “Tópicos Especiais em Museologia”, quando a primeira turma do curso de Museologia comparecia à Vila Recreio da Divisa para interagir com a comunidade, analisar e coletar material e participar das entrevistas. A pesquisa de rua aconteceu a partir da disponibilidade de cada um dos moradores da vila, quando eram abordados para responder a uma pergunta simples e direta: O que acham do lugar onde moram? Os moradores tinham liberdade para abordar qualquer assunto referente à Vila, sem restrição de tempo. Após as respostas, os mesmos eram

fotografados e um formulário de autorização de uso da entrevista e da imagem era preenchido e assinado.

A documentação coletada, os relatos das entrevistas e as memórias reunidas, serviram de base para a (re)construção de uma versão da história da comunidade da Vila Recreio da Divisa, narrada na perspectiva dos agentes e atores sociais contatados, que cooperaram com as ações do Projeto. Os fatos narrados percorreram desde a invasão de terras; a fundação da Associação de Moradores; a construção da creche; as dificuldades que, até aqueles dias do mês de julho de 2010, persistiam em vários pontos da comunidade, como residências precárias construídas em declive acentuado; desabastecimento de água em muitos pontos; queda constante da potência na energia elétrica; ausência de calçamento; de coleta de lixo, esgotos correndo a céu aberto nas ruas e becos e as enormes pedras irregulares encravadas no caminho, dificultando o trânsito de pedestres. Conforme os moradores, a solução mínima para o problema da falta de água, que persiste em várias casas, foi abastecer com mangueiras; para a energia elétrica se deu por meio das ligações clandestinas, os conhecidos “gatos”. Com todas as dificuldades que enfrentam, os moradores da Vila Recreio da Divisa tem sempre uma palavra para reivindicar melhorias e outra para declarar seu amor pela comunidade:

*Morar aqui é bom por causa do posto de saúde, ônibus, porém o problema é a luz. É tudo gato, quando falta luz é ruim, até pro banho, no inverno é uma dificuldade. **Morador A/Vila Recreio da Divisa.***

*Até que aqui é um lugar bom de viver, mas as vezes ficamos uma semana sem luz. As ruas cheias de esgoto a céu aberto é constrangedor. **Moradora B/Vila Recreio da Divisa.***

*Gostaria de saber quando vai sair o calçamento ou asfalto da rua da comunidade? As crianças tem que ir para o colégio na chuva e no meio do barro. **Morador C/Vila Recreio da Divisa.***

*Graças a Deus eu criei os meus filhos todos aqui, quando eu cheguei não tinha água. Eu amo essa vila, aqui que vai ficar nossas raízes, é a vila que acolheu a gente. **Morador D/Vila Recreio da Divisa.***

*A única coisa que eu queria pra nossa vila é que a CEEE entrasse aqui dentro, que cada um tivesse a sua luz. **Moradora E/Vila Recreio da Divisa.***

Ainda que os entrevistados fornecessem datas diferentes para um mesmo evento; ainda que os registros dos depoimentos nas entrevistas não fossem

idênticos uns aos outros, e nem mesmo os fatos ocorridos tivessem igual ponto de vista, o material foi validado para uma relação entre lembrança, esquecimento e subjetividade, e, assim, registrar a história oral da comunidade. Os entrevistados eram deixados livres para não participar da pesquisa, porém não houve nenhuma recusa. As imagens dos atores sociais, as fotos cedidas, os documentos fotocopiados de publicações sobre a Vila Recreio da Divisa em jornais, somados aos depoimentos degravados e das entrevistas pessoais, são patrimônio da comunidade e ajudaram a compor a exposição do Museu de Rua.

Conforme Varine e Priost (20--, p.7) todas as comunidades tem a possibilidade de ter um museu e apresentar seu patrimônio, não exclusivamente coleções possíveis de serem musealizadas, mas realizar exposições também com “[...] o patrimônio das relações cotidianas; a própria dinâmica da vida humana em interação com outras formas de vida, a diversidade cultural, a biodiversidade, ou seja, o patrimônio da biosfera que abriga todas essas relações”.

No segundo semestre de 2011 foi realizada um Inventário Participativo na Lomba, com vistas ao Ponto de Memória, inaugurado em 15 de dezembro no MCLP/MFR, com o lançamento da exposição “Lomba do Pinheiro: patrimônio inventariado e itinerários culturais”. A exposição apresenta registros das memórias de todas as vilas do bairro⁸. O Ponto de Memória “[...] tem por concepção reconstruir a memória social e coletiva de comunidades, a partir do cidadão, de suas origens, suas histórias e seus valores” (INSTITUTO..., 2011b, *online*).

No entanto, a concepção do Museu de Rua, como é o caso desse primeiro, na Vila Recreio da Divisa, não é invalidada em razão do Ponto de Memória. Este realizará uma exposição ainda mais ampla daquele, a fim de registrar e apresentar com ainda maior quantidade e qualidade as informações e as memórias da Vila Recreio da Divisa e de cada comunidade do bairro, porém esta exposição acontecerá na sede do MCLP/MFR.

8 O Ponto de Memória é fruto do protagonismo da comunidade, que contou com o incentivo do Museu para a realização de seus Inventários Participativos na (re)construção da memória e da história das vilas. O processo, que vem ocorrendo há dois anos, se intensificou nos últimos dois meses de 2011. Cada liderança das associações de moradores trabalhou junto às suas comunidades, com intuito de inventariar as principais referências culturais, registrando os equipamentos urbanos, a paisagem natural, os lugares e as circunstâncias de identidade dos diversos grupos fundadores e habitantes do bairro. A partir dessa pesquisa, o Museu elaborou um mapa didático, que é guia e catálogo da exposição, ANEXO F. O mapa utilizou o itinerário do Lombatur como fio condutor, para apresentar 60 pontos estratégicos da identidade cultural indicados pelos moradores.

O Projeto Museu de Rua, de certa forma, foi apenas o início de uma iniciativa museal que apresentou uma concepção semelhante à proposta conhecida como Museu de Percurso. O material coletado para a exposição da Vila Recreio da Divisa, passou a integrar o patrimônio comum da comunidade, daquilo que faz parte dos movimentos sociais do passado e do presente, que a partir das ações do Projeto, pode ser compartilhado com toda a Lomba durante a circulação da exposição. Acredita-se que o efeito multiplicador possa agir nos atores sociais da Vila e também estimule outras comunidades, ao tomarem conhecimento das necessidades, das lutas e vitórias da comunidade da Vila Recreio da Divisa. Nesse sentido, o *blog* do Conselho Popular (2010) noticiou a presença do público da Lomba no lançamento do Museu de Rua, ao destacar que:

[...] o bairro Lomba do Pinheiro lançou seu primeiro Museu de Rua, na Comunidade Recreio da Divisa na Parada 15, um projeto pioneiro no país. Foi o primeiro do Programa: Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, uma proposta da parceria entre o IPDAE, Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e a Faculdade de Museologia da UFRGS. O Objetivo do Projeto é o envolvimento dos moradores da comunidade nas práticas museais e por consequência o reconhecimento da importância da história do bairro e das memórias coletivas e individuais (CONSELHO..., 2010, *online*).

A divulgação do evento por meio de uma ferramenta eletrônica dedicada à comunidade, demonstra que a iniciativa foi válida na medida em que uma quantidade maior de moradores toma conhecimento das ações do Projeto Museu de Rua, podendo agora ser reproduzido em qualquer outra vila do bairro Lomba do Pinheiro. Uma moradora orgulhosa com o seu Museu de Rua, afirmou que queria um espaço ainda maior, onde acontecessem outros projetos. Outros entrevistados se referiram ao Projeto como um motivador para os moradores e estudantes, inclusive sobre o valor do Museu Comunitário, que ainda está sendo reconhecido.

*O Museu de Rua é da Recreio da Divisa e deveríamos ter um espaço cultural, pois tem muita história; um espaço para abranger projetos, que se perdem por falta de espaço. **Luciana Maria Fonseca/Moradora/Nasceu no Bairro Lomba do Pinheiro.***

O Museu de Rua foi importante por causa do relacionamento com as pessoas e a participação está sendo bem importante em nossas vidas. Tem muita gente que ainda não conhece e nem sabe o que é o Museu de Rua, nem o Museu Comunitário. Não sabem que muita

coisa está acontecendo e tem valor na Lomba. Teresa Regina Moreira Dutra/Moradora do Bairro há 23 anos.

Nunca tinha ido à Lomba do Pinheiro antes de entrar no curso de Museologia. Conheci o Museu da Lomba através de uma palestra da coordenadora do Museu. Infelizmente ficamos muito tempo na sala de aula e pouco tempo na comunidade. Foi muito interessante. Andei por lugares e vi coisas que não costumo ver no meu cotidiano, a situação das pessoas, principalmente na Recreio da Divisa. Isso dá muita vontade de participar do Projeto. Dá uma sensação de que está sendo útil, que a Universidade está sendo útil para a comunidade. O acadêmico não fica longe, teorizando sobre o que acontece num outro contexto e não tem uma aproximação. Conversamos com pessoas que participaram da invasão, que nos contaram como foi a história daquela região. Estudante J/Museologia/UFRGS.

Em relação aos resultados obtidos após a inauguração do Museu de Rua na Vila Recreio da Divisa, constata-se que outras ações passaram a acontecer entre aquela comunidade e o MCLP/MFR, principalmente com o grupo de mulheres conhecido como Cia. do Fuxico, que é um Projeto Comunitário de integração e geração de renda com mulheres naquela Vila, por meio da produção de trabalhos artesanais em diversos materiais. O Museu de Rua na Vila Recreio da Divisa é o primeiro território comunitário onde a nova concepção museal foi utilizada em Porto Alegre, principalmente por envolver uma comunidade de periferia, com o objetivo de inclusão e promoção da cidadania, cumprindo a razão de ser de uma atividade extensionista.

[...] no ano de 2009 nós pudemos lançar o Museu de Rua. Também vejo uma grande evolução, porque os alunos tiveram a oportunidade de iniciar uma discussão teórica dentro do espaço do Museu Comunitário. E, a partir dessa discussão teórica, partir para uma prática [...]. Cláudia Feijó da Silva/Moradora do Bairro/Historiadora/Coordenadora no Museu no Período 2008-2011.

O Museu de Rua, bem como as demais ações do Programa Lomba do Pinheiro, se vinculam à concepção de uma universidade que busca ressignificar a criação, a divulgação e a aplicação do conhecimento. Objetiva ensinar o conceito de patrimônio, relacionado ao surgimento de novas tipologias de museus, como eco-museus, museus comunitários e museus de vizinhança, todos abertos à comunidade. São iniciativas que permitem o processamento de ações educativas e culturais fora dos espaços restritos dos museus. O Museu de Rua é uma

possibilidade que se abre para a realização de uma nova forma de metodologia de musealização, mais inclusiva e democrática.

O relato das ações do Projeto Museus de Rua, e suas técnicas, foram apresentados em vários eventos científicos. Durante o “10º Salão de Extensão” na UFRGS, em 2010, foi realizada uma oficina com o título “Museus de Rua: planejamento e expografia” (DALLA ZEN; FERNANDES, 2010, *online*), quando minitotens foram preparados para o evento, que contou com participantes inscritos para conhecer as técnicas e a concepção da nova maneira de registrar e expor as memórias de atores sociais, por meio da exposição em um museu comunitário, mas externo ao ambiente museal edificado. Foram realizados exercícios expográficos práticos, como a colagem de cópias de documentos, jornais e imagens diversas, bem como o acabamento com verniz impermeável.

6.4 Turismo Comunitário

As ações do Projeto de Turismo Comunitário, denominado Lombatur, seguem os objetivos específicos do Programa Lomba do Pinheiro, que visa, entre outros itens, qualificar os professores da rede pública de ensino, bem como moradores do bairro para atuarem como mediadores do processo turístico museal. Caso contrário, o Projeto seria nada mais que um atrativo turístico produzido e executado por um agente externo. Objetiva levar a própria comunidade a descobrir a si mesma, a conhecer desde aquilo que está em franco progresso (ou em abandono), podendo ou não gerar renda; participar de uma atividade cultural, social e educativa. Visitar o que traz orgulho e satisfação aos moradores, por conviverem na mesma área territorial de determinadas pessoas, grupos e/ou eventos, sabendo que aquela situação é uma realidade diária e benéfica, ou talvez adversa, situação que causa de desconforto. Segundo Claval (1999) apud Fontoura (2005), sabe-se que:

Os homens tem necessidade para dar sentido à sua presença neste mundo, de se assimilar a um território que é, para eles, um refugio e um espaço onde se sentem protegidos, conhecidos e reconhecidos. A história do grupo do qual fazem parte está ali, nas lembranças [...] que dão um sentimento ao destino coletivo (CLAVAL, 1999, p.90 apud FONTOURA, 2005, p.88).

O Lombatur é realizado como uma ação de Turismo Comunitário, com o intento de possibilitar, ao agente e ao ator social, o contato mais próximo com aquilo

que também faz parte do ambiente natural, que se mantém relativamente preservado: a mata, os pássaros, o clima ameno, o inverno com dias nublados, semelhante na serra gaúcha, situada distante cerca de 100 km (embora a maior área da cidade de Porto Alegre esteja quase ao nível do mar), as nascentes de água, o sítio arqueológico recém descoberto, e outro já registrado no Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, IPHAN; a cultura dos grupos indígenas locais, que vivem próximos à área urbana do bairro.

No entanto, existem situações que provocam variáveis em cada um dos itens listados, nenhum está congelado no tempo, estático, a espera do visitante, Exemplos são as escavações que destroem o referido sítio registrado, o desmatamento, o lixo e as partes de automóveis provenientes de desmanche lançados às margens das estradas de chão vicinais; os esgotos a céu aberto, que correm livres em direção aos mananciais de água das nascentes; ruas sem asfalto ou calçamento; cavernas (furnas) que hoje estão no interior de propriedades privadas, a constante atividade industrial na pedreira. Trata-se de ambientes visuais e situações que sequer poderiam motivar uma visita, nem produzir satisfação, estranhamento, muito menos produzir a fruição, e que, em geral, nenhuma atividade turística apresentaria como produto ao seu público consumidor.

As ações desenvolvidas no Projeto de Turismo Comunitário do Programa Lomba do Pinheiro, foram elaboradas para promover reflexão, semelhante às relatadas nos projetos anteriores, sejam agradáveis ou não; no qual o objetivo é análogo. Visa despertar a inclinação crítica dos atores e assim introduzir possíveis discussões para promover a cultura e a educação, o sentimento de pertença, fortalecer e fixar raízes, promover a identidade. Para tentar mudar o conceito, que principalmente os moradores tem de si mesmos, bem como o pré-conceito que parte da cidade de Porto Alegre ainda tem com a Lomba do Pinheiro. Embora a ação se destine aos moradores, acredita-se que o convívio com outros sujeitos é fator positivo para atingir os objetivos propostos no Programa de Extensão.

O Lombatur considera, a partir do MCLP/MFR, que a história do bairro Lomba do Pinheiro se fez num amálgama com a história da cidade de Porto Alegre. Afinal, até pouco tempo, se conhecia a ocupação humana do território municipal apenas a partir do início do século XVIII. Porém, em 2010 foram descobertos vestígios de ocupação indígena pré-colonial na Lomba; atualmente ao menos duas etnias indígenas habitam o bairro: Kaingang e M'bya Guarani.



Aldeia M'Byá Guarani/Arquivo do autor

O bairro até meados do século XX, era considerado uma área rural, devido a sua extensão territorial, situado em área geográfica acidentada, com morros, nascentes e córregos d'água, mata nativa e campos. Encontra-se hoje cortado por uma avenida, espécie de coluna vertebral, margeado por quase trinta vilas, nas quais grande parte dos moradores ignora suas histórias e lugares que já foram degradados ou estão em processo de degradação; atores sociais que somente conhecem o trajeto do deslocamento diário casa/escola/trabalho. Conforme o Programa, a partir do momento em que os atores sociais começassem a se apoderar daquilo que os cerca, a tomar conta do patrimônio e da história da Lomba, a cidadania se tornaria cada vez mais uma aliada, para preservar o patrimônio e obter melhores condições de vida.

Para efetivar o Projeto de Turismo Comunitário no MCLP/MFR, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica na instituição, para identificar trabalhos acadêmicos relativos à memória, identidade, patrimônio, informação e cidadania. Entre os trabalhos, chamou a atenção uma dissertação de mestrado, de uma antropóloga uruguaia, cuja pesquisa foi realizada no âmbito e no entorno do MCLP/MFR, mais especificamente na Vila Elo Dourado. A pesquisadora apresenta um levantamento de questões relativas à memória da população, quando buscou interpretar suas práticas cotidianas e narrativas, “[...] deslocando-se com eles através de fronteiras e paisagens imaginárias” (ZEBALLOS, 2009, p.5). Neste e noutros trabalhos, foi possível verificar a existência de um potencial turístico latente na história da Lomba e nas histórias de vida dos atores sociais, para estabelecer um itinerário turístico comunitário a partir das memórias registradas no MCLP/MFR. Além do acervo da instituição, o bairro possui o referido “[...] sítio arqueológico

registrado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, IPHAN, no ano de 1999, o RS JA-18, denominado Fazenda Lomba do Pinheiro [...]” (RIO GRANDE DO SUL, 2008, p.146).

A presença desse sítio no interior do bairro foi um ponto relevante, igualmente motivador, para a construção de um itinerário turístico comunitário, mesmo porque, grande parte da população ainda desconhece a sua existência, enquanto que alguns poucos se referem à Fazenda do “Boqueirão”, ou “Senzala”, com bastante naturalidade. Assim, o sítio arqueológico foi considerado como uma matéria prima valiosa para a ação que foi proposta. E, ainda que esse sítio não existisse no território da Lomba, a ação cultural seria colocada em prática e começaria pelo MCLP/MFR, para contar a história do mesmo, criado em 2005/2006 por iniciativa da comunidade, mais precisamente por membros da família Remião, juntamente com moradores. A proposta apontou um prédio onde funcionou o antigo e tradicional armazém Vencedor. Herdado dos antepassados, foi cedido pela família Remião para se tornar sede da instituição, que doou também parte do acervo, somado aos objetos trazidos em doação pela comunidade, formam duas coleções, que compõe um único e grande acervo.

É possível afirmar que a instituição foi concebida, em parte, dentro do entendimento de museu comunitário, surgida na década de 1970, denominado Nova Museologia. O MCLP/MFR não é apenas mais uma instituição para contemplação e silêncio, nasceu para exercer um papel crítico e explorar os conflitos existentes na realidade desigual de um bairro da periferia de uma capital. Dentro dos conceitos da Nova Museologia, pretende incentivar a comunidade a refletir sobre as questões que lhe dizem respeito, tanto individuais quanto coletivas. Conforme Primo (1999a, *online*) “[...] o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que [...] pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação”.

Tendo em vista que o turismo comunitário tem características competentes, distintas do turismo tradicional, para ser realizado numa comunidade periférica, as justificativas para as ações do Projeto buscaram apoio em Varine (2010, *online*), propondo “[...] fazer uma aproximação entre a noção de patrimônio, a noção do território, os usos e as utilizações desse patrimônio [...]”. Foi possível perceber que um projeto de turismo comunitário era viável ao Programa, visto que o território do bairro Lomba do Pinheiro possui patrimônio e história peculiares, numa dinâmica

própria. Ainda, conforme Varine (2010, *online*): “Cada território tem dois recursos maiores: a gente, o capital humano, [...] os membros da comunidade [...] e o patrimônio global, que é o capital comum da comunidade, do território e de todos seus membros”.



Lombatur/Moradores/Arquivo do autor



Lombatur/Estudantes/UFRGS/Arquivo do autor

A característica comum no turismo tradicional, é que o usuário se desloca para fora do seu ambiente cotidiano, para consumir desde alimentação até hospedagem e fazer compras. Entretanto ao realizar uma atividade de turismo comunitário, o usuário permanece no território de origem, não necessita consumir e pode retornar para casa em poucas horas. Franco (2009) explica que é função do museu:

[...] enquanto um dos mais expressivos espaços simbólicos de articulação das representações sociais, instaurar campos solidários de memória, capazes de propiciar o deslocamento experimental do cidadão, no próprio *lócus* em que vive e atua (FRANCO, 2009, *online*).

O objetivo é levar o ator social a reconhecer sua própria história e a de seu território, contada de maneira simples, para relembrar aqueles fatos que estão quase esquecidos, ao percorrer lugares no itinerário turístico que, embora cotidianos, se tornaram “invisíveis”. Mattos (2009) defende que “[...] a busca de conhecimento do passado, de nossa memória, torna-se um atrativo turístico [...] [e que] um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória” (HUYSSSEN, 2000, p.9 apud MATTOS, 2009, *online*).

Segundo Halbwachs (2006) as memórias dos atores sociais:

[...] não estão inteiramente isoladas e fechadas, necessitamos da memória coletiva para lembrar e relembrar, que as pessoas não esquecem seu passado, mas o mantêm latente em sua memória; conhecem os lugares, os fazeres, a história, os causos, as festas e outras formas de representação da cultura e do imaginário local (HALBWACHS, 2006, p.54).

Em relação aos lugares dentro do território da Lomba, sabe-se que a mesma situa-se a meio caminho entre a sede da antiga capital, Viamão, e o primeiro núcleo que originou a cidade de Porto Alegre. Conforme LIMA (1936, p.43), “Esta passara a Capela de São Francisco do Porto dos Casais, que tomou o nome de Porto Alegre (*Alacris Portus*) [...]”. No trajeto entre ambos havia sedes de fazendas e estâncias; agricultura e pecuária; mata nativa e campos, área própria para cultivo de frutas, legumes e verduras, assim como área acidentada e pedregosa, inclusive contendo cavernas.

Sobre lugares de memória, Nora (1993, p.13) ensina que os mesmos: “[...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”.

Enquanto os moradores seguiam suas vidas de maneira cotidiana, lugares de memória permaneciam invisíveis no âmbito da Lomba do Pinheiro e precisavam ser inventariados com a participação da comunidade. Conforme Gondar; Dodebei (2005) apud Maschietto (2011):

As pessoas devem ser levadas a observar que o patrimônio está diante delas e que é formado por um grande número de signos, vestígios, monumentos, objetos, bens materiais e imateriais, festas, comemorações cívicas e religiosas, crenças, cultos, costumes, comportamentos, comidas, sentimentos, hábitos, que precisam ser percebidos, observados, lidos, estudados, compreendidos, divulgados, revividos e respeitados como fonte de significados culturais e “expressão de uma tradição incontestável” (GONDAR; DODEBEI, 2005 apud MASCHIETTO, 2011, *online*).

Um dos objetivos do Lombatur é fortalecer nos atores sociais o sentido de pertencimento ao bairro, que se apropriem dos seus lugares de memória, pois

segundo Cury (2009, *online*): “os sentidos são construções desde o cotidiano do receptor”.

A partir da revisão bibliográfica, para avaliar o pensamento desses autores, e contando com o acervo do MCLP/MFR a disposição, conhecendo também alguns dos lugares de memória, a história e os recursos humanos da Lomba, o próximo passo foi determinar quais os pontos poderiam e deveriam ser arrolados para fazer parte do itinerário turístico. Como as ações do Projeto Lombatur fazem parte de um Programa de Extensão, que tem por princípio promover a interação entre universidade e sociedade, visando educação, desenvolvimento e mudança social, com respeito à comunidade, ela foi consultada em uma pesquisa de rua. Moradores foram abordados nas mais diversas vilas, situadas cada qual em pontos distintos da Lomba, para obter sugestões de pontos a ser visitados pelo Lombatur.

Uma única pergunta foi proposta aos atores sociais entrevistados: Caso alguém lhe abordasse na rua, dizendo não conhecer o bairro, pedindo para recomendar um local que deveria visitar na Lomba, que lugar recomendaria? As respostas apontaram quase duas dezenas de lugares diferentes; alguns não foram considerados em termos de turismo; no entanto outros foram citados repetidamente. Diversos pontos estavam situados em outros bairros e houve inclusive moradores que declararam não haver nada interessante ou bonito para conhecer na Lomba. Para determinar os pontos de visitação, na análise dos dados coletados houve necessidade de fazer um recorte no conjunto das sugestões, porém a seleção foi voluntarista, onde a vontade da escolha prevaleceu em conjunto com a maioria das sugestões dos atores entrevistados.

A compilação final dos lugares recomendados pelos moradores orientou a formulação da seguinte itinerário a ser visitado pelo Lombatur:

O ITINERÁRIO TURÍSTICO

- 1 Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro/Memorial da Família Remião -**
É o início do passeio no Lombatur e onde a história do bairro e do museu é apresentada aos participantes. Antes do embarque em um ônibus, os participantes são convidados para responder a um questionário sobre suas expectativas em relação ao passeio. (Estrada João de Oliveira Remião, 2874 - Parada 06 - Fone: 3352.7131. (<http://www.ipdae.org/museu.php?menu=museu&sub=museu>);

- 2 **Os Serranos** - O conjunto musical é o atual proprietário da área onde existia a casa residiu dona Rafaela Remião, na época do casamento com João de Oliveira Remião, no final do século XIX. (Conjunto Musical Os Serranos - Estrada João de Oliveira Remião, 2483 - Fone: 3319.1554 / Fax: 3319.1875. <http://www.osserranos.com.br/>);
- 3 **Cemitério Jardim da Paz** – Localizado numa Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) com área de 14,5 hectares, instituída por ato voluntário do proprietário, destina-se a proteção e conservação do ecossistema ameaçado. No dia de finados acontece o lançamento de pétalas de rosas a partir de um helicóptero que sobrevoa os visitantes. (Estrada João de Oliveira Remião, 1347 - Fones: 3319.1312 / 3319.1033. <http://jardimdapaz.com.br/>);
- 4 **CEITEC** - Centro de Excelência em Tecnologia Eletrônica Avançada. É a única fábrica do gênero na América Latina. Empresa pública federal ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia criada em 2008. Projeta circuitos integrados de última geração para aplicação em Radiofrequência, Multimídia Digital e Comunicação Sem Fio, com destaque para chips de rastreamento de gado. (Estrada João de Oliveira Remião, 777. (http://www.ceitec-sa.com/cms/php/site_contato.php);
- 5 **Centro Hípico Recanto do Pinheiro** - Reserva Ecológica com área de 250 hectares com mata nativa e furnas. Local para pratica de trilhas, aulas de equitação básica e hipismo clássico para iniciantes, esportistas ou futuros competidores. Centro de equoterapia para a equitação como forma de tratamento para o desenvolvimento físico e mental de pessoas com necessidades especiais. Comercializa cavalos e oferece treinamento e hospedagem aos animais. (Beco do David, 500 - parada 02 - Fone: 9705.7166. <http://www.inema.com.br/mat/idmat071696.htm>);
- 6 **PEDRACCOM** Mineração Ltda. - Área de 39,83 hectares para extração de substância mineral granito. Fornecedora de pedra e brita à Prefeitura de Porto Alegre e ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul. (Estrada das Capoeiras, 1550; em frente a Vinícola Bordignon. Entrada pelo Beco Davi parada 2 - Fone: 9155.0160. <http://www.betoget.com/brasil/britada/>);
- 7 **Vinícola Bordignon** - Recanto rústico em meio à natureza, para degustação de vinhos, espaço para aniversários, casamentos, formaturas, confraternizações de empresas e comemorações especiais. (Estrada das Capoeiras, 1569 - Fone: 3336.2411 / 9933.0915. www.vinhobordignon.com.br);
- 8 **Fazenda do Boqueirão** - Sítio arqueológico registrado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, denominado Fazenda Lomba do Pinheiro, também conhecido pelos moradores como Fazenda do Boqueirão ou Senzala. Foi propriedade dos irmãos Antero e Afonso Lourenço Mariante no século XIX. Em frente ao casarão, em 1967 foram gravadas cenas do filme: Coração de Luto, com Victor Mateus Teixeira, o Teixeirainha. (http://www.apers.rs.gov.br/arquivos/1226432818.VI_Mostra_Publicacao_.pdf);

- 9 Associação de Amigos da Vila São Francisco e Lomba do Pinheiro** - Primeira Associação de moradores do bairro, fundada em 1957 e ainda em funcionamento. Provavelmente foi a entidade precursora da categoria no Rio Grande do Sul. É mantenedora da creche comunitária denominada Escola de Educação Infantil São Francisco de Assis. (Estrada São Francisco, 1172 Parada 3, Fone: 3319.8607. Entrada pela parada 3 da Estrada João de Oliveira Remião);
- 10 Vila Mapa e Escola Heitor Villa Lobos** - Após a enchente de 1965, a primeira dama do município, Maria Marques Fernandes, criou o Movimento Assistencial de Porto Alegre e angariou fundos para construir casas aos desabrigados que moravam na região da cidade baixa, próxima ao centro da capital, os quais foram assentados na Lomba do Pinheiro juntamente com a escola. (Avenida Santo Dias da Silva, s/nº Fone (fax): (51) 3319.1413. Entrada pela parada 4 da Estrada João de Oliveira Remião);
- 11 Museu de Rua** - Primeiro Museu Comunitário de Rua da cidade, inaugurado em 2010 na Vila Recreio da Divisa. Fundamenta-se nos aspectos sociais e expõe a valorização do saber popular e as histórias de lutas em prol da cidadania. (Comunidade Recreio da Divisa. Estrada João de Oliveira Remião, Parada 15 - Fone: 3352.7131. <http://cplombadopinheiro.blogspot.com/>);
- 12 CIA do FUXICO** - Projeto Comunitário de Integração e geração de renda na Vila Recreio da Divisa. Apresenta trabalhos artesanais em diversos materiais. (Estrada João de Oliveira Remião, Parada 15. http://artgiselemaciell.blogspot.com/2010_04_01_archive.html);
- 13 IPDAE** - Instituto Popular Arte-Educação é a sede da biblioteca Leverdógil de Freitas, com mais de 34 mil exemplares, mantém uma Orquestra e uma Escola de Música gratuita com cerca de 200 alunos. (Estrada João de Oliveira Remião, 7193 Parada 18 - Fone: 3336.3713. <http://www.ipdae.org/>);
- 14 Comunidade M'bya-Guarani** - Liderada pelo Cacique José Cirilo, apresenta aspectos da sua cultura aos visitantes; os membros da comunidade fazem apresentação de dança e música. Os participantes do Lombatur podem conhecer e adquirir artesanato, bem como o DVD produzido por membros da comunidade guarani. (<http://www.defender.org.br/cultura-indigena-integra-curriculos/>);
- 15 Parque Saint' Hilaire** - Reserva Ecológica de Preservação permanente situada entre os municípios de Porto Alegre e Viamão. O Lombatur percorre a via que margeia o muro que faz a divisa entre o parque e o bairro Lomba do Pinheiro. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Lomba_do_Pinheiro),
- 16 Museu Comunitário** - Com o retorno do ônibus ao museu, acontece o final do passeio, onde os participantes são convidados a responder outro questionário sobre o trajeto do Projeto Lombatur, em complemento ao questionário anterior. O mesmo serve como ferramenta de pesquisa para diagnosticar problemas e receber sugestões com vistas a futuras

modificações no itinerário turístico comunitário (Estrada João de Oliveira Remião, 2874 - Parada 06 - Fone: 3352.7131.
(<http://www.ipdae.org/museu.php?menu=museu&sub=museu>).

O itinerário turístico comunitário foi definido para apresentar esses lugares à visitação, no quadro da vida cotidiana da comunidade, das relações culturais, humanas e familiares, desde que o bairro começou a ser habitado. Objetiva permitir que a comunidade alcance a integração entre a ação dos moradores, os seus recursos locais, o poder público e os atores econômicos. As ações do Projeto de Turismo Comunitário sugerem ainda, que a comunidade coopere não apenas consigo mesma, mas também com outras comunidades de periferia da cidade e seja valorizada pelos visitantes. Alguns participantes entre 2010 e 2011 foram entrevistados, conforme abaixo:

Não conhecia nada da Vila MAPA, e o Lombatur me ajudou a fazer um trabalho na escola. Estudante K/16 anos/Moradora do bairro há um ano e meio.

Acabei descobrindo coisas novas que não sabia que tinha no Pinheiro, alargou o meu conhecimento sobre o bairro onde moro, que é melhor do que eu pensava. Estudante L/15 anos/Moradora do bairro há cinco anos.

Conheci o Museu a partir do Lombatur, sabia que tinha um Museu, mas não sabia que era aberto ao público. Luciana Maria Fonseca/Moradora/Nasceu no Bairro.

Acho o Percurso do Lombatur muito comprido, sem panfletos que expliquem o porquê do Lombatur. Deveria ter um banner no museu informando sobre o Lombatur e sobre os pontos de visitação. Um Lombatur mais enxuto que mostrasse todos os lugares: a fazenda, a orquestra e a aldeia indígena. Estudante M/Museologia/UFRGS.

Para mim parece que realmente o museu é montado pela comunidade. A gente conhece os museus mais tradicionais. Achei bem interessante porque vi trabalhos com jovens. Nem sabia que existia museu comunitário. A imagem que eu tinha do bairro era totalmente diferente. A gente não ouve coisas boas sobre o bairro, e é bem interessante ver que tem um pessoal com interesse em melhorar a imagem do bairro. Estudante N/Museologia/UFRGS.

Acredito que o Lombatur faz com que as pessoas se sintam com a sensação de pertencimento e de certa maneira se apropriam daquele espaço. Estudante Museologia O/UFRGS.

Gostei muito do Lombatur porque tem coisas na Lomba que a gente não conhece, lugares que a gente nunca vai. Tem pessoas

*comentando sobre fazer um outro passeio daqueles, porque tem alguns lugares que a gente não visitou. Outras amigas demonstraram interesse em conhecer. **Maria de Lurdes Lisboa Machado/Moradora do Bairro há 26 anos.***

*Na realidade o Lombatur me atrai bastante, nem tanto no sentido das questões históricas, mas as questões atuais. Os alunos não dizem que moram na Lomba do Pinheiro, dizem que moram na Mapa, na Quinta, na Bonsucesso. A Lomba do Pinheiro é muito maior do que aquilo que se conhece. Tu quer saber onde é a Quinta do Portal? Onde é a Mapa? Como é que surgiu? A minha vontade de fazer o Lombatur era mais para conhecer o momento atual e entender o espaço onde os meus alunos vivem, moram, se relacionam, é nesse sentido. **Laura Ferrari Montemezzo/Professora de História/Escola Rafaela Remião.***

A ação desenvolvida no Projeto de Turismo Comunitário é destinada aos moradores, como já mencionado, porém em 2011, por solicitações de uma professora da UFRGS e da direção da Escola Rafaela Remião, ocorreram duas saídas extras: respectivamente com trinta estudantes do curso de Museologia e com dezessete professores da Escola como encerramento de uma atividade de capacitação realizada durante as férias escolares. Estes foram convidados a preencher um questionário na chegada ao Museu e outro após o retorno do Lombatur. Entre as perguntas e respostas, constaram as seguintes:

O que você acha que verá na saída do Lombatur? Respostas: *Não temos idéia/Não tenho idéia/Não faço idéia/Não sei/Não sei, nunca participei!/Não sei, tudo sempre é uma novidade/Muitas curiosidades/Conhecimento de pontos turísticos (vinícola, tribo indígena)/Realidades relacionadas ao bairro, seu desenvolvimento/Conhecimento (História) sobre a nossa comunidade/Conhecer melhor o bairro, sua história e cultura, seus pontos positivos e negativos/O desenvolvimento do bairro/Partes da cultura e História da Lomba do Pinheiro/As particularidades da Lomba do Pinheiro, suas manifestações artísticas, culturais e sociais/Pontos turísticos do bairro, locais que fazem parte da história do mesmo/Pontos turísticos do bairro e locais que contam a história do bairro.*

O que você mais gostou de ver na saída do Lombatur? Respostas: *A Escola de Música/O IPDAE e o Museu/Conhecer o Museu/A paisagem em geral, as ruas e as casas/A cultura da Lomba/A reserva indígena/A Estrada do David/Gostei de tudo/Muito criativo, realmente comprometido com a comunidade/Ótimo, muito informativo, organizado/Organização e dedicação/Bem interessante/Muito estimulante, capaz de estimular o conhecimento de forma muito interessante, apesar de todas as dificuldades financeiras/Nunca havia entrado no Museu, achei muito interessante*

conhecer um pouco da História da Lomba/É um museu muito importante, que apesar das dificuldades possui um reconhecimento Nacional/O Museu é um espaço ótimo, bem organizado e bem planejado/ Muitas ilustrações de objetos pertinentes a região/Muito boa, histórico disponível.

Quase a totalidade dos professores participantes não reside no bairro Lomba do Pinheiro e conhecia no território somente o trajeto até o ambiente de trabalho. Foi possível constatar que desde a chegada ao MCLP/MFR e durante o preenchimento do questionário inicial, havia certo desconforto, porém o mesmo desapareceu por completo já durante a visita guiada às exposições do Museu, quando a história do bairro foi apresentada a partir da instituição: com a exposição de longa duração do antigo armazém e das duas exposições temporárias: “Arqueologia da Lomba” e Rodas de Memória das “Ervas e Benzedeiras”. Durante o trajeto os professores se tornaram participativos e interessados sobre os diversos lugares de memória apresentados, bem como em saber quais os nomes das vilas em que o trajeto estava sendo realizado. A coordenadora do MCLP/MFR, que recepcionou os professores na instituição naquela, afirma que:

*Esse [Projeto de Turismo Comunitário], talvez tenha sido um dos projetos que deu um impacto maior, no sentido de as pessoas conhecerem o lugar delas, conhecer desconhecendo. A gente acha que conhece o lugar onde a gente está, mas ao mesmo tempo a gente desconhece. A gente vai ver que não conhece a partir dessa saída do Lombatur, quando acontece toda a questão da surpresa. A gente tem o “boom” de procura do Lombatur, quando chega inclusive um, em que as pessoas acompanham de carro. **Cláudia Feijó da Silva/Moradora do Bairro/Historiadora/Coordenadora no Museu no Período 2008-2011.***

Sendo uma ação efetiva, o Lombatur sugere uma futura abertura para o exterior do bairro, quando o turismo, no início apenas comunitário, poderá em etapa posterior, atrair visitantes externos e gerar ganhos para guias/monitores. No caso, os guias/monitores da própria comunidade, serão capacitados por meio de oficinas estruturadas e adaptadas, mediante parceria com uma instituição de ensino que mantenha curso de turismo.

O itinerário turístico do Projeto Lombatur foi lançado em setembro de 2010, como projeto-piloto mensal e gratuito, utilizando ônibus da UFRGS; até outubro de 2011 foi utilizado por cerca de 300 visitantes, sendo esses: agentes e atores sociais

do bairro Lomba do Pinheiro, estudantes do curso de Museologia e professores da UFRGS, além de visitantes esporádicos de outros bairros e municípios.

A partir dos resultados da pesquisa com os vários grupos participantes, foi constatada a necessidade de, antes de iniciar cada ação do Lombatur, informar aos mesmos que a atividade se destina à comunidade, que é uma ação de turismo comunitário, mas que sujeitos oriundos da universidade e de outros bairros são bem-vindos. Sua participação e integração com a comunidade cooperam para promover o sentimento de pertencimento e a auto-estima dos moradores, sendo um dos objetivos do Programa de Extensão.

Em relação ao Programa de Extensão, conforme o ANEXO E, no segundo semestre de 2011, a TV Brasil gravou cenas com a participação de moradores da Lomba do Pinheiro e estudantes bolsistas da UFRGS. O tema principal foram essas diversas ações realizadas no Programa Lomba do Pinheiro: memória, Informação e Cidadania. As cenas e depoimentos farão parte da segunda edição do Programa “Conhecendo Museus”. A série deverá ir ao ar em rede nacional e internacional no primeiro semestre de 2012. A veiculação do Programa “Conhecendo Museus” será outra ferramenta, que se soma ao esforço da Universidade e do Museu Comunitário em favor da comunidade do bairro Lomba do Pinheiro, e para divulgar a tipologia museu comunitário e o curso de Museologia da UFRGS.

6.5 O Programa em números

Para realizar uma avaliação dos resultados do Programa, de forma mínima, também numa perspectiva quantitativa, optou-se por apresentar, a seguir, alguns números que sirvam de indicadores da conexão entre ensino, pesquisa e extensão.

a) Disciplinas, Equipe do Museu, Professores e Estudantes do curso de Museologia e atores sociais do bairro envolvidos com o Programa:

A efetivação do Programa de Extensão ocorreu de forma interdisciplinar, envolvendo diversas disciplinas que participaram das ações, além da equipe do MCLP/MFR, professores e estudantes da UFRGS, professores e estudantes de escolas do bairro e moradores, conforme Apêndice B:

	2009	2010	2011
Disciplinas	21	21	21
Equipe do Museu	05	06	04
Professores da Ufrgs	07	07	07
Estudantes da UFRGS	20	20	20
Professores do bairro	0?	0?	0?
Estudantes do bairro Moradores	0?	0?	0?

b) Produção de Trabalhos a partir Programa de Extensão

As ações referentes aos quatro Projetos foram apresentadas em diversos eventos, conforme trabalhos relacionados no Apêndice C:

Eventos	Apresentação Oral	Oficina	Banner/Poster	Publicações e Vídeos
Locais	11	01	01	03
Estaduais	09		05	
Nacionais	02			01 ⁹
Internacionais	06		02	
Total	28	01	08	04

9 O Programa "Conhecendo Museus", gravado em agosto 2011, pela Fundação José de Paiva Neto para a TVBrasil, com a participação de bolsistas do curso de Museologia, encontra-se em produção em São Paulo. Diretora: Denise Pinto/Produtor: Ricardo Conti.

c) Participantes das ações

No quadro abaixo, não é possível fazer uma estimativa da quantidade de participantes, pois a ausência de um livro próprio para registros, como já referido, não é o cotidiano de um Museu Comunitário. A presença constante de professores, alunos e moradores visitando a instituição para conhecer as exposições, inclusive sem um agendamento prévio, impossibilitam que os números sejam computados com exatidão. Durante a realização de ações, mesmo não estando envolvidos, alunos da Escola Rafaela Remião, entre outros, constantemente circularam pelo Museu e acabam participando por alguns momentos das diversas atividades. É um Museu Comunitário que se organiza para realizar atividades, porém a comunidade sempre é bem recebida para participar da sua história.

Durante cada uma das ações do Programa Lomba do Pinheiro, desenvolvidas no MCLP/MFR, agentes e atores sociais estiveram envolvidos direta e/ou indiretamente com os Projetos abaixo:

Ações		2009	2010	2011
Educação para Patrimônio ¹⁰	Equipe do MCLP/MFR	04	05	04
	Professores Lomba	16	33	30
	Alunos da Lomba e Moradores	57 ¹¹	616	570
	Alunos e professores UFRGS	27	23	25
Museu de Rua ¹²	Equipe do MCLP/MFR	04	05	04
	Professores Lomba	05	? ¹⁰	? ¹⁰
	Alunos da Lomba	? ¹³	? ¹⁰	? ¹⁰
	Moradores	56	? ¹⁰	? ¹⁰

10 As ações de Educação para o Patrimônio, por meio do Programa, iniciaram em 2010.

11 Em 2009 as ações de Educação para o Patrimônio foram realizadas quase exclusivamente pela coordenadora do MCLP/MFR.

12 O Museu de Rua foi lançado somente em 2009.

13 Não é possível determinar uma quantidade. No caso do Museu de Rua, a impossibilidade é ainda maior em conhecer os números, pois o mesmo está na "rua" desde seu lançamento, em dezembro de 2009. Sabe-se que em 2009, cinquenta e seis moradores participaram da pesquisa, fornecendo material e cooperando na montagem, porém, a partir de então o Museu de Rua ficou exposto de forma itinerante no território da Lomba.

	Alunos e professores UFRGS	04	? ¹⁰	? ¹⁰
	Lançamento da Exposição	125	-	-
História Oral (Rodas Memória) ¹⁴	Equipe do MCLP/MFR	04	05	04
	Professores Lomba	? ¹⁰	? ¹⁰	? ¹⁰
	Alunos da Lomba	? ¹⁰	? ¹⁰	-
	Moradores	55	38	-
	Alunos e professores UFRGS	22	22	-
	Lançamento da Exposição	110 ¹⁵	138 ¹⁶	-
	Turismo Comunitário ¹⁷	Equipe do MCLP/MFR	04	05
Professores Lomba		-	? ¹⁰	? ¹⁰
Alunos da Lomba		-	? ¹⁰	? ¹⁰
Moradores		-	174	167
Alunos e professores UFRGS		-	22	22

14 As Rodas de Memória aconteceram em 2009 e 2010.

15 Lançamento da Exposição com as Rodas de Memória do Pinheirense F. C.

16 Lançamento da Exposição das Rodas de memória das Ervas e Benzeduras.

17 O Turismo Comunitário foi lançado em setembro de 2010.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi investigar um Programa de Extensão Universitária realizado em um bairro de Porto Alegre, RS. O Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, que foi efetivado em 2009, numa parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião, a partir da criação do curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Faz parte da Política de Extensão da UFRGS, cumprindo o compromisso social de uma universidade pública, conforme o Plano Nacional de Extensão Universitária do Governo Federal.

Após três anos de participação ativa no Programa, como estudante do curso de Museologia, me interessei em identificar até que ponto as atividades realizadas provocaram algum impacto e interação entre a academia e os diversos seguimentos da comunidade. Se a proposta era incentivar ações de desenvolvimento social, a valorização da história e do patrimônio local e a elevação da auto-estima, como isso ocorreu na prática? Afinal, toda a ação acadêmica, seja nas áreas de ensino, de pesquisa ou de extensão, exige um acompanhamento constante, a fim de avaliar o seu alcance. Avaliar se as ações contribuíram à formação da comunidade acadêmica como aprendizado intelectual e prático. Refletir em torno do alcance do Programa como estratégia de cumprimento da função social da Universidade. Interpretar o significado do Programa enquanto proposta de extensão universitária integrada ao ensino e à pesquisa no campo da Museologia. Enfim, valeu a pena?

Neste trabalho, inicialmente fiz uma aproximação do território da Lomba do Pinheiro, em sua relação histórica, cultural e social com a cidade de Porto Alegre. Realizei ainda, uma reflexão teórica a respeito da função da Museologia e de seus profissionais, em especial sobre a tipologia dos museus comunitários, quanto às diversas ações desenvolvidas por estudantes desde a primeira turma do curso, a partir do Programa de Extensão no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro.

Para minha própria formação como museólogo, foi importante a prática em pesquisa qualitativa, que considero ser a mais adequada para a imersão acadêmica em comunidades. Caso a opção fosse por uma abordagem quantitativa, acredito todo o envolvimento que tive com a comunidade teria sido deixado de lado nesse momento importante da minha formação, porém a investigação qualitativa

possibilitou também realizar reflexões teóricas em torno de museus comunitários e a aplicação dos conteúdos próprios do ensino de Museologia.

Pela integração permanente com os moradores da Lomba e com meus próprios colegas e professores que o trabalho exigiu, pude perceber quanto a subjetividade das pessoas, que suas expectativas e sonhos interferem numa proposta de extensão universitária. Apreendi que a função social da universidade pública, no caso a UFRGS, pode ser cumprida por meio da extensão universitária que, por sua vez, integrada ao ensino e à pesquisa, torna-se uma estratégia eficiente e eficaz de mudança e desenvolvimento social em uma comunidade de periferia.

Foi possível verificar, inclusive durante as ações, que os conceitos da Nova Museologia trouxeram uma nova perspectiva entre a instituição museu e a sociedade. E que sem dúvida o museu é uma alternativa de cidadania e inclusão social às populações menos favorecidas das grandes cidades.

Fiquei satisfeito e com o sentimento de dever cumprido, ao perceber que os resultados encontrados confirmam que o Programa Lomba do Pinheiro efetivamente vem contribuindo com o bairro Lomba do Pinheiro, numa soma de esforços entre a Universidade e aquela comunidade. Uma comunidade cuja força e garra se operacionaliza através de uma histórica atuação num processo de planejamento participativo, hoje reconhecido internacionalmente. Percebi, na prática, que o todo é bem maior do que a soma das partes, ao evidenciar o quanto as ações estão conseguindo ultrapassar os objetivos inicialmente propostos pelo Programa.

Outra constatação diz respeito à importância das Políticas de Extensão para a comunidade acadêmica, sustentada pelo tripé ensino, pesquisa e extensão. Ela contribui para qualificar a formação de profissionais museólogos, que, durante a realização das ações extensionistas, cooperaram, de modo participativo e coletivo, com a superação de problemas sócio-culturais e econômicos de comunidades onde nem sempre a universidade se faz presente.

O Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro se converteu num espaço para troca de saberes entre a Universidade e a sociedade. Os estudantes puderam desenvolver e executar projetos visando fortalecer a memória social, a cultura da comunidade, registrar histórias de vida e identificar lugares de memória. Aprenderam na prática, que para incentivar a preservação do patrimônio, os moradores necessitam se apropriar de seu território, enquanto sujeitos responsáveis pela sua

trajetória de vida. E que viver é bem mais do que sobreviver, é valorizar a identidade, a memória cultural e histórica; é reconstruir a história com a sua própria história a cada dia. Nesse sentido, a criação de um itinerário de turismo comunitário foi uma estratégia eficiente, na perspectiva deles próprios.

Por meio de depoimentos dos moradores, de estudantes e agentes sociais da Lomba do Pinheiro, constatei que as ações às quais se envolveram, possibilitou que não apenas os moradores mais antigos tivessem sua auto-estima elevada. Isso transpareceu em diversas ocasiões: quando foram surpreendidos com a possibilidade do registro de suas histórias de vida, seguido pelo reconhecimento público de parentes, de amigos e pela comunidade em geral. Os estudantes e professores compreenderam que as ações dos projetos são ferramentas de ensino importantes, colocadas a sua disposição, que agregaram capacitação e conhecimento sobre a história do bairro a partir do próprio território.

O Programa Lomba do Pinheiro acrescentou ainda, subsídios ao Museu Comunitário e aos estudantes do curso de Museologia, que se envolveram nas ações. A participação dos acadêmicos nas atividades possibilitou que alguns revissem seus próprios conceitos, enquanto revelou em outros estudantes, o senso comum em relação à instituição museu e ao bairro.

Ficou evidente também, que alguns alunos ainda possuem preconceitos em relação à tipologia museu comunitário, acostumados que estão à concepção do museu tradicional, preocupado mais com o acervo do que com as pessoas. Ainda entendem museu como lugar de guarda de acervo do passado ou acervo que pouco diz sobre o presente e o futuro. Acadêmicos que conservam seus conceitos sobre a Nova Museologia em fase de desenvolvimento, que não chegaram a ver o homem de forma integral nessa tipologia de instituição, os ecomuseus e museus comunitários. Que desconhecem a denominada ecologia humana, mais especificamente as relações e processos entre o homem e a sociedade, sua cultura e a sua identidade no ambiente que lhe é comum.

Alguns questionaram a pouca quantidade de acervo, as exposições sem tecnologia e a quase ausência de divulgação de ações por meio de *folders* e *banners*. Talvez não tenham percebido ainda, qual é a fundamentação e quais são as características da Museologia Social, voltada diretamente à perspectiva de desenvolvimento local, no valor do registro das histórias de vida, que não se configuram em acervo tridimensional. Talvez não tenham compreendido que num

museu comunitário a divulgação dos eventos acontece em grande parte por meio do chamado “boca-a-boca”, dispensando custos, mesmo porque não existem recursos suficientes disponíveis. Foi possível igualmente perceber, como o senso comum considera os moradores e o bairro Lomba do Pinheiro: com preconceito e um pré-julgamento.

Encontrei dificuldades em identificar quantitativamente os números do público atingido pelo Programa, o que seria diferente numa instituição tradicional, através de um livro de registros com data, assinatura e outros dados. No Museu não há esse tipo de controle, em que sejam feitos registros periódicos com nomes e quantidades de sujeitos que se envolveram nas ações. Porém, qualitativamente tais números emergem pela quantidade de solicitações para agendar datas para as ações de Turismo Comunitário, maior do que a possibilidade de atendimento, evidenciando que a forma convencional de divulgação é desnecessária.

De maneira análoga, as escolas procuram o Museu para seus professores e alunos participarem das ações de Educação para o Patrimônio, ações essas, integradas ao currículo escolar. Por sua vez, o Museu de Rua é uma metodologia que já se formalizou na comunidade, ao reunir e divulgar aquilo que a própria comunidade quer lembrar. Todas as cerca de trinta vilas populares estão aguardando a sua vez, cobram do Museu o registro de sua memória. Através de qualquer conversa informal com líderes comunitários, pode-se facilmente perceber o interesse. O que de certa forma, será atendido pelo Museu com a inauguração do Ponto de Memória na instituição, onde parte da memória das vilas será exposta ao público. Ainda assim, o Museu de Rua não será abandonado, pois sua característica é, mesmo que com poucos recursos e uma expografia simples, ir onde o ator social circula diariamente e valorizar o morador no seu próprio espaço.

As Rodas de Memória possuem diferentes propostas, com a identificação de novos atores e atos sociais a serem revisitados, lembrados e divulgados. Relembrar as memórias do Bairro já faz parte do cotidiano. Percebi, porém, que muitos outros, continuam mais interessados em esquecer o passado e o presente, sem acreditar no futuro. Não veem nada de bom na Lomba. Afinal, o direito ao esquecimento é também um direito de cidadania, e isso não é privilégio da Lomba do Pinheiro. Em recente viagem a Minas Gerais, visitei o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, e ali, ainda que o consultor internacional que acompanha o processo seja um dos principais que o MCLP/MFR tem como modelo, muitas situações são idênticas,

porém outras são bastante diferentes. Nas diferenças posso começar pela geografia dos territórios, a distância que os separam da capital, da quantidade de moradores, da história mineira passar dos trezentos anos. Porém lá também existem moradores que não preservam o patrimônio comum do alto da serra, do entorno de diversos bairro e vilas. Encontrei pessoas da academia e moradores, nos quais a vontade é a mesma que a nossa: registrar a memória, (re)construir a história, preservar o patrimônio arquitetônico e ambiental, elevar a auto-estima dos sujeitos no seu espaço de vida.

Na Lomba do Pinheiro, houve uma tentativa de minha parte para preparar uma oficina de formação de guias para o Lombatur, onde alguns jovens do bairro já estavam acompanhando o itinerário turístico e sendo incentivados, no entanto as atividades acadêmicas impediram o avanço. Assim, na continuidade do Programa, aponto que existe urgência para investir na formação de guias da comunidade, seja para o Lombatur ou para trabalhar como voluntário no próprio Museu. Outra providência que se faz necessária, é quanto à manutenção do MCLP/MFR, o que implicará na independência financeira da instituição em relação à mantenedora, adquirindo personalidade jurídica própria. Sugiro que no decorrer do Programa seja criada uma associação de amigos para sustentar a instituição museal comunitária, que tão bem acolheu o Programa, nos possibilitando um aprendizado com ganhos práticos. Tais providências, por certo, deverão acrescentar as ferramentas necessárias para formar uma equipe consistente, com visão na Nova Museologia, podendo então expandir e qualificar as ações. No que diz respeito ao Programa em si, este mostrou, pelas ações desenvolvidas nos projetos, que o caminho recém começou a ser trilhado. Na continuidade tanto poderá ser beneficiado o curso de Museologia, a comunidade acadêmica, quanto o Museu Comunitário e a comunidade da Lomba do Pinheiro.

O real impacto das ações, em termos culturais e sociais, a valorização da identidade e o aumento da auto-estima, não foi e nem é possível dimensionar, sequer por meio de qualquer pesquisa, somente analisar pelos depoimentos colhidos nas entrevistas. Esse ganho é algo subjetivo, que se apresenta na forma de satisfação pessoal, pelo reconhecimento e pela gradativa mudança de atitudes. As entrevistas mostraram a simpatia dos moradores pelo bairro Lomba do Pinheiro, que conheciam e/ou passaram a conhecer. Estudantes da UFRGS igualmente revelaram aquilo que estava em seu íntimo. Os resultados das ações desenvolvidas até o

momento, em geral, serão sempre um produto intangível, que cada um dimensiona dentro de si, e que talvez apenas possa ser vislumbrado a médio e longo prazo pelos agentes sociais.

Acredito que resultados imediatos sempre nos satisfazem pessoalmente, porém não devem ser o suficiente. Ainda que a história da Lomba tenha sido registrada em parte, nunca estarão esgotadas as possibilidades de pesquisas com grupos afins, com Educação para o Patrimônio e com a identidade de tantos outros atores sociais que ainda necessitam ser ouvidos. A ciência não é um todo acabado, e o Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, é parte de um processo científico, de uma história que está em contínua (re)construção. É natural que a presente pesquisa, que acabo de divulgar, não tenha esgotado o tema, e acredito que futuras investigações poderão analisar em maior profundidade os resultados após a sequência desse Programa de Extensão.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Daniela Munerato Piccolo; ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da. Meta-avaliação de uma extensão universitária: estudo de caso. **Revista da Avaliação da Educação Superior**. Campinas, v.15, n.2, 2010. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772010000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 set. 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9284**: Equipamento Urbano, classificação. Rio de Janeiro, 1986.

ATA da reunião da proposta de constituição do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião. Porto Alegre, 2005. [Não publicado.]

BAIERLE, Sérgio Gregório. **Um novo princípio ético-político**: prática social e sujeito dos movimentos populares urbanos em Porto Alegre nos anos 80. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1992. Disponível em: <<http://www.democraciaparticipativa.org/files/SergioBaierle.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Disponível em: <http://observatorio03.files.wordpress.com/2010/02/bauman_zygmunt_-_comunidade1.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2011.

BELLAIGUE, Mathilde. Memória, espaço, tempo, poder. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, Unirio. Rio de Janeiro, v.2, n.2, jul./dez. 2009, p.87-90. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/78/98>>. Acesso em: 03 nov. 2011.

BENHAMOU, Françoise. **A Economia da Cultura**. Ateliê Editorial: Cotia, 2007.

BERGER, Peter L. A., LUCKMANN, Thomas. **Construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BLOG IMOBILIÁRIO. **História dos Bairros de Porto Alegre**. Porto Alegre, [2011?]. Disponível em: <http://www.acharimoveis.com/blog_imobiliario/tag/porto-alegre/>. Acesso em: 22 out. 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 12 set. 2011.

_____. **Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984**. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de museólogo. Conselho Federal de Museologia. Brasília, DF. 1984. Disponível em: <<http://www.cofem.org.br/legislacao/impressaolei.htm>>. Acesso em 03 jul. 2011.

_____. Ministério da Cultura. **Pontos de Memória**. 2010. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/programa-pontos-de-memoria/>>. Acesso em 03 jul. 2011.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. **Edital nº. 6, Programa de Extensão Universitária – PROEXT 2009**. Brasília, DF. 2009. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2009/10/resultado8.pdf>>. Acesso: 09 out. 2011.

CAMACHO, Clara. **Museu e Participação das Populações**: contributo para o debate. In: SCHEINER, Tereza. *Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável*. Caderno de textos 2, *Museologia* 3, Texto nº 36, UNIRIO: Rio de Janeiro, 2005.

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Recreio da Divisa**: Moradores reclamam atraso em obras, 2007. Disponível em: <http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=4851&p_secao=56&di=2007-11-06>. Acesso em: 16 out. 2011.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Revista de Saúde Pública**, v.30, n.3, São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101996000300013>>. Acesso em: 11 out. 2011.

CHAGAS, Mário de Souza. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 2 - ULHT, Lisboa, Portugal. 1994. Disponível em: <<http://www.mestrado-museologia.net/mchagas.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2011

_____. Casas e portas da memória e do patrimônio. **Em Questão**, v.13, n.2. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/viewArticle/2980/2033>>. Acesso em: 11 out. 2011.

_____. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Argos: Chapecó, 2006.

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA. Departamento de Ciências da Informação. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Disponível em: <www.ufrgs.br/coperse/servicos/museologia.doc>. Acesso em: 06 out. 2001.

CONSELHO POPULAR DA LOMBA DO PINHEIRO. **Lomba do Pinheiro inaugura museu de rua**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://cplombadopinheiro.blogspot.com/2010/04/lomba-do-pinheiro-inaugura-museu-de-rua.html>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

_____. **Parceria entre SMED e CEDUC avança sobre o Ensino Médio noturno na Lomba do Pinheiro**. Porto Alegre, RS. 2011a. Disponível em: <<http://cplombadopinheiro.blogspot.com/2011/09/parceria-entre-smed-e-seduc-avanca.html>>. Acesso em: 27 out. 2011.

_____. **Vila contará com três quebra-molas**. Porto Alegre, 2011b. Disponível em: <<http://cplombadopinheiro.blogspot.com/2011/10/vila-mapa-contara-com-tres-quebra-molas.html>>. Acesso em: 27 out. 2011.

CRUZ, Luiz. Museus do Brasil. **Revista de História**. Rio de Janeiro, jun. 2011. Seções. Artigos. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/museus-do-brasil>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

CURY, Marília Xavier. O olhar do turista sobre os museus e o patrimônio. **Revista Museu**, Edição brasileira, 2009. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=19906>>. Acesso em: 07 nov. 2011.

DALLA ZEN. Ana Maria. Museu de Rua, inclusão e harmonia social: reflexões em torno de uma metodologia para museus comunitários. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA. FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, 2.,, **Actas**, 2010. Buenos Aires, Argentina.

DALLA ZEN. Ana Maria. DEUS, Sandra de. SILVA, Cláudia Feijó da. Programa de Extensão Universitária. **Programa Lomba do Pinheiro**: Memória, Informação e Cidadania. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=27026>. Acesso em: 10 nov. 2011.

DALLA ZEN. Ana Maria; FERNANDES, Aline Portela. **Museus de Rua**: planejamento e expografia. SALÃO EXTENSÃO, 11., Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, RS. 2010. Disponível em: <http://paginas.ufrgs.br/salaodeextensao/programacao/programacao-por-modalidade/sessoes-coordenadas-2/sessoes-coordenadas-1/sessao_7.pdf/view?searchterm=cinema>. Acesso em: 29 out. 2011.

DALLA ZEN. Ana Maria; SILVA, Claudia Feijó da; MINUZZO, David Kura. **A preservação do patrimônio imaterial da comunidade do bairro Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS**: as pessoas e suas histórias de vida. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA. FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, 1.,, **Actas**, v. 2, p.82-92. Porto, Portugal. 2009. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8110.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

ECOMUSEU QUARTEIRÃO CULTURAL DO MATADOURO. Santa Cruz, 2004. Disponível em: <www.quarteirao.com.br>. Acesso em: out. 2011.

ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1., **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. UNB, Brasília, DF 1987. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2011.

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO. **Museologia**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/museologia.htm>>. Acesso em: 23 set. 2011.

FONTOURA, Ana Elisa Sparano. **Participação, territorialização e identidade na periferia de Porto Alegre**: estudo de caso comparativo na Lomba do Pinheiro. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/7367>>. Acesso em: 18 out. 2011.

FRANCO, Maria Ignez Mantovani. A experiência turística no próprio *lócus*. **Revista Museu**, Edição brasileira, 2009. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=19862>>. Acesso em: 07 nov. 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Cortez: São Paulo, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 1996.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio**: Museu de Arte e Escola Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000, 157 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/upload/monografias/resenha_262.pdf>. Acesso em: 11 out. 2011.

GROPPO, L. A. **Comunidade, sociedade e integração sistêmica**. 2005 (Relatório de Pesquisa). Disponível em: <http://www.educadoressociais.com.br/artigos/comunidade_sociedade_e_integracao_sistematica.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IBERMUSEUS. **Declaração da Cidade de Salvador**. ENCONTRO IBERO-AMERICANO DE MUSEUS, 1., jun. 2007, Salvador, 2007, 56p. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2010/02/DeclaracaoSalvador.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2011.

ICOM, International Council of Museums. **Código de ética para Museus**, 2009. Disponível em: <http://www.icom.org.br/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf>. Acesso em 09 out. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Mulheres, Museus e Memórias**, 2011a. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/noticias/mulheres-museus-e-memorias-e-o-tema-da-5-primavera-dos-museus/>>. Acesso em: 15 out. 2011.

_____. Programa **Pontos de Memória**, 2011b. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/programa-pontos-de-memoria/>>. Acesso em: 06 set. 2011.

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. **O conceito de museu comunitário**: história vivida ou memória para transformar a história? CONFERENCIA NACIONAL DE LA ASOCIACIÓN NACIONAL DE ARTES Y CULTURA LATINAS. Kansas City, Missouri, EUA. 2004. (Tradução: Odalice M. Priosti - Maio de 2008). Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/pdf/5.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2011.

LIMA, A. G. **Cronologia da História do Rio-grandense**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

MASCHIETTO, Carmem Cecília Trovatto. **Um povo só preserva aquilo que ama. Um povo só ama aquilo que conhece**. Instituto Cultural Olwaldo Galotti, São José do Rio Pardo, 2011. Disponível em: <<http://www.oswaldogalotti.com.br/materias/read.asp?Id=1382&Secao=101>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

MATTOS, Yara. A dança das musas com Apolo ou a relação entre museu, patrimônio, lazer e viagens. **Revista Museu**, 2009. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=19800>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

_____. **Ecomuseu da Serra de Ouro Preto recebe Varine**. Abracaldabra. Ouro Preto, 2011a. Disponível em: <<http://abracaldabra.blogspot.com/>>. Acesso em: 03 nov. 2011.

_____. In: Pró-Reitoria de Graduação. Universidade Federal de Ouro Preto. **Museologia**. Ouro Preto, 2011b. Disponível em: <http://www.prograd.ufop.br/index.php?option=com_content&task=view&id=108&Itemid=54>. Acesso em: 25 out. 2011.

MATTOS, Yara; MATTOS, Ione. **Abracaldabra**: Uma aventura afetivo-cognitiva na relação museu-educação. UFOP: Ouro Preto, 2010.

MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e educação para o patrimônio. **Educação em Revista**, n.47, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982008000100009>>. Acesso em: 09 out. 2011.

MENEZES, Ulpiano T. B. O museu e o problema do conhecimento. In: Fundação Casa de Rui Barbosa. **Anais... SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS: PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO**, 4., Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=BibObPub&pasta=Anais&pesq=>>>. Acesso em: 04 out. 2011.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Sistema Brasileiro De Museus. **Definições de Museu**, [2011?]. Disponível em:

<http://www.museus.gov.br/sbm/oqueemuseu_museusdemu.htm>. Acesso em 09 out. 2011.

MISSÃO do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro. Porto Alegre, 2005. [Não publicado].

MOREIRA, José Manuel G., O Museu que se vive (ou o que é a nova museologia). **Jornal de Letras**, n.176, 19 a 25 nov. 1985. Disponível em: <<http://www.minom-icom.net/signud/DOC%20PDF/198503903.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2011.

MUSEOLOGIA.PORTO: aprendizagens coleções criatividade cumplicidades democracia museologia **Seminário Iberoamericano de Investigación en Museología (Siam)**, 2011. Disponível em: <<http://museologiaporto.ning.com/group/seminariodeinvestigaoemmuseologiadospasesdelnguapor/forum/topics/iii-seminario-iberoamericano>>. Acesso em: 12 out. 2011.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1993.

OBERRATHER, Andréa; PEGORARO, Denise Bonat. A regularização fundiária no contexto da operação urbana consorciada Lomba do Pinheiro. In: CONGRESSO DE DIREITO URBANÍSTICO, 4., 2006, São Paulo. **Paper...** Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.ibdu.org.br/imagens/operacao_urbana.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

OBSERVAPOA: Observatório da cidade de Porto Alegre. **História do bairro Lomba do Pinheiro**, [20--]. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/default.php?p_bairro=135&hist=1&p_sistema=S>. Acesso em: 15 out. 2011.

OJEDA, Janine. Homem e realidade: o processo embrionário da criação dos museus. **Revista Museu**, 2010 Artigos. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1111>. Acesso em: 04 out. 2011.

OLIVEIRA, Claudia Hochheim. Qual é o Papel da Extensão Universitária? Algumas Reflexões Acerca da Relação entre Universidade, Políticas Públicas e Sociedade. **Anais...** Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2., Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao15.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2011.

PEREIRA, Welington. et. al. **Manejo e controle da Tiririca**. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, [20--]. Disponível em: <<http://www.cnph.embrapa.br/public/folders/foltiri.html>>. Acesso em: 14 out. 2011.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. Brasil, 2000/2001. Disponível em: <http://proex.epm.br/projetossociais/renex/plano_nacional.htm>. Acesso em: 01 out. 2011.

POSSAMAI, Zita R. Museu na cidade: um agente de mudança social e desenvolvimento? **Revista Museologia e Patrimônio**, v.3 n.2, jul/dez 2010a. Disponível

em:<<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/92/133>>. Acesso em: 29 set. 2011.

POSSAMAI, Zita. R.; FEIJÓ, C. The Youth, the Museum and Affirmative Action in Brazil. In: **Museums for Social Harmony: Public Education and Museums**, 2011, Shanghai. **Museums for Social Harmony: Public Education and Museums**. Guangzhou : Jinan University Press, 2010b. p. 49-53.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Comunicação Social. **DMAE abastece loteamentos irregulares**. Porto Alegre, 2007a. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=70110&p_secao=3&di=2007-01-04>. Acesso em: 04 nov. 2011.

_____. Orçamento Participativo. **Histórico do Orçamento Participativo**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/op/default.php?p_secao=1>. Acesso em: 07 dez. 2011.

_____. Educação. **Creches Conveniadas**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/default.php?reg=5&p_secao=24>. Acesso em: 16 out. 2011.

_____. **Mapas e Indicadores das Vulnerabilidades Sociais**, 2007b. Disponível em:<http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/mapas_e_indicadores_vulnerab_social_fasc_suas.pdf>. Acesso em: 08 out. 2011.

_____. Secretária Municipal da Cultura. Centro de pesquisa histórica. **Breve história de Porto Alegre**. Porto Alegre, [2011?]. Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_de_porto_alegre.pdf>. Acesso em: 19 out. 2011.

_____. Secretária Municipal do Planejamento. **Bairros Oficiais**. Porto Alegre, [2011?]a. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=42&p_secao=131>. Acesso em: 21 out. 2011

_____. Secretaria Municipal de Saúde. Plano Municipal de Saúde 2010/2013. Cenário de determinantes da população. **Aspectos socioeconômicos**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/sms/usu_doc/pms.pdf>. Acesso em: 26 out. 2011.

PRÊMIO CULTURA VIVA. 2. ed., 2006, 19 p. Disponível em: <<http://www.premioculturaviva.org.br/download/semifinalistas.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2011.

PRIMO, Judite S. (Org.). **Museologia e Património**: documentos fundamentais. Organização e Apresentação, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 1999b. v.1, 268 p.

_____. Pensar contemporaneamente a museologia. **Cadernos de SócioMuseologia**, n. 15 e 16, 1999a. Disponível em: <<http://www.mestrado-Museologia.net/juditeprimo.htm>>. Acesso em: 09 out. 2011.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos. Departamento de Arquivo Público. **Produzindo História a partir de fontes primárias**. MOSTRA DE PESQUISA, 6. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.apers.rs.gov.br/arquivos/1226432818.VI_Mostra_Publicacao_.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Condições sociais da dupla ruptura epistemológica**. Introdução a uma Ciência Pós-Moderna. Graal: Rio de Janeiro, 1989a.

_____. Da idéia de Universidade a universidade de idéias. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 27 e 28, jun. 1989b. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. Coimbra, Portugal. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/92_Da%20ideia%20de%20universidad e_RCCS27-28.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2011.

_____. In: **Autores e Citações**: Bleger, Boaventura, Damásio, Enriquez. 2006. Disponível em: <<http://www.verarita.psc.br/portugues.php?id=autocita2>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

_____. In: Plano Nacional de Extensão Universitária. Edição Atualizada. Brasil, 2000/2001. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC. Disponível em: <<http://www20.fcm.unicamp.br/extensao/arquivos/pne.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2011.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. A Formação do Museólogo e o Seu Campo de Atuação. **Cadernos de SocioMuseologia**, n. 18. Lisboa, Portugal. Centro de Estudos de SocioMuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Cap.VI, 2002. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/36>>. Acesso em: 08 out. 2011.

_____. **Museu e Comunidade**: uma relação possível. REUNIÃO ANUAL DO INSTITUTO BIOLÓGICO, 13., 2000. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/pdf/13.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Os conflitos entre natureza e cultura na implementação do Ecomuseu Ilha Grande. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.12, p.381-382., 2005a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/19.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2011.

SANTOS, Vânia Carvalho Rõla. **Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte, 2005b. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/VALA-6KFNJ2/1/mestrado___vania_carvalho_r_la_santos.pdf>. Acesso em: 29 set. 2011.

SCHEINER, Tereza. Entrevista: O Brasil está na vanguarda da pesquisa em Museologia. Beira do Rio. **Jornal da Universidade Federal do Pará**, Belém, 2011. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/beiradorio/novo/index.php/2010/113-edicao-83-maio/1048-qo-brasil-esta-na-vanguarda-da-pesquisa-em-museologiaq->>. Acesso em: 25 out. 2011.

_____. **Museologia, globalismo e diversidade cultural.** ENCONTRO REGIONAL DO ICOFOM LAN, 7., México, 1998. In: Apostila de Museologia 3, Rio de Janeiro, 2005.

SEMEDO, Alice; FERREIRA, Inês. Museus e Museologia: desafios para a construção de territórios colaborativos. **Revista de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Série I, v. 21, 2011, ISSN 0872-3419 (no prelo).

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire.** Grupo de Pesquisa em Extensão Universitária, UFPB, 2008. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 22 set. 2011.

SILVA, Cláudia Feijó da. **Educação para o patrimônio: Uma proposta de aproximação do professor de História ao cotidiano do aluno.** ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 10, Santa Maria, 2010. Disponível em: <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1278292542_ARQUIVO_artigo.ClaudiaFeijo.anpuh-rs.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2012.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. **Grupos domésticos e comportamento de consumo de Porto Alegre no século XIX: o solar Lopo Gonçalves.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Pontifícia Universidade Católica, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 1997. Disponível em: <<http://www.cipedia.com/doc/149446>>. Acesso em: 20 out. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Programa Conexões de Saberes. **Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro.** Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://conexoesufrgs.blogspot.com/2009/05/museu-comunitario-da-lomba-do-pinheiro.html>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

_____. Programa Macacos Urbanos. Instituto de Biociências - Departamento de Zoologia. **Atividades de Educação Ambiental.** 2011a.. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/macacosurbanos/edu_ambiental1.html>. Acesso em: 11 out. 2011.

_____. Pró-reitoria de Graduação. **Programa Conexões de Saberes**. 2011b. Disponível em: <<http://www.prograd.ufrgs.br/deds/teste/programas-e-acoes/programa-conexoes-de-saberes>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

VARINE, Hugues de. O museu comunitário é herético? **ABREMC - Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/pdf/11.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2011.

_____. In: **Ata, 15 abr. 2010**, Câmara Municipal de Porto Alegre. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.camarapoa.rs.gov.br/atas/2010/04/15/030so2slo15abr2010.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

VARINE, H. de; PRIOSTI, Odalice. O Novo Museu das Gentes Brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. **ABREMC - Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários**, Rio de Janeiro, RJ. [20--]. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=10>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

ZEBALLOS, Mabel. **Elo Dourado ou Elo Perdido?** Práticas cotidianas, agência e memória em uma vila da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17671/000721221.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 07 nov. 2011.

APÊNDICE A

Disciplinas do Curso de Museologia

Código	Disciplinas do Curso de Museologia
BIB03209	GESTÃO EM MUSEUS
BIB03060	METOD. DA PESQ. APL. ÀS CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
BIB03211	CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS
BIB03210	SISTEMAS DE INFORM. E DOC. EM MUSEUS
BIB03212	EXPOGRAFIA
BIB03218	MUSEOLOGIA E TEORIA DO OBJETO
BIB02007	MUSEOLOGIA E TURISMO CULTURAL
BIB03215	PROJETO DE CURADORIA EXPOGRÁFICA
BIB02009	COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL - A
BIB02008	COMUNICAÇÃO EM MUSEUS
BIB03216	INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
BIB03217	PRÁTICA DE EXPOSIÇÕES MUSEOLÓGICAS
BIB03227	INTRODUÇÃO AO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
BIB03222	TÓPICOS ESPECIAIS EM MUSEOLOGIA
BIB03223	TÓPICOS ESPECIAIS EM DOC. MUSEOLÓGICA
BIB03082	INFORMAÇÃO E CIDADANIA
BIB03123	ESTUDO DE PÚBLICO EM MUSEUS
XXXXXX	EM MUSEU I
XXXXXX	EM MUSEU II
XXXXXX	ESTÁGIO EM MUSEU III

APÊNDICE B

Professores/Estudantes da UFRGS e Equipe do IPDAE e MCLP/MFR

Professores UFRGS	Estudantes UFRGS
Ana Maria Dalla Zen	Ana Celina Figueira da Silva (Museologia)
Fernando de Freitas Fuão	Anália de Oliveira (Biblioteconomia)*
Iara Conceição Neves	Aline Portella Fernandes (Museologia)*
Ilza Maria Tourinho Girardi	Carla Renata A. de S. Gomes (Museologia)
Marlise Maria Giovanaz	Cidara Loguercio Souza (Museologia)
Valéria Regina Abdalla Farias	Daniela do Amaral da Silva (Museologia)*
Zita Rosane Possamai	David Kura Minuzzo (Museologia)*
	Eliane Muratore (Museologia)
	Jacqueline Martins Frison (Museologia)
	Josemar de Oliveira Moreira (Museologia)
	Jeanice Dias Ramos (Museologia)
	Júlia Agustoni Silva (Museologia)
Equipe do IPDAE e MCLP/MFR	Karina Moreira R. da Silva e Melo (História)
Fátima R. Flores Jardim (Diretora IPDAE)	Letíssia Crestani (Museologia)
Cláudia Feijó da Silva (Coordenador Museu)	Lucas Antônio Morates (Museologia)*
Joel Floriano Domingues (Voluntário)	Luciana Oliveira de Brito (Museologia)
Luiz Miguel L. Machado (Voluntário)	Manuela Garcia Moraes (Museologia)*
Rafael Mendes Dias (Voluntário)	Manolo Silveiro Cachafeiro (Museologia)
	Marcia Isabel T.de Vargas (Museologia)*
	Mariane Virgínia Kravczyk (Museologia)
	Micheli Pereira de Souza (Museologia)
	Paulo Vitor Lopes (Public. e Propaganda)
	Wesley B. Neves (Public. e Propaganda)
	Valesca Henzel Santini (Museologia)
	OBS: * Bolsistas

APÊNDICE C

Produção de Trabalhos a partir do Programa de Extensão

As ações do Programa de Extensão: Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, por meio dos Projetos de Educação para o Patrimônio, História Oral, Museu de Rua e Turismo Comunitário, geraram diversas publicações e apresentações em eventos locais, nacionais e internacionais.

1 Comunicação Oral

DALLA ZEN, Ana Maria; SILVA, Cláudia Feijó da; MINUZZO, David Kura. **A preservação do patrimônio imaterial da comunidade do bairro Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS: as pessoas e suas histórias de vida.** In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 1. - Porto/Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.

_____; SILVA, Cláudia Feijó da; MINUZZO, David Kura. **Museu de Rua, inclusão e harmonia social: reflexões em torno de uma metodologia para museus comunitários.** SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 2. Buenos Aires/Argentina: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

DALLA ZEN, Ana Maria; SILVA, Cláudia Feijó da e outros. **Entre benzeduras, ervas e plantas medicinais: a ação cultural e política das mulheres da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS.** In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 3. Madrid/Espanha: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.

DALLA ZEN, Ana Maria; SILVA, Cláudia Feijó da; MINUZZO, David Kura; MORATES, Lucas Antonio; FERNANDES, Aline Portella. **Lomba do Pinheiro: memória, la información y la ciudadanía.** In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE EXTENSION UNIVERSITÁRIA, 11. Santa Fé/Argentina, 2011.

FERNANDES, Aline Portella; DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Ação Educativa e Cultural em Museus Comunitários: o caso da Lomba do Pinheiro.** In: SALÃO DE EXTENSÃO, 11. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

FERNANDES, Aline Portella; MORATES, Lucas Antonio; MINUZZO, David Kura; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Acción educativa, museos comunitarios e inclusión social: La experiencia del Museo comunitario de Lomba do Pinheiro. Porto Alegre, RS.** In: CONGRESO DE EDUCACIÓN, MUSEOS Y PATRIMONIO: MEMÓRIAS DE HOY, APRENDIZAJES DEL FUTURO, 4. Santiago/Chile, 2011.

MINUZZO, Kura David; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **A Preservação do Patrimônio Imaterial da Comunidade do**

bairro Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS: as pessoas e suas histórias de vida. In: SALÃO DE EXTENSÃO, 10. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

_____; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Lombatur: uma proposta de aproximação da comunidade com o patrimônio do bairro Lomba do Pinheiro.** In: COLÓQUIO DE PESQUISA E ENSINO INTERCURSOS, Porto Alegre: IPA, 2010.

_____; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Lombatur: uma proposta de aproximação da comunidade com o patrimônio do bairro Lomba do Pinheiro.** In: SALÃO DE EXTENSÃO, 11. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

_____; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **O turismo como agente de educação para o patrimônio em periferias urbanas: a experiência da Lomba do Pinheiro.** In: FÓRUM DE MESTRES E CONSELHEIROS, 3. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

_____; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Preservação do Patrimônio Imaterial da Comunidade do Bairro Lomba do Pinheiro, Porto Alegre.** In: FÓRUM ESTADUAL DE MUSEUS, 12. Santa Maria/RS, 2010.

_____; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Preservação do patrimônio imaterial da comunidade do bairro Lomba do Pinheiro: Rodas de Memória.** In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 21. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

_____; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Preservando a memória da comunidade do bairro Lomba do Pinheiro: patrimônio imaterial latente na pessoa comum.** In: SALÃO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA, 5. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MORATES, Lucas Antonio; FERNANDES, Aline Portella; SILVA, MINUZZO, David Kura; Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Lomba do Pinheiro: memória, información y ciudadanía: La recuperación de la memoria como factor de inclusión social en una comunidad periférica. Porto Alegre, RS.** In: CONGRESSO DE EDUCACIÓN, MUSEOS Y PATRIMONIO: MEMÓRIAS DE HOY, APRENDIZAJES DEL FUTURO, 4. Santiago/Chile, 2011.

MORATES, Lucas Antonio; MINUZZO, Kura David; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **O uso de ervas e benzeduras, patrimônio imaterial da comunidade do bairro Lomba do Pinheiro.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 5. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

MORATES, Lucas Antonio; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Rezas e Benzeduras como elementos do patrimônio imaterial da comunidade do bairro Lomba do Pinheiro.** In: SALÃO DE EXTENSÃO, 11. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

VARGAS, Márcia I. T.; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Museu de rua: uma contribuição na valorização das ações das lideranças comunitárias da Lomba do Pinheiro.** In: SALÃO DE INICIAÇÃO, 11. Porto Alegre: PUCRS, 2010.

2 Banners

DALLA ZEN, Ana Maria; SILVA, Cláudia Feijó da; MINUZZO, David Kura; MORATES, Lucas; FERNANDES, Aline Portella. **Acción educativa, museos comunitários e inclusión social: la experiencia del museo comunitário de Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, Brasil.** In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE EXTENSION UNIVERSITÁRIA, 11. Santa Fé, Argentina, 2011.

FERNANDES, Aline Portella; MINUZZO, David Kura; MORATES, Lucas Antonio; MORAES, Manuela Garcia; VARGAS, Márcia Isabel Teixeira de; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); **Um destaque para a Educação no Museu Comunitário Lomba do Pinheiro.** In: SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE, 6. Canoas, RS: Centro Universitário La Salle, 2010.

MINUZZO, David Kura; FERNANDES, Aline Portella; VARGAS, Márcia Isabel Teixeira de; MORATES, Lucas Antonio, SILVA, Cláudia Feijó da (Orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (Orientadora). **Lombatur: uma proposta de aproximação turístico-museal com a comunidade do bairro Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS.** In: SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE, 6. Canoas, RS: Centro Universitário La Salle, 2010.

MORAES, Manuela Garcia; FERNANDES, Aline Portella; MINUZZO, David Kura; MORATES, Lucas Antonio; VARGAS, Márcia Isabel Teixeira de; SILVA, Cláudia Feijó da (Orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Políticas de acervo para museus comunitários: características, funções & redefinições.** In: SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE, 6. Canoas, RS: Centro Universitário La Salle, 2010.

SILVA, Daniela do Amaral da; MORATES, Lucas Antonio; VARGAS, Márcia Isabel Teixeira de; MINUZZO, David Kura; FERNANDES, Aline Portella, SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **Medicina popular, rezas e benzeduras: reflexões em torno de uma prática cultural na Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS.** In: SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE, 6. Canoas, RS: Centro Universitário La Salle, 2010.

VARGAS, Márcia Isabel Teixeira de; MORAES, Manuela Garcia; FERNANDES, Aline Portella; MINUZZO, David Kura; MORATES, Lucas Antonio; SILVA, Cláudia Feijó da (orientadora); DALLA ZEN, Ana Maria (orientadora). **O Museu de Rua a serviço da valorização das ações sociais e da inclusão sócio patrimonial no bairro Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS.** In: SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE, 6. Canoas, RS: Centro Universitário La Salle, 2010.

3 Oficina

DALLA ZEN, Ana Maria. **Museus de Rua: planejamento e expografia** - Porto Alegre/RS. In: SALÃO DE EXTENSÃO UFRGS, 10. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

4 Publicação e Vídeo

DALLA ZEN, Ana Maria; SILVA, Cláudia Feijó da (direção). **Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro: Implantação do Ponto de Memória. Programa Lomba do Pinheiro: memória, informação e cidadania.** Porto Alegre: Departamento de Ciência da Informação, UFRGS, 2010. 1 DVD (aprox. 27min)

DALLA ZEN, Ana Maria; SILVA, Cláudia Feijó (direção); LOPES, Paulo Vitor de Castilhos; BORGES, Wesley (produção). **Museu de rua, inclusão e harmonia social: reflexões em torno de uma metodologia para museus comunitários.** Porto Alegre: Departamento de Ciências da Informação, UFRGS. Porto Alegre, 2010. 1 DVD (4 min. e 46s.)

DALLA ZEN, Ana Maria; SILVA, Cláudia Feijó da; MINUZZO, David Kura. **O turismo como mediador cultural em periferias urbanas: a experiência da Lomba do Pinheiro.** Em *Questão*, v. 17, p. 31-45, 2011.

5 Mapa Catálogo do Ponto de Memória

SILVA, Cláudia Feijó da; TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel; MORATES, Lucas Antonio; FERNANDES, Aline Portella; FIGUEIRÓ, Fernanda Brunetta; LABORIDO, Jeanne Lee Robert; MINUZZO, David Kura; KUSTER, Silmara; SANTOS, Erika; MELO, Mário; MATTOS, Eduino. **Lomba do Pinheiro: Patrimônio Inventariado e Itinerários Culturais.** Porto Alegre: IBRAM/MINC/PRONASCI/OEI, 2011.

APÊNDICE D

Declaração de Cedência de Direitos

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS

Eu,.....

RG:.....CPF:.....

autorizo a utilização da entrevista e imagens que concedi para o Projeto de Pesquisa **Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania: Vozes, Olhares e Expectativas** de seus Agentes e Atores Sociais, incluindo a sua reprodução em suporte papel ou digital. A entrevista foi realizada por David Kura Minuzzo, estudante do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Como gostaria de ser identificado?

Nome completo()

Morador da Lomba do Pinheiro()

Professor de escola da Lomba do Pinheiro()

Estudante de escola da Lomba do Pinheiro()

Acadêmico da UFRGS()

Porto Alegre,..... de de 2011.

APÊNDICE E

Convite Lançamento Museu de Rua

IPDAE – Instituto Popular de Arte-Educação
Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro
FABICO/Departamento de Ciências da Informação – curso Museologia /UFRGS
IFCH/Departamento de História – curso de História /UFRGS
Programa de Extensão Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania



Abertura da Exposição

Museu de Rua Recreio da Divisa **&** ***Colcha “Retalhos da Memória”***

Data: 12/12/2009 (sábado) Horário: 16 horas

Ao lado da Creche Vila Recreio da Divisa – Av. João de Oliveira Remião, parada 15
Lomba do Pinheiro – Porto Alegre

Coordenação: Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen
Profa. Cláudia Feijó da Silva
Executores e Entrevistas

David Kura Minuzzo, Jacqueline Martins Frison, Jeanice Dias Ramos, Júlia Agustoni Silva, Letíssia Crestani, Lucas Antonio Morates, Luciana Oliveira de Britto, Manolo Silveira Cachafeiro, Márcia Teixeira de Vargas, Mariane Virginia Kravczyk, Micheli Pereira de Souza, Rafael Mônico Papageorgiou.

APÊNDICE F

Convites: Roda de Memória Pinheirense F. C.



Convite I Roda de Memória



Convite II Roda de Memória

Fonte: Arquivo Institucional do MCLP/MFR

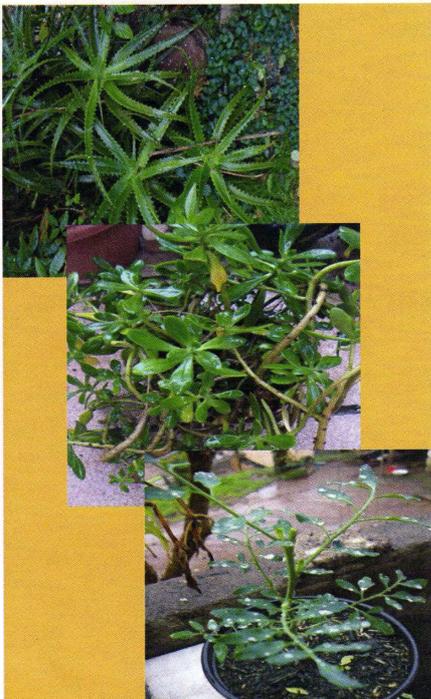
APÊNDICE G

Convite Lançamento Exposição Rodas de Memória: Pinheirense F. C. e Ervas e Benzeduras.



3ª Primavera de Museus
Lançamento da Exposição
26 de Setembro às 14 h

"Futebol no Museu: Pinheirense F. C. sai de campo e conta a sua história"
Programa Memória, Informação e Cidadania - Projeto Rodas de Memória
Realização Museu C. da Lomba do Pinheiro e Curso de Museologia da UFRGS
Av. João de Oliveira Remião, 2874 pd. 06 Lomba do Pinheiro - Porto Alegre RS



O Museu Comunitário Lomba do Pinheiro/Memorial da Família Remião convida para a abertura da exposição:

“Saber Popular: Ervas, Rezas e Benzeduras: Alternativas de saúde”

Data: 21 de maio de 2011
Horário: 16 horas
Local: Estrada João de Oliveira Remião, 2874 – Pda 6 – Lomba do Pinheiro/Porto Alegre



ANEXO A**Programa de Extensão Universitária 2009**

EDITAL Nº 06

Programa de Extensão Universitária
PROEXT 2009 – MEC/SESu/DIFES

***Programa Lomba do Pinheiro, Memória,
Informação e Cidadania***

Profa. Ana Maria Dalla Zen
Coordenador

Profa. Cláudia Feijó da Silva
Supervisora IPDAE

Profa. Sandra de Deus
Pró-Reitora de Extensão

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, junho 2009

1 CARACTERIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O bairro da Lomba do Pinheiro é o oitavo entre os onze descritos como os de mais alta vulnerabilidade social¹⁸ de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Até meados do século XX se constituía numa área rural, voltada à produção agrícola e criação de animais. Porém desde a década de 1950 enfrenta forte processo migratório, tendo se transformado hoje como uma região de maior crescimento populacional da cidade. Em conseqüência, é um dos bairros mais carentes¹⁹ da cidade, com marcado grau de exclusão social em todas as fatias etárias. Atrelada a isso, a auto-estima e o sentido de pertença da comunidade é muito baixo: as pessoas têm vergonha de pertencerem ao bairro e, assim que podem, trocam de endereço.

Para reverter essa situação, em 1998 foi criado o IPDAE – Instituto Popular de Arte e Educação, voltado à construção de alternativas inclusivas para o bairro²⁰, e, com ele, nasceu o Museu da Lomba do Pinheiro. Este, desde sua criação, realiza diferentes linhas de ação cultural, educativa e de comunicação inerentes à sua condição de museu comunitário cujos resultados o transformaram em espaço de referência, apoio e segurança para a comunidade. A fim de ampliar o seu raio de ação, o Museu buscou parcerias com diferentes unidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entre elas, situa-se a presente proposta, de criação do *Programa Lomba do Pinheiro, memória, informação e cidadania*, que reúne o Museu ao o recém criado curso de Museologia. Trata-se de uma iniciativa que prevê, sob a forma de um programa de extensão universitária, a aplicação, no âmbito do Museu, de atividades práticas vinculadas a diferentes disciplinas do currículo do curso de Museologia, voltadas ao alcance de objetivos tanto acadêmicos, quanto comunitários. Desse modo, se constitui numa forma de operacionalização do compromisso social da universidade com o desenvolvimento e inclusão social e cultural das periferias urbanas. Ao permitir a integração entre o ensino e a extensão

¹⁸ Todas as informações referentes aos indicadores sociais do bairro da Lomba do Pinheiro foram retiradas dos mapas e indicadores das vulnerabilidades sociais da Prefeitura de Porto Alegre de 2007. Ver em: Porto Alegre. Prefeitura Municipal. Gabinete do Prefeito. Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC). *Mapas da inclusão e exclusão social de Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/ Gabinete do Prefeito/ Secretaria do Planejamento Municipal, junho/2007.

¹⁹ Dos chefes de família do bairro, 54% são considerados em condição de pobreza, sendo que mais de 50% destes não possuem nível educacional básico.

²⁰ O Museu, junto com a Biblioteca Leverdógil de Freitas e pelo Memorial da Família Remião, constituem o IPDAE – Instituto Popular de Arte-Educação é uma instituição sem fins lucrativos declarada de utilidade pública Municipal, Estadual e Federal, criada em abril de 1998, com o objetivo de propor alternativas que permitam o acesso à leitura, à música, à arte, à cultura e à História como instrumentos de formação e de transformação individual e social para a Lomba do Pinheiro.

numa ação comunitária, se constitui na primeira oportunidade para que os alunos do recém criado curso de Museologia²¹ possam estabelecer as necessárias relações entre o ensino teórico de sala de aula com a o cotidiano de um museu comunitário. Para o Museu, o curso de Museologia, poderá contribuir para a atualização teórica e metodológica da equipe de recursos humanos que atuam no Museu, entre os quais ainda não há um museólogo atuando. Portanto, o Programa se constituirá num permanente fórum de provocação e de debate, pautada pelo compromisso dos museus com o desenvolvimento e mudança social do País, base em que se sedimenta a Política Nacional dos Museus (MINC, doc.eletrônico) com o desenvolvimento social do País. Através dessa parceria, ambas as instituições colaborarão na construção coletiva de alternativas mais inclusivas para a comunidade, como expressa o título do Programa.

Dentro daquele documento, os museus comunitários passaram a ter a função social como pedra basilar de suas ações. A noção de patrimônio para essas instituições é tudo que cerca a comunidade, o local, não mais a coleção de objetos e sim o território da comunidade, suas culturas, suas trajetórias, suas memórias. O conceito de acervo, por sua vez, foi substancialmente modificado, uma vez que abrange muito mais do que os objetos reunidos em seu prédio. Muito mais do que isso, os museus comunitários passaram a ser considerados espaços de memória das comunidades a que se referem, e, em conseqüência, são produtos de uma construção coletiva, que leva em conta as expectativas da comunidade. Desse modo, as aspirações e interesses comunitários devem ser adequados às funções, objetivos e atividades das instituições. No Programa, foram previstas ações específicas para a comunidade da Lomba, devendo se constituir no espaço adequado para a construção coletiva de alternativas de inclusão social em que as subjetividades, as aspirações, as motivações e as histórias de vida se convertam nos elos de ligação, encadeamento, inclusão e pertencimento.

O *Programa* tem seu suporte teórico nos conceitos da Nova Museologia (VARINE, 2000), e de patrimônio cultural que passo a considerar como tal o conjunto de todas as expressões materiais, imateriais e espirituais que caracterizam uma nação, região ou comunidade. As expressões materiais referem-se a elementos concretos, enquanto as imateriais e espirituais incluem o intangível e o impossível de

²¹ O curso de graduação em Museologia da UFRGS está em funcionamento desde março de 2008.

ser tocados fisicamente, tais como os saberes, fazeres e as celebrações (PRIMO, 1999; 2000).

O material possui historicidade, significado e simbologia que se constituem no plano do intangível. Assim, o material e imaterial estão sempre interligados. Por outro lado, quando se fala em cultura, não se pensa apenas nas representações antrópicas, mas também no meio ambiente em que a vida humana acontece. O patrimônio cultural, nesse sentido, refere-se também o patrimônio natural da humanidade, o que, no caso da Lomba do Pinheiro, se constitui na problemática de uma extensa área degradada, com prejuízo para todas as formas de vida lá existentes, além das condições de marginalização humana.

2 OBJETIVOS E METAS

A qualidade das atividades e metodologias propostas neste Programa vinculam-se especificamente ao alcance dos objetivos e metas abaixo relacionados.

2.1 Objetivo Geral

Propor atividades de ação cultural e educativa no Museu que, através da recuperação da memória social da comunidade e das histórias de vida individual dos moradores, incentivem à formação do sentimento de pertencimento, a valorização da auto-estima, e, assim, revertam os índices de exclusão social, cultural e econômica entre os moradores e que recuperem a imagem do próprio bairro.

2.2 Objetivos Específicos

- 2.2.1 Resgatar, através da realização de Rodas de Memória, as trajetórias pessoais, culturais, sociais e históricas do bairro, reunindo pessoas que participaram ativamente da comunidade em vilas, associações, clubes, escolas etc., para relatar memórias, estimuladas por mediadores e pelas lembranças dos demais membros do grupo.
- 2.2.2 Promover ações socioeducativas voltadas à conservação da biodiversidade e dos processos ecológicos na natureza, através da problematização do processo de ocupação e seus impactos, que levem à discussão sobre a importância da preservação da flora e da fauna natural do bairro, de Porto Alegre, bem como de todas as formas de vida no planeta.
- 2.2.3 Estabelecer processos de comunicação entre o Museu e a comunidade que possam fornecer as condições necessárias para que as pessoas que fazem parte da Lomba do Pinheiro possam se conhecer e serem conhecidos, bem como saber que fazem parte de um fato museal.

- 2.2.4 Qualificar os professores da rede pública de ensino para a inserção de princípios e fundamentos de educação patrimonial em sala de aula, em especial tópicos relativos à própria comunidade.
- 2.2.5 Qualificar moradores do bairro para atuarem como mediadores do processo turístico museal, na função de oficinairos em educação patrimonial, ambiental e guias do turismo no bairro.
- 2.2.6 Propor ações de planejamento urbano que qualifiquem as condições de habitabilidade das moradias e de uso dos espaços públicos, escolas, praças, ruas, que incentivem, na prática, à formação do sentimento de pertencimento, a valorização da auto-estima, e, assim, revertam os índices de exclusão social, cultural e econômica entre os moradores e que recuperem a imagem do próprio bairro.

2.3 Metas

OBJETIVOS	METAS
Resgatar as trajetórias pessoais, culturais, sociais e históricas do bairro, reunindo pessoas que participaram ativamente da comunidade em vilas, associações, clubes, escolas ou outras, para relatar memórias, incentivadas por mediadores e pelos demais membros que participam do grupo.	Realização de doze encontros reunindo de dez a quinze pessoas da comunidade em cada um, sob a forma de Rodas de Memória, para registro de seus depoimentos, a serem documentados em vídeo e fotografia, para produção de um documentário, e duas exposições, uma no Museu e outra itinerante.
Promover ações sócio-educativas, voltadas à conservação da biodiversidade e dos processos ecológicos da natureza, através da problematização do processo de ocupação e seus impactos, que levem à discussão sobre a importância da preservação da flora e da fauna nativas do bairro, e de todas as formas de vida no planeta.	Oferecimento de Trilha ecológica interpretativa do Bugio, dinâmicas com jogos pedagógicos, exibição de filmes, visita guiada a exposição temática da fauna e flora nativas para demonstração dos processos de ocupação e urbanização do bairro. Serão agendados grupos de até dez pessoas uma vez por semana. Realização de um curso de extensão em Educação Ambiental para os professores da Rede Pública, com 40 vagas, duração de 40 horas/aula.
Estabelecer processos de comunicação entre o Museu e a comunidade que possam fornecer as condições necessárias para que as pessoas que fazem parte da Lomba do Pinheiro possam se conhecer e serem conhecidos, bem como saber que fazem parte de um fato museal.	Realização de quatro oficinas de jornalismo, para capacitar até 40 participantes cada uma, para elaboração de notícias e reportagens, registros fotográficos, para produção de um jornal mural com tiragem bimestral, a ser colado nas paredes de escolas, bares, igrejas e outros locais públicos.
Qualificar os professores da rede pública de ensino para a inserção de princípios e fundamentos de educação patrimonial em sala de aula, em especial tópicos relativos à própria comunidade.	Realização semestral de oficinas com 30 vagas para qualificação em Educação Patrimonial de professores da rede pública de ensino, abordando tópicos especiais referentes a história do bairro, das escolas onde atuam e educação ambiental.
Qualificar moradores do bairro para atuarem como mediadores do processo turístico museal, na função de oficinairos em educação patrimonial, ambiental e guias do turismo no bairro.	Curso de formação de monitores com duração de 212h/a para 20 moradores do bairro, sendo 20% das vagas destinadas a colaboradores maiores de 65 anos.
Propor ações de planejamento urbano que qualifiquem as condições de habitabilidade das moradias e de uso dos espaços, que incentivem, na prática, à formação do sentimento de pertencimento, a valorização da auto-estima, e, assim, revertam os índices de exclusão social, cultural e econômica entre os moradores e que recuperem a imagem do próprio bairro.	Realização de dois seminários de planejamento comunitário, para elaboração de um projeto de requalificação do espaço urbano edificado do bairro, a partir de propostas feitas por alunos do curso de Arquitetura da UFRGS para adequação das condições de habitabilidade das moradias, escolas e vias de acesso das vilas que se integrarem às ações propostas pelo Programa.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos a serem utilizados para a implementação do Programa incluem as estratégias didáticas propostas por diferentes disciplinas do curso de Museologia da UFRGS, tais como Turismo e Museus, Metodologia da Pesquisa Aplicada às Ciências da Informação, Expografia, Tópicos Especiais em Museologia: Museus Comunitários, Tópicos Especiais em Museologia: Prática de pesquisa em Museologia, Informação e Memória Social e Introdução à Ecologia. Além disso, contará com a participação de professores e alunos de Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Comunicação e Biologia²², em função do caráter interdisciplinar das ações e dos objetivos aqui propostos.

3.1 Rodas de memória

Entrevistas com antigos moradores do bairro, sob a forma de grupo focal, utilizando-se a metodologia da história oral para recuperar as memórias individuais e coletivas da Lomba do Pinheiro. Com esta ação, o Museu pretende se constituir num espaço de preservação da cultura imaterial da comunidade, ao reunir as narrativas orais dos sujeitos, em torno dos fazeres, história, casos, festas e demais formas de representação da cultura e imaginário local, integrando memória e identidade.

3.2 Trilha do bugio

Trilha dentro da mata que faz parte do Museu, transformada em rota de turismo ecológico. Será precedida de visita à exposição temática sobre o macaco bugio ruivo (*Alouatta clamitans*), primata endêmico da Mata Atlântica, muito comum nas matas da região, localmente ameaçado de extinção. Durante a trilha, os monitores que fazem intervenções em 5 locais para observação e reconhecimento de animais, árvores, plantas, arroio intacto e arroio poluído, desmatamento, invasão urbana etc.

3.3 Olhares da Lomba

Oferecimento, como produto turístico museal, de um passeio onde serão identificados os principais pontos de interesse histórico e cultural da cidade de Porto

²² Os nomes dos referidos docentes e alunos constam da equipe de trabalho de cada uma das ações.

Alegre e Lomba do Pinheiro, acompanhada de um guia/monitor. Será precedido de uma visita ao museu, onde será feita uma apresentação da história do bairro. Na Lomba, o passeio incluirá a histórica fazenda do Boqueirão ou popularmente chamada de Senzala, aldeias indígenas, barragem Lomba do Sabão, Parque Saint´Hillaire entre outros.

3.4 Museu na rua

O Museu oferecerá a oportunidade para que famílias, grupos, associações ou pessoas da comunidade organizem suas narrativas e as transformem em exposição, documentário ou outro produto gráfico-visual adequado, a partir da reunião de fotografias e documentos pessoais, desde que se evidencie parte da história do bairro/comunidade através daquilo que foi reunido. Serão disponibilizadas pelo Museu as tecnologias para a montagem de museus de rua, bem como noções básicas de expografia, para que a própria comunidade possa organizar e divulgar a sua memória.

3.5 Educação patrimonial

Atividade a ser realizada em três etapas voltada aos professores das escolas do bairro, com ênfase ao conceito de patrimônio como a totalidade dos bens culturais e ambientais herdados pela Humanidade: a) qualificação dos professores em Educação Patrimonial; b) oficinas com objetos, documentos, mapas, desenhos, mini-textos, jogos pedagógicos, entre outros; c) Visita dos professores e alunos ao Museu, trilha ecológica, contação de histórias e visita guiada à exposição temática sobre o bugio-ruivo; d) oficina de produção para os alunos produção (desenho, texto, teatro de fantoches etc.), cujos trabalhos ficarão expostos no Museu.

3.6 A Voz da Lomba

Produção de programas de rádio, pela própria comunidade, veiculadas pela Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, divulgando memórias dos moradores reunidas através das Rodas de Memória ou entrevistas. O programa será aberto para perguntas e intervenções de ouvintes, via telefone, para que se crie uma dinâmica de troca de informações e saberes populares.

3.7 O Museu no espaço

Espaço virtual a ser criado pela própria comunidade com auxílio de monitores do museu, acompanhado de oficinas de produção textual para estimular a escrita e produção própria. Além das informações referentes à história e culturas do bairro, todo o acervo deverá ser digitalizado e colocado à disposição em *dvd*. Sendo interativo, o museu virtual permitirá que os moradores participem incluindo documentos, fotografias, relatos pessoais, descrevendo casos e lendas locais, receitas culinárias e fitoterápicas, entre outras.

3.9 O Ronco do Bugio

O Museu promoverá mensalmente uma oficina de reciclagem de papel. O produto das oficinas servirá de suporte para a elaboração de um jornal mural, de tiragens bimestrais, que será afixado em espaços de grande circulação, como bares, supermercados, farmácias, postos de saúde, escolas, associações de moradores etc. O título do jornal é uma homenagem ao som emitido pelo bugio, macaco muito comum na região, ameaçado de extinção. O projeto oferecerá à comunidade oficinas de jornal para que jovens e adultos interessados possam divulgar fatos que considerem de interesse de todos os moradores.

3.10 Lomba do bem viver

Planejamento participativo, através de seminários públicos, para a identificação de problemas de ocupação inadequada de espaços públicos e privados, busca de alternativas para a sua solução implementação de propostas para sua solução. As modificações serão propostas através de projetos de alunos do curso de Arquitetura, que se responsabilizarão pelo seu acompanhamento e avaliação.

4 RESULTADOS ESPERADOS

Os resultados esperados referem-se à Universidade, de um lado, e à comunidade de outro. Em relação ao curso de Museologia, relacionam-se diretamente à integração de seu currículo com as práticas cotidianas de um museu comunitário. Ao participarem do Programa, os alunos terão oportunidade de

vivenciarem a realidade de um museu comunitário, em ações planejadas dentro das disciplinas de Introdução à Ecologia, Expografia, Metodologia da Pesquisa em Ciências da Informação, Tópicos Especiais em Museologia: Museus Comunitários, entre outras.

Quanto à comunidade, pretende-se através da parceria entre o Museu e a UFRGS, que sejam criadas, por meio de um planejamento participativo, possibilidades para que a comunidade se (re)aproprie de sua própria história, lugares, objetos. As atividades de ação cultural e educativa, realizadas, na perspectiva da Educação Patrimonial e Ambiental, permitirão que a comunidade se reconheça e passe a pensar na transformação do lugar que habita. Acredita-se que a metodologia e os recursos pedagógicos e museais utilizados poderão incentivar as pessoas a se darem conta de quanto é importante a preservação de seu patrimônio para a própria existência de cada uma enquanto cidadã. Outro resultado prático será permitir que os professores da rede pública de ensino se convertam, eles próprios, em multiplicadores das propostas do Programa, dentro e fora da sala de aula, uma vez que eles são as referências em que grande parte das pessoas se espelha na construção de seu cotidiano.

Ao valorizar a história local, realçar o passado rural, identificar atores que se destacaram na construção do bairro, o Programa pretende problematizar as atuais relações do homem com o meio ambiente, usando como recurso a própria área verde que existe no espaço interno do terreno do Museu. Na perspectiva acadêmica, os alunos terão vivenciado na prática os conteúdos das diferentes disciplinas envolvidas, cursadas já a partir da primeira etapa do curso, como é o caso de Introdução à Ecologia. O projeto pode proporcionar um melhor entendimento das pessoas do bairro quanto à permanência no local chamado bairro da Lomba do Pinheiro, pois, através da História, os indivíduos podem avaliar de forma diferenciada, mais crítica, as suas experiências de vida no espaço.

Um dos maiores problemas do bairro é o desmatamento e a falta de respeito aos recursos da natureza. É que, paradoxalmente, trata-se um dos espaços mais arborizados da cidade. Ao valorizar a história local, enfatizar o passado rural, identificar atores que se destacaram na construção do bairro, este projeto pretende problematizar as atuais relações do homem com o meio ambiente, usando como recurso a própria área verde que existe no espaço interno do terreno do Museu. Na

perspectiva acadêmica, os alunos terão vivenciado na prática os conteúdos das disciplinas de Introdução à Ecologia e Serviços da Natureza, cursadas já na primeira etapa do curso.

Outro resultado importante a ser atingido é a de realçar a importância do papel da participação ativa da população na reivindicação de melhor infra-estrutura social, já que uma das características do bairro foi e é, a organização comunitária. Nesse sentido, o bairro foi prioritário, uma vez que nasceu dentro dele, na década de 1950, uma das primeiras Associações Comunitárias de bairro da cidade de Porto Alegre, e que deu origem à criação do Museu.

O Museu Comunitário poderá também através do projeto, destacar alguns espaços e histórias do bairro, que até mesmo os próprios moradores possam desconhecer. Dessa forma valorizamos o local, e com essa valorização acreditamos que as pessoas possam sentir-se incentivadas a qualificá-lo, na construção de um lugar ideal para suas vidas. Assim a memória deixa de atuar apenas no passado, passa a atuar também no presente, como um recurso pedagógico para a construção do futuro de uma comunidade, ou bairro.

Nas seguintes considerações finais, reúnem-se os produtos intelectuais referentes a este Programa:

- a) as reflexões teóricas em torno das práticas realizadas serão divulgadas em artigos científicos a serem apresentados em eventos científicos. Um primeiro trabalho foi apresentado pelo aluno David Kura Minuzzo no Salão de Extensão da UFRGS, em torno da experiência das Rodas de Memória de que participou, reunindo jogadores de um time de futebol da década de 50, muito popular na época. Além disso, foi selecionado um trabalho para participar do Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, a realizar-se na cidade do Porto, Portugal, em outubro de 2009;
- b) como se trata de um programa de extensão, prevê-se que seja permanente. Portanto, novas disciplinas, professores e ações de extensão poderão ser a ele agregadas a qualquer tempo;
- c) o relato da experiência será objeto de uma dissertação de mestrado, a ser defendida pela Profa. Cláudia Feijó da Silva, Supervisora do Programa;

- d) incluir no currículo da rede pública de ensino a metodologia de educação patrimonial e as experiências pedagógicas de educação ambiental vivenciadas no Programa.

Desse modo, a equipe envolvida no Programa acredita contribuir para tornar mais efetivas as ações pedagógicas necessárias para atendimento às diretrizes curriculares do curso de Museologia da UFRGS, ao envolvê-las num programa de ação comunitária que é, a um só tempo, uma proposta integrada de ensino, pesquisa e extensão universitária, tendo como foco o tripé *memória, informação e cidadania*. E que, mais uma vez, pretende colaborar para a atuação da UFRGS, enquanto universidade pública, em ações voltadas à criação de novas perspectivas de vida em comunidade, calcadas numa proposta de desenvolvimento sustentável, solidariedade e inclusão social, dentro de um museu comunitário de bairro de periferia.

5 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

A avaliação pelo público será realizada através de entrevistas informais, que serão realizadas aleatoriamente durante a realização das atividades. Como os processos de comunicação entre o Museu e a comunidade o permitem, as entrevistas para avaliação serão registradas em vídeo e posteriormente reunidas num documentário.

A equipe de execução fará uma avaliação permanente das atividades, através da realização de seminários mensais para avaliação do resultado das atividades do período, correção dos rumos, e tomada das medidas necessárias, quando for o caso. Os resultados deverão ser registrados sob a forma de um relatório técnico e divulgados em eventos acadêmicos.

6 INFRAESTRUTURA

A infra-estrutura disponível para o projeto consiste nas instalações do Museu da Lomba do Pinheiro (duas salas para exposições temporárias, sala para reuniões com capacidade de 30 pessoas, trilha ecológica interpretativa), seus equipamentos e instalações. A UFRGS disponibilizará ônibus para a realização das atividades, desde que ressarcida do combustível, equipamentos para as filmagens e documentação das atividades.

Os laboratórios e equipamentos da Universidade e do Museu ficarão à disposição do Programa, para serem utilizados no que for necessário para implementação das ações previstas. As atividades vinculadas ao Programa serão integradas aos planos de trabalho dos docentes envolvidos, bem como se converterão em créditos complementares para os alunos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: Documentos e Depoimentos**. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995

BRASIL. IPHAN. Departamento de Museus. **Política Nacional dos Museus** <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/11/27/politica-nacional-de-museus-4/>>. Acesso em: 19 jun. 2009.

PRIMO, J. S. (Org.). **Museologia e Patrimônio: documentos fundamentais**. Organização e Apresentação. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 1999. v. 1. 268 p.

_____. **Museus Locais e Ecomuseologia: Estudos do Projecto para o Ecomuseu da Murtosa** - 2000. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2008. v. 1. 246 p.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Museu e Educação: Conceitos e Métodos. In: **Encontros Museológico – reflexões sobre a Museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008, p. 125 – 146.

VARINE, Hughes de. A Nova Museologia: ficção ou realidade. In: **Museologia Social**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2000. p. 21-33.

ANEXO B

**Estatuto Social da ONG: Instituto Popular Arte-Educação, mantenedora do
MCLP/MFR**



Instituto Popular de Arte-Educação

ESTATUTO SOCIAL

CAPÍTULO I

DO IPDAE

SEÇÃO I

DENOMINAÇÃO, SEDE, FORO, PRAZO, NATUREZA E MISSÃO



Art. 1º – O Instituto Popular de Arte-Educação, doravante denominado IPDAE, fundado em 14 de abril de 1998, é uma associação civil sem fins econômicos, com sede e foro em Porto Alegre (RS), será regida por este Estatuto e pelo Regimento Interno.

Art. 2º – O IPDAE é uma organização de caráter assistencial, educacional e cultural, sem vinculação político-partidário, com duração ilimitada.

Art. 3º O IPDAE tem como missão promover o ser humano.

Art. 4º – O IPDAE cumprirá sua missão por meio dos seguintes valores:

- I – propiciar atividades culturais e de arte-educação através das quais os participantes terão possibilidade de redimensionar e ampliar seus horizontes de vida;
- II - possibilitar o desenvolvimento das potencialidades latentes de crianças, adolescentes e adultos;
- III – incentivar, favorecer e promover a educação social, a cooperação comunitária e o serviço voluntário;
- IV – promover a educação, musical, artística, cultural, ambiental, esportivo e social;
- V – trabalhar, durante o processo de desenvolvimento de suas atividades, para a adequada formação de seus participantes, mostrando-lhes valores éticos necessários para uma vida coerente, digna e humana, em que o respeito ao próximo deva ser a tônica constante, independentemente de credo e condição social;
- VI – promover o acesso e o fomento à leitura e ao conhecimento através da Biblioteca Leverdógil de Freitas;
- VII – promover a Educação para o Patrimônio através do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, mantendo-o e administrando-o;
- VIII- gerir a Escola de Música IPDAE, bem como os grupos musicais constituídos pelo público alvo da missão do Instituto.

Art. 5º – O IPDAE não remunera, nem concede vantagens ou benefícios, por qualquer forma ou título, a seus diretores, associados, conselheiros, instituidores, benfeitores ou equivalentes.

Art. 6º – O IPDAE aplica, integralmente, suas eventuais rendas, recursos e resultados operacionais na manutenção e desenvolvimento dos objetivos institucionais no território nacional.

Art. 7º – O IPDAE não distribui resultados, dividendos, bonificações, participações ou parcela do seu patrimônio sob nenhuma forma ou pretexto.

Fonte: Arquivo Institucional MCLP/MFR

ANEXO C**Ata de Proposta de Constituição do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro***Térmo de Abertura*

Este livro de Atas destina-se ao registo das reuniões da Equipe Gestora e da Comissão de Constituição do Museu da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião do Instituto Popular de Arte Educação.



Ata 001

Aos vinte e sete dias do mês de janeiro do ano de dois mil e cinco, às dezesseis horas, na casa da família Remião, reuniram-se, para apresentação da proposta de constituição do Museu da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião, doravante denominados, nesta Ata, Museu e Memorial, que terá sede neste endereço, pessoas interessadas, cujos nomes encontram-se em lista de presença, que será anexada a este livro, ao final desta Ata, nas páginas subsequentes a ela. A pauta desta reunião é a seguinte: apresentação individual dos participantes, apresentação dos objetivos do Museu e Memorial, das metas estabelecidas, apresentação da Equipe Gestora, da proposta, bem como, constituição da Comissão.

Após a abertura dos trabalhos, com a inscrição das pessoas em lista, digo, lista de presença, foi feita a apresentação individual de todos os participantes. A seguir, Fátima Flores, diretora do IPDAE, fez um agradecimento à Família Remião e falou sobre os objetivos desta reunião que são: apresentar a proposta do Museu e Memorial, apresentar a Equipe Gestora e formar a Equipe de Organização do Museu e Memorial, da qual poderá participar qualquer pessoa interessada. Fátima Flores falou, ainda, dos objetivos do Museu e Memorial, que são a educação patrimonial, o resgate das tradições orais e da história local. As metas estabelecidas, para o Museu e Memorial, são a abertura à visitação pública, com a orientação de guias, e o estabelecimento de rotas culturais, na Lomba do Pinheiro, guiadas por moradores da região.

ANEXO D

Ata Fundação Associação de Moradores da Vila Recreio da Divisa

001

ATA Nº 01/88
DA FUNDAÇÃO

Aos dias dezessete de Janeiro de mil novecentos e oitenta e oito, às quatorze horas, convocada pela comissão eleitoral, através de circulares e convites, reuniram-se os moradores do loteamento Recreio da Divisa, para fundarem e fundaram a Associação de Moradores, visando a organização da comunidade, a solução dos problemas comuns e a promoção integral da pessoa humana. Os presentes assinaram a folha de presença e escolheram os senhores Darci Barcellos Gomes da Silva e Walter Ribeiro Araujo, para Presidir e Secretariar a presente Assembleia, foi aprovado a seguinte Ordem do Dia: a) Exposição dos motivos da Assembleia, b) Leitura, apreciação e aprovação dos estatutos, c) Eleição da Diretoria e do Conselho-Fiscal, por todos os presentes. Na exposição de motivos, falou-se da finalidade da Associação, quanto aos Estatutos o secretário leu-os puderam opinar e sugerir e foi por todos aprovados, quanto a forma de eleição, ficou decidido por todos que seria da seguinte forma por aclamação, sendo eleitos; Presidente: Darci Barcellos Gomes da Silva, Vice-Presidente: Lício-mar Boero da Silva, Secretário: Atila Valentim Ferreira Traçante, Vice-Secretário: Walter Ribeiro Araujo, Tesoureiro: Felício Conceição Ferreira Traçante, Vice-Tesoureiro: Maria Ester Machado Trindade, Conselha-Fiscal Efetivos: Danielson da Silva e Silva, Salos Ferreira Traçantes e Renato Celestino. Conselho-Fiscal Suplencia: Isabel Cristina dos Santos, Ofelia Barcellos-Nascimento. Foi escolhido

ANEXO E

Autorização para Fundação José de Paiva Neto/TVBrasil gravar Programa no
MCLP/MFR

Instituto Popular de Arte-Educação
Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro

Porto Alegre, 23 de maio de 2011.

Ofício: 03/2011

À Sra. Déborah Caroline Cearamicoli Barbosa
FJPN – Projetos Culturais
São Paulo/SP

Prezada senhora com muita satisfação e li-
sonja recebemos a notícia da Seleção do Museu Comunitário Lomba do Pi-
nheiro para fazer parte do Programa “Conhecendo Museus” segunda edição.

Vimos por meio deste, conceder autoriza-
ção para a realização de gravações, a serem utilizadas para o programa acima
citado, com prévio contato e horário agendado.

Atenciosamente,

Cláudia Feljó da Silva
Coordenadora/MCLP

Avenida João de Oliveira Remião, 2.874 – Parada 06
Lomba do Pinheiro– Porto Alegre/RS – CEP: 91560-000
Tel.: (51) 33527131 museu@ipdae.org
www.ipdae.org

